

CIÊNCIA & LUTA de CLASSES

Versão Digital

Revista de Teoria Marxista-Leninista/Ano I Vol.2 N°2 janeiro/junho de 2015

ISSN: 2358-3444 R\$ 10,00



Crise do capital e as lutas anti-imperialistas

CEPPES REGGEN

Centro de Educação Popular e Rede de Economia Global
Pesquisas Econômicas e Sociais e Desenvolvimento Sustentável

***X INVERTA**

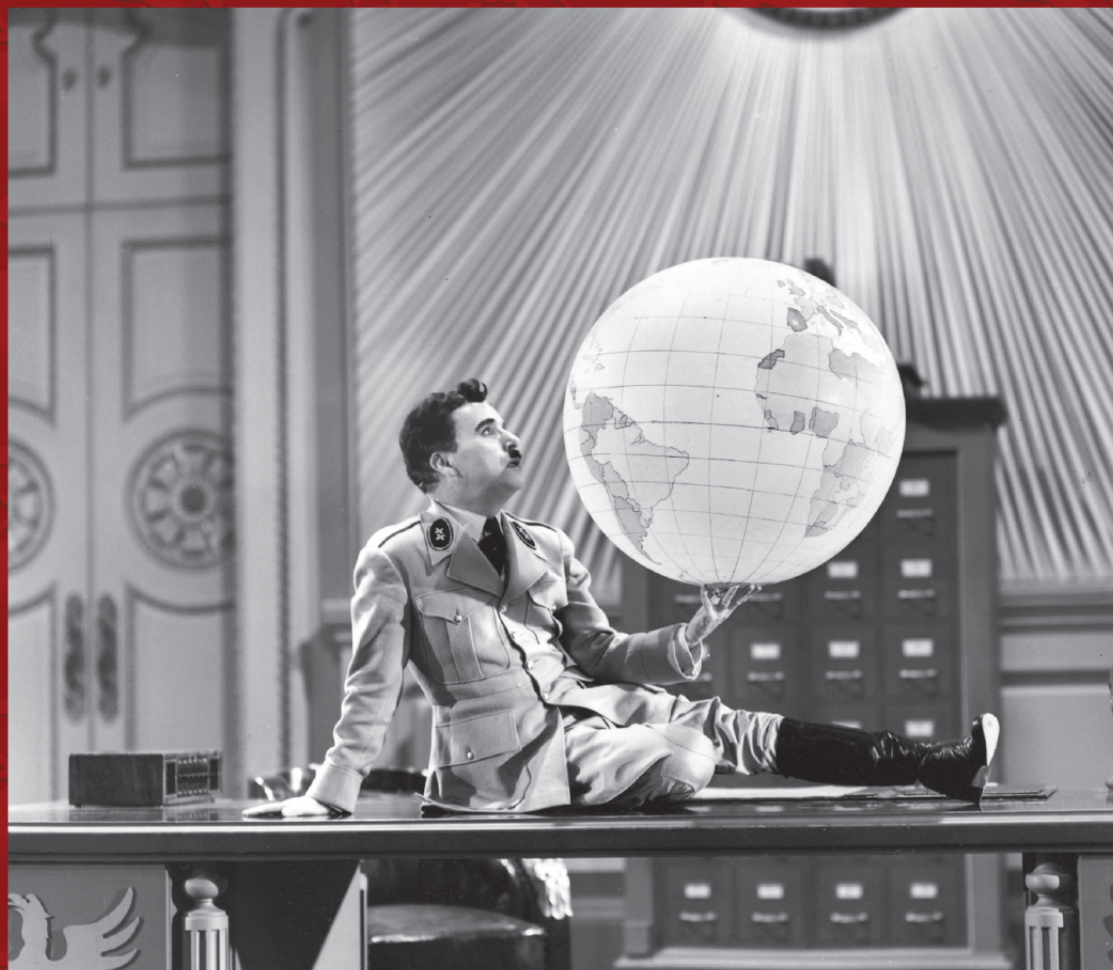
Cooperativa de Trabalhadores em
Serviços Editoriais e Noticiosos Ltda

Nesta Edição

Aluisio Pampolha Bevilacqua; Theotônio dos Santos; Lincoln de Abreu Penna; Sérgio Sant'Anna; José Augusto Di Jorge Vasconcellos; Fábio Fernandes Villela; Antonio Cícero Sousa; Wilson Ferreira; Roberto Santana Santos

Artigos

A crise orgânica do capital: o valor, a ciência e a educação; Estado e especulação; A nova etapa do imperialismo – a transição do capitalismo ao socialismo; A integração regional como estratégia de política de Estado do Brasil na geopolítica internacional; Experiência pedagógica no progressismo desenvolvida em 1969 na Ilha de Paquetá; Homens plenos, sem enigmas; A produção de telejornais e telenovelas em tempos de crise do capital; Série Cinema e Sala de Aula: Lotman, "Argo" e "Ghost Army": guerra e cinema através do conceito de semiosfera.



Na edição atual, procuramos situar a crise do capitalismo contemporâneo, com destaque para o capital e a teoria do valor, o papel do Estado e a formação de blocos regionais e as lutas anti-imperialistas.



Entrevista com o cineasta Silvio Tendler

Seus documentários *O mundo mágico dos trapalhões*, *Jango* e *JK* detêm as maiores bilheterias desse gênero no Brasil.

Editorial

Os impactos das guerras imperialistas, com o êxodo de milhares de pessoas atravessando “desertos” para encontrar um pouco de paz, estão vivos em nossas mentes e nos atordoam e devem nos levar a compreender melhor a relação desses novos *pogroms* com a crise do capital.

Como forma de situar nossos leitores na temática do nosso número atual, recordemos que o recurso às guerras imperialistas vai ser cada vez mais usado pelo imperialismo, como lembrou V. I. Lênin.

O líder político e pensador russo definiu a nova fase do capitalismo em três níveis. No primeiro, quando afirma que o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo, assim compreenderia a hegemonia do capital financeiro, resultado do capital bancário associado ao capital das associações monopolistas de industriais, por outro lado, a partilha do mundo promoveria a transição da política colonial para a política colonial de posse monopolista do planeta.

Numa definição mais abrangente, distingue cinco traços fundamentais:

1) a alta concentração da produção e do capital, responsável pelo surgimento dos monopólios; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial, originando o capital financeiro e a oligarquia baseada nesse capital; 3) aumento da importância da exportação de capitais em detrimento da exportação de mercadorias; 4) a formação de associações internacionais monopolistas que partilham o mundo entre si; 5) e o fim da partilha territorial do mundo entre as potências imperialistas, tornando a guerra o meio recorrente para a saída das crises do modo de produção; o autor frisa que novas partilhas podem ocorrer alimentadas pelas rivalidades interimperialistas

A terceira definição preocupa-se com as variedades do monopólio, que seriam as seguintes: O monopólio é produto da concentração da produção num grau muito elevado do seu desenvolvimento. Os monopólios vieram intensificar a luta pela conquista de fontes de matérias-primas. O monopólio surgiu dos bancos, transformados em monopolistas do capital financeiro. O monopólio nasceu da política colonial.

Ampliando a argumentação do caráter de transição do imperialismo, Lênin destaca a socialização da produção que as empresas monopolistas promovem, assim pode-se perceber que as relações econômicas e de propriedade privadas constituem um invólucro que não corresponde mais ao conteúdo. Essa socialização da produção não é um simples entrelaçamento, traço que mais salta aos olhos, mas insuficiente para explicar relações sociais que mudam continuamente e que atinge um elevado grau de coordenação e organização.

Os estudos mais recentes têm criticado a substituição do conceito imperialismo por império e multidão e reafirmado a incontestável autoridade intelectual da teoria de Lênin na compreensão do capitalismo contemporâneo.

Abrimos nossa nova edição com um dossiê sobre a crise do capital e a guerra imperialista, que foi tema do IX Seminário de Lutas contra o Neoliberalismo, realizado em setembro de 2014 para comemorar os 23 anos do Jornal INVERTA, 22 do Granma Internacional e 10 do acordo com a Prensa Latina no Brasil. Na edição

atual procuramos situar no quadro geopolítico, os fenômenos do imperialismo, da formação dos blocos regionais, da educação e da ciência.

O artigo *A crise orgânica do capital: o valor, a ciência e a educação*, de Aluisio Pampolha Bevilaqua, tem como objetivo demonstrar que a essência da crise do capital atual reside na erosão do paradigma de valor, que se expressa na relação tempo de trabalho socialmente necessário; e que a ciência e a educação desempenham papel *sine qua non* no processo de crise e de sua superação (a transição a novo paradigma de valor, o do *tempo disponível* da sociedade).

Theotonio dos Santos, em *Estado e especulação*, analisa o novo papel do Estado diante das transformações da economia mundial. Tal característica da economia parece avançar para uma globalização que indicaria o enfraquecimento dos Estados nacionais. O artigo mostra, contudo, que são estes Estados nacionais que possibilitam este crescente intercâmbio econômico mundial. Dá-se especial ênfase ao surgimento de poderosos Estados nacionais como resultado do processo de descolonização produzido a partir do final da Segunda Guerra Mundial

O artigo *A nova etapa do imperialismo – a transição do capitalismo ao socialismo*, de Lincoln de Abreu Penna, tem como objetivo atualizar o debate em torno da elaboração teórica original de Lênin sobre o imperialismo, comparando-a com estudos mais recentes que destacam a ampliação do significado de conceitos como democracia e república.

O estudo de Sant’Anna, *A integração regional como estratégia de política de estado do Brasil na geopolítica internacional*, procura fundamentar a política de integração regional na América Latina e Caribe e seu papel como expressão contra-hegemônica ao neoliberalismo e formação de uma hegemonia compartilhada onde os Estados Unidos, a Europa unificada e o Japão teriam menor poder de persuasão.

José Augusto Di Jorge Vasconcellos, em *Experiência pedagógica no progressismo desenvolvida em 1969 na Ilha de Paquetá*, expõe a aplicação da filosofia pragmática de John Dewey no estudo da fauna marinha da ilha de Paquetá, feito por alunos da escola secundária com orientação dos professores, em 1969. O relatório de pesquisa permaneceu inédito até hoje e sua publicação, certamente, permitirá avançar na compreensão da influência da chamada Escola Nova no Brasil.

O artigo *Homens plenos, sem enigmas*, de Fábio Villela, por sua vez, vem à luz no momento mesmo em que os Cinco Heróis Cubanos voltam à sua pátria. O artigo tem por objetivo apresentar um feixe de possibilidades das relações entre “educação e trabalho” em Cuba. O autor apresenta Antonio Guerrero Rodriguez, um dos Cinco, como exemplo dessa formação plena que caracteriza a educação em Cuba.

O artigo *A produção de telejornais e telenovelas em tempos de crise do capital*, de Antonio Cícero Sousa, tem como hipótese central que as transformações recentes no modo de produção capitalista subvertem o papel tradicional do telejornalismo, tornando-o menos propenso reivindicar neutralidade e reafirma o papel de mobilização emocional da teledramaturgia.

Para Ferreira, em *“Argo” e “Ghost Army”: guerra e cinema através do conceito de semiósfera* o conceito oferece possibilidades explicativas das complexidades que envolvem as relações entre o real e a abstração. Tem como objeto a análise de duas situações: a simulação da guerra no chamado Ghost Army, implementado pelos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial e a versão cinematográfica de um episódio da crise diplomática envolvendo reféns na embaixada dos Estados Unidos no Irã em 1979.

A entrevista com Silvio Tendler reflete a rica trajetória do cineasta e sua recente fase extremamente produtiva, como também confirma que a história tem sido criativo objeto de pesquisa por cineastas, cuja maior expressão, entre nós, certamente é o autor de *Marighella, retrato falado do guerrilheiro*.

Com a entrevista de George Jackson inauguramos nova seção onde passaremos a divulgar documentos históricos relevantes.

Convidamos você, leitor de C & LC, a manter este diálogo entre a pesquisa e as lutas sociais para que possamos melhor cumprir nossa missão.

Comissão de Edição

A Crise orgânica do capital: o valor, a ciência e a educação

Aluisio Pampolha Bevilaqua

Cientista Político pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre e Doutorando em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Bolsista do CNPq; Professor e Pesquisador do Centro de Educação Popular e Pesquisas Econômicas e Sociais (CEPPES) e da Rede e Cátedra em Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN) da UNESCO e da Universidade das Nações Unidas (UNU).

Resumo

O presente artigo *A Crise Orgânica do Capital: o Valor, a Ciência e a Educação* tem por finalidade apresentar uma síntese da parte principal da pesquisa, sob igual título, cujo objetivo é demonstrar que a essência da crise do capital atual reside na erosão do paradigma de valor, a relação tempo de trabalho socialmente necessário; e que a ciência e a educação desempenham papel *sine qua non* no processo de crise e de sua superação (a transição a novo paradigma de valor, o do *tempo disponível* da sociedade). Finalmente, diante desta tendência, sugere a formação de núcleos de estudos pedagógicos estratégicos para desenvolver uma nova formulação pedagógica.

Palavras-chave: Crise, Capital, Paradigma, Ciência, Educação

Abstract

This Article *The Organic Crisis of Capital: Value, Science and Education* aims to provide a summary of the main part of the ongoing research under the same title, which aims to demonstrate that the essence of the current crisis of capital lies in the erosion of the paradigm of value, the socially necessary labor time relationship; and that science and education play a role *sine qua non* in the process of crisis as well as in the means to overcome it (the transition to a new paradigm of value, that of society's *free time*). Finally, faced with this trend, the article suggests the formation of nuclei of strategic pedagogical studies to develop a new pedagogical formulation.

Keywords: Crisis, Capital, Paradigm, Science, Education

Resumen

El presente artículo *La Crisis Orgánica del Capital: el Valor, la Ciencia y la Educación* tiene por finalidad presentar una síntesis de la parte principal de la investigación con igual título, cuyo objetivo es demostrar que la esencia de la actual crisis del capital reside en la erosión del paradigma de valor,

la relación tiempo de trabajo socialmente necesario; y que la ciencia y la educación desempeñan papel *sine qua non* en el proceso de crisis y de su superación (la transición al nuevo paradigma de valor, el de *tiempo disponible* de la sociedad). Finalmente, frente a esta tendencia, sugiere la formación de núcleos de estudios pedagógicos estratégicos para desarrollar una nueva formulación pedagógica.

Palabras Llaves: Crisis, Capital, Paradigma, Ciencia, Educación

1. INTRODUÇÃO

Como corpos celestes que uma vez lançados em determinado movimento sempre o repetem, assim é a produção social tão logo tenha sido colocada naquele movimento de expansão e contração alternadas.

(MARX, 1985, Vol. II, p. 201)

O presente artigo é uma síntese da tese em elaboração sob o tema *A Crise Orgânica do Capital: o Valor, a Ciência e a Educação*, que constitui a segunda parte de um plano de investigação mais amplo dividido em três etapas: a primeira constituiu-se da dissertação de mestrado sob o título *A Crise do Capital em Marx e suas Implicações nos Paradigmas da Educação: Uma Contribuição ao Repensar Pedagógico no Século XXI*, (BEVILAQUA, 2011); a segunda constituiu-se da presente tese; e a terceira, de um projeto de pesquisa de pós-doutorado sob o tema *A Crise do Capital e Paradigmas de Transição para Uma Formação Humana Nova*. A tese em questão tem por objetivo aprofundar a investigação e o conhecimento das relações entre o conceito de capital, em seu momento de crise; o conceito de ciência, em seu momento de paradigma; e o conceito de educação, em seu momento de pedagogia; problematizando-as neste período histórico crítico vivido pela sociedade humana (MÉSZÁROS, 2002; KRUGMAN, 2009) em suas formações socioeconômicas variadas, em especial a sociedade brasileira, sob o enfoque teórico da obra de Marx e da literatura marxista contemporânea.

A relevância temática consiste, por um lado, na hipótese de que a característica principal da crise atual do capital deriva da erosão do paradigma de valor (base em que se assenta todo o sistema de relações econômicas da sociedade), mais precisamente, da perda de validade da estrutura de mensuração do valor, definida por Marx (1985; 2009) como relação tempo/trabalho (ou tempo de trabalho socialmente necessário), causado pelo emprego da ciência e do conhecimento geral (capital fixo) no processo de produção, configurando uma crise orgânica do capital e de paradigma geral de seu sistema; um tema ainda pouco investigado nos trabalhos acadêmicos, mas que tende a crescer na atualidade. Por outro lado, na hipótese derivada de que a ciência e a educação desempenham um papel decisivo para o processo histórico desta crise do paradigma de valor e de transição da sociedade humana para uma nova formação socioeconômica, assentada em novo paradigma de valor. Em consequência da relevância destas hipóteses para a educação, deriva-se a proposição, em tese, da constituição de núcleos de estudos pedagógicos estratégicos que acompanhem e desenvolvam fundamentos teóricos e práticos para um novo modelo educacional destinado a uma nova formação humana (MARX, 2009; MÉSZÁROS, 2002).



Marx (selo)

Em síntese, a temática da tese sustenta-se em: a) evidências teóricas e empíricas que permitem afirmar que a crise do capital atual caracteriza-se como uma crise do paradigma do valor em sua expressão de tempo socialmente necessário; b) que estas evidências permitem também identificar uma nova relação social de valor, o tempo livre social, que tende a firmar-se como paradigma alternativo ao vigente; e c) que a partir deste novo paradigma, do tempo livre social, seja possível esboçar uma proposta pedagógica avançada e consequente com as conquistas comuns da humanidade até a fase de desenvolvimento histórico atual da ciência e da educação.

O trabalho de investigação precedente – a dissertação de mestrado – apresentou um quadro robusto de evidências teóricas e empíricas que sustenta a hipótese e a problemática de que a crise do capital atual é distinta das crises ocorridas nos últimos dois séculos e meio (BEVILAQUA, 2011). Esta diferença essencial entre a crise atual e as pretéritas não apresenta-se tão somente na forma e essência causal de sua incidência (financeira e erosão do paradigma de valor), mas sobretudo em conteúdo histórico e significado lógico (transição e mudança de paradigma), considerando sua particularidade em relação à configuração abstrata desenvolvida por Marx nos *Grundrisse* (2009, Vol. II, p. 245-253), obra em que projeta a tendência de aplicação do capital fixo no processo de produção e trabalho, inferindo desta a crise da estrutura orgânica da categoria valor no sistema do capital. A perda de efetividade da relação de mensuração do valor, o *tempo de trabalho necessário*, configura a transição desta estrutura para a relação fundada no *tempo livre* (ou disponível) da sociedade, como observa-se nesta passagem escrita por Marx há mais de um século e meio:

“O próprio capital é a contradição no processo, [devido ao fato de] que tende reduzir a um mínimo o tempo de trabalho como única medida e fonte da riqueza. [...] Por um lado, desperta à vida todos os poderes da ciência e da natureza, assim como da cooperação e do intercâmbio sociais para fazer com que a criação da riqueza seja (relativamente) independente do tempo de trabalho empregado nela. Por outro lado, propõe-se medir com o tempo de trabalho essas gigantescas forças sociais criadas desta maneira e reduzi-las aos limites requeridos para que o valor já criado se conserve como valor. [...] De fato, no entanto, constituem as condições materiais para fazer explodir essa base pelos ares. ‘Uma nação é verdadeiramente rica quando em vez de 12 horas se trabalha seis. Riqueza não é disposição de tempo de mais trabalho’ (riqueza efetiva), ‘mas tempo disponível, aparte do usado na produção imediata, para cada indivíduo e toda a sociedade’ (The Source and Remedy, etc., 1821. p.6)”. (MARX, 2009, Vol. II. p. 229).

A questão fulcral da problematização temática da tese é definir até que ponto a crise teorizada por Marx nos *Grundrisse* (2009), a partir da abstração da tendência de aplicação em absoluto do capital fixo no processo de produção, corresponde à crise atual; respondê-la exige a superação de dois obstáculos: a) fixar qual é o modelo de crise em Marx, sobre o pressuposto da aplicação absoluta do capital fixo em relação inversa ao capital variável no processo de produção e expressá-lo matematicamente; b) confrontar este modelo com a realidade atual e identificar os elementos que confirmam ou refutam o mesmo. A solução destes obstáculos exige tanto pesquisa bibliográfica que sustente uma conclusão lógica ou tese teórica sobre a característica essencial da crise, quanto investigação empírica que comprove sua incidência e características no processo de produção da sociedade atual. É esta análise que identifica os elementos e tendências relevantes que podem conduzir a educação e a ciência para uma posição mais avançada em relação à sua situação atual.

Nestes termos, a linha problemática exige que a investigação demonstre, em primeiro lugar, que o modelo de crise formulado sustenta-se diante de contraprovas ao estilo da falsificação da ciência de Popper (1978) ou da ciência como programa, de seu discípulo Lakatos (1998). As evidências que sugerem este fato encontram-se, por um lado, na literatura contemporânea marxista e não marxista como Mészáros (2002), Hardt e Negri (2003), Vercellone (2011), Rosdolsky (2001) e Bensaïd (1999), entre outros que tematizam a questão do valor em Marx; e por outro lado, nos relatórios e estatísticas oficiais das instituições internacionais como Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo Monetário Internacional (FMI), entre outras. Em segundo lugar, que o dilema da censura epistemológica kantiana, que limita o instrumental metodológico a categorias do entendimento formais e antinômicas sobre o objeto, é superado pelo método dialético da concepção do materialismo histórico, que sustenta categorias teóricas que permitem a relação analítica entre meios e fins da pesquisa, conhecendo o objeto em si. Superadas as dificuldades ou obstáculos a uma epistemologia do conceito e procedimento científicos, o trabalho expõe sistematicamente suas conclusões da investigação, postulando a tese à aplicação fática (BACHELARD, 1978).

O referencial teórico que sustenta a validade das provas a partir das evidências teóricas e empíricas arroladas na investigação tem em Marx sua base principal e como base auxiliar as formulações de Thomas Kuhn (1971), Max Horkheimer (2003), Gaston Bachelard (1978) e novas contribuições presentes na literatura marxista ou

mesmo não marxista contemporânea. Esta posição não contraria de modo algum o método em Marx, segundo o *Prefácio a Contribuição à Crítica da Economia Política*:

“Ao considerar tais alterações é necessário sempre distinguir entre a alteração material – que se pode comprovar de maneira cientificamente rigorosa – das condições econômicas de produção, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, das formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência deste conflito, levando-o às suas últimas consequências”. (MARX, 1977, p. 29).

Desta forma, o presente artigo está estruturado nos seguintes tópicos: 1) introdução, que apresenta o tema, o problema, o objetivo e a justificativa da tese, com indicações metodológicas do artigo; 2) exposição das principais evidências históricas da crise orgânica do capital, a partir da bibliografia sobre a temática; 3) análise das principais evidências teóricas da crise de paradigma de valor e suas relações conceituais com a ciência e a educação; 4) a conclusão, que sustenta a proposição da formação dos núcleos estratégicos pedagógicos; 5) as referências bibliográficas indicando os trabalhos citados e consultados; e 6) os anexos, com evidências empíricas sobre a crise. O método aplicado ao trabalho é o marxista, isto é, o materialismo histórico e dialético, apoiado na epistemologia e na análise comparativa.

2. EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS

A tese sustenta-se historicamente na concepção de que a revolução industrial se desenvolveu em três etapas, seguindo o processo de objetivação do homem em autômato (máquina e sistema de máquinas) proposto por Marx ao analisar a revolução industrial em *O Capital*, a partir das três partes de que se compõe a máquina: a máquina-ferramenta, a máquina-motor e os mecanismos de direção e transmissão. Seguindo esta ordem, pode-se afirmar que a primeira etapa (entre 1760 e 1840) foi caracterizada pela revolução da “máquina-ferramenta”, substituindo o operário no controle manual da ferramenta; a segunda (de 1848 até 1945), pela máquina motriz, que substitui a força muscular humana pela força mecânica da natureza até o desenvolvimento da energia nuclear; e a terceira, substitui o cérebro humano pelo mecanismo cibernético e programas inteligentes ou mais precisamente pela informática (de 1958 até o momento atual). Ao completar esta última etapa, chegando ao autômato “inteligente”, o capital conduziu o processo de substituição do trabalhador pela máquina ao patamar da desfiguração total da estrutura de composição do valor nos produtos (MARX, 2009; 1985). Neste contexto, a composição orgânica do capital mudou qualitativamente, passando da estrutura de valor da relação tempo/trabalho necessário à estrutura de valor assentada na relação de tempo livre do trabalho ou disponível da sociedade (MARX, 2009).

Não é possível entender este processo sem a correlação com a luta dos trabalhadores nos países do capitalismo avançado e nos países que passam ao socialismo ou lutam pela libertação e independência nacional durante os séculos XIX e XX, alterando as relações entre o capital e o trabalho em partes ou na totalidade da economia mundial. A competição entre os próprios capitalistas também explica parcialmente a alteração radical da composição do capital, apesar dos fóruns e instâncias de articulação e consenso no plano nacional e internacional. Contudo, a questão mais evidente

são as crises cíclicas de superprodução e sobreacumulação no curso de dois séculos e meio, cuja superação tende à aplicação plena da ciência e da educação, subsumidas ao capital, ao processo de produção e trabalho. Sob o argumento escatológico de superação das crises e das lutas entre e intraclasses, altera-se constantemente a composição do capital mediante a introdução crescente do capital fixo em relação à força de trabalho viva, substituindo o homem pela máquina; processo visível nos movimentos de expansão e contração, ou globalização e crise seguindo a formulação das etapas da revolução industrial ou científico-técnica derivada das três partes da máquina. Sobre este pressuposto, a crise atual se apresenta como o fim de um ciclo de globalização ou expansão do capital fundado na última etapa de objetivação do trabalhador em autômato inteligente, a denominada *revolução informacional*, reduzindo ao mínimo o tempo de trabalho socialmente necessário na composição de valor das mercadorias, completando assim a desestruturação do paradigma de valor e riqueza em que se assentam as relações sociais e a sociedade em geral, conduzindo a crise orgânica do capital e seu sistema a uma crise de transição para novo paradigma de valor e sistema social.

Neste contexto, a ciência e a educação passam a desempenhar papéis ainda mais relevantes e decisivos, principalmente nos países do capitalismo avançado, no desencadeamento e superação da crise do capital, porque passam a dominar a composição orgânica do capital e o desenvolvimento do processo de produção e trabalho (MARX, 2009), tornando o paradigma de valor da relação capital, o tempo socialmente necessário, profundamente estreito para mensurar o valor que incorporam, como *general intellect* e forças produtivas sociais, aos produtos. Embora o grau de composição orgânica do capital expresse a subsunção real do trabalho ao capital em sua unidimensionalidade como reprodução ampliada, a aplicação de leis como de propriedade intelectual e patentes denuncia o retorno à subsunção formal para controlar a rebelião das forças produtivas contra as relações sociais de produção e manter a composição do valor até então criado (MARX, 2009).

Nesta nova realidade, a atividade científica e educativa tende a transformar-se em momento de subversão geral dos paradigmas estabelecidos ou a sucumbir em vastas contradições inelutáveis com o próprio processo de produção, mergulhando a ciência em crise de paradigma que se transfere para a educação mediante a pedagogia (HORKHEIMER, 2003), retroalimentando-se. Assim constitui-se o hiato entre educação e produção, docente e discente, escola e vida. Um processo que degrada a ciência e a educação e conduz à perda de sua dimensão social e caráter público (FRIGOTTO, 2010). A subversão a que a ciência e a educação são impulsionadas encontra forte aliado na população disponível ou redundante, efetiva ou latente, no exército ativo e de reserva dos trabalhadores (MARX, 2009; HORKHEIMER, 2003). O que implica um problema pedagógico estratégico pensar esta aliança histórica na escola, na universidade, na fábrica, na agricultura e na sociedade. Uma aliança que transforme o cérebro social em força social consciente de si e para si (GRAMSCI, 1971).

3. EVIDÊNCIAS TEÓRICAS

A tese da crise do paradigma de mensuração do valor insere-se na teoria do valor desenvolvida por Marx e mediatizada pelos conceitos de crise, paradigma e pedagogia, subsumidos ao conceito de capital. Neste caso, compreende a análise destas categorias

e suas relações desenvolvidas no trabalho de investigação anterior - a dissertação de mestrado - e adiciona o conceito de valor no centro das relações e da análise teórica entre estas categorias. Portanto, ao contrário de uma definição menos precisa, como são os casos das categorias crise, paradigma e pedagogia, a categoria valor é um conceito muito mais definido em Marx, inclusive projetado em análises abstratas de tendências latentes no processo de produção do capital e seu sistema social. Deste modo, o referencial teórico principal se sustenta nas obras de Marx: os *Grundrisse* (2009), a *Contribuição para a Crítica da Economia Política* (1977) e *O Capital* (1985; 1986a).

A hipótese da diferença essencial entre a crise atual e as anteriores não está no fenômeno da alteração e variação da composição orgânica do capital, que matematicamente pode ser expressa pela proporção entre c/v (c = capital constante e v = capital variável) ou pela proporção de valor do capital constante no capital total $c/(c+v)$ e a proporção de valor do capital variável no capital total $v/(c+v)$ (MARX, 1985, Vol. II, p. 187 e 199). Esta variação da composição orgânica é um processo que se desenvolve historicamente desde a subordinação real do trabalho à relação capital, cujo marco é a passagem da reprodução ou acumulação simples à ampliada derivada da revolução industrial, processo que aprofunda a introdução do mecanismo (a máquina) na mediação entre o trabalho vivo e o material de trabalho (a natureza), e dá lugar à mais-valia relativa e à formação da “superpopulação relativa” ou “exército industrial de reserva” (MARX, 1985, Vol. II, p. 200). A unidade e luta entre esta Lei Populacional, a Lei da Produtividade Crescente, a Lei da Concentração e a Lei do Valor, que se condensam na Lei Geral da Acumulação Capitalista durante a rotação do capital (MARX, 1985, Vol. II, p. 209), desdobra-se em Crise Geral, determinando o caráter principal da mesma e expondo a relação inversa entre a magnitude da acumulação do capital no polo capitalista e a magnitude da miséria e tortura do trabalho acumuladas “do lado da classe que produz seu próprio produto como capital”. (MARX, 1985, Vol. II. p. 210).

Neste aspecto, a diferença essencial entre a crise do capital atual e as pretéritas constitui-se precisamente no domínio da Lei do Valor sobre a Lei Geral da Acumulação, justamente quando o próprio paradigma de mensuração de valor entra em crise, constituindo uma Crise das crises. Este processo é o resultado direto do grau a que chegou a composição orgânica devido à última etapa da revolução na máquina – a revolução informacional –, enquanto processo de objetivação do trabalho vivo, que reduziu ao mínimo o tempo socialmente necessário na composição de valor, tornando-o limitado para mensurar a força produtiva social da ciência e do conhecimento, ou intelecto geral incorporado ao capital constante. A pesquisa, deste modo, sustenta que a estruturação geral da sociedade se assenta na relação de valor expressa entre x de $A = y$ de B , por meio de t ($t = quantum$ de trabalho socialmente necessário), que tende a perder sua efetividade como paradigma de mensuração de valor na razão inversa do aumento da composição orgânica (c/v) do capital. Nestes termos, o desenvolvimento desigual desta composição entre os ramos de produção, os departamentos da economia e entre os países capitalistas torna a troca de mercadorias, com base na relação de valor fundada em t ($t = quantum$ de trabalho socialmente necessário), uma relação desproporcional e especulativa, não tanto pela nivelação do valor expresso em preços das mercadorias através da Taxa Média Global de Lucros; mas sobretudo pela incomensurabilidade da ciência e do conhecimento geral incorporados ao valor da mercadoria através do capital fixo, frente ao qual o paradigma do tempo socialmente necessário se torna uma medida miseravelmente estreita para determiná-lo. Portanto,

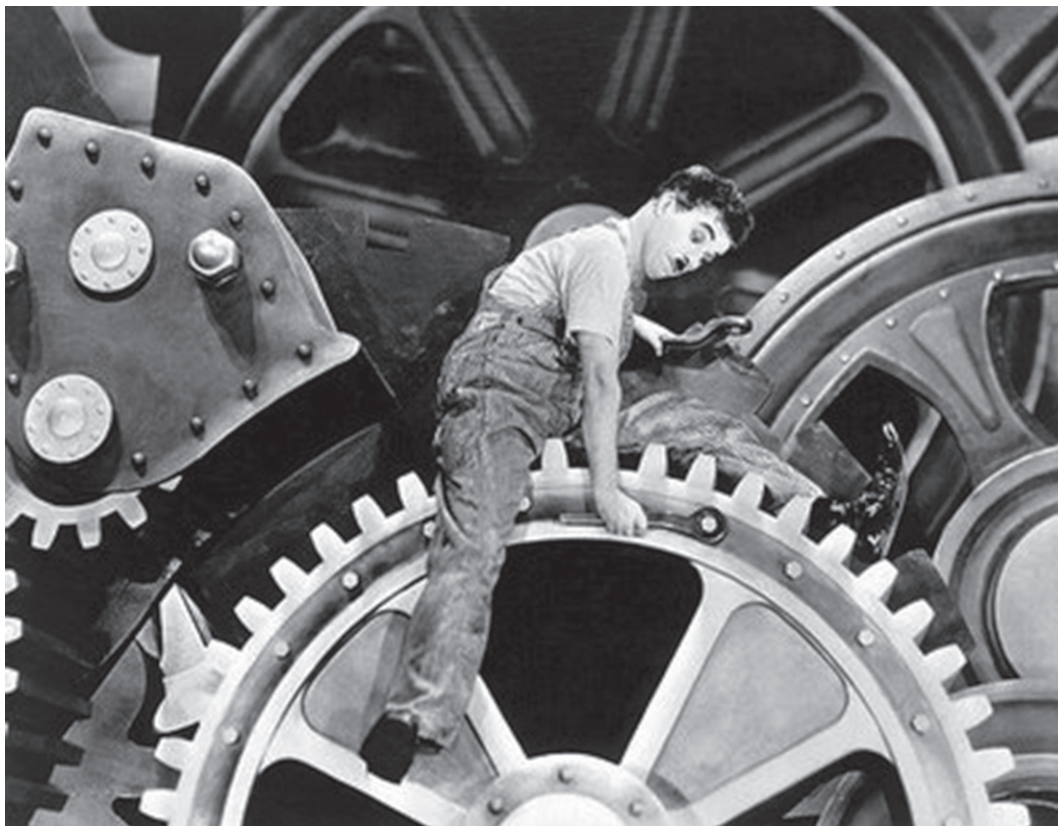


Imagem de *Tempos Modernos* (1936), de Chaplin.

a crise na relação de valor faz desmoronar o pilar principal do sistema do capital e ameaça a sua existência socioeconômica e sociometabólica, como Marx enunciou nos *Grundrisse* há mais de um século e meio:

“O roubo do tempo de trabalho alheio, sobre o qual se funda a riqueza atual, aparece como uma base miserável comparada a este fundamento, recém-desenvolvido, criado pela própria grande indústria. Assim que o trabalho em sua forma imediata deixe de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixa, e tem que deixar, de ser sua medida e portanto o valor de troca [deixa de ser a medida] do valor de uso. [...] Com isto se desmorona a produção fundada no valor de troca e do processo de produção imediato é retirada a forma de necessidade apremiante e o antagonismo”. (MARX, 2009, Vol. II, pp.228-229).

Mas a tese da crise do capital fundada na crise de paradigma do valor também encontra referência relevante na literatura marxista contemporânea, como se pode observar em Mészáros (2002), Hardt e Negri (2003), Vercellone (2011), Rosdolsky (2001), Bensaïd (1999), entre outros. Embora não seja um debate inédito na teoria marxista e nem no mundo acadêmico, enquanto crise de paradigma, tal debate ainda não se cristalizou em definitivo, nem mesmo na economia política, onde a polêmica em torno do conceito de valor constitui controvérsia tão antiga quanto o processo histórico de desenvolvimento dos elementos ou pré-condições ao sistema do capital. Do ponto de vista da teoria marxista, o debate antecede os *Grundrisse*, a *Contribuição para a Crítica da Economia Política* e *O Capital*, e muito menos se encerra neles, como se pode observar na resposta de Marx a Adolfo Wagner, em suas *Notas Marginais ao Tratado de Economia Política de Adolfo Wagner* (MARX e ENGELS, 1989, p. 531-

559), bem como na resposta de Engels ao Professor Lória, no posfácio ao Livro III de *O Capital* (MARX, 1986a, Vol. 5, pp. 322-334).

Naquele tempo, o debate se dava em torno da validade ou não da Lei do Valor, formulada por Marx, entre os que aceitavam e os que não aceitavam a tese de que o elemento comum que permite a mensuração entre as mercadorias é o trabalho, ou mais precisamente o trabalho abstrato na fórmula do *quantum* de tempo de trabalho socialmente necessário. A dificuldade de aceitação da teoria do valor de Marx provinha em grande parte, por um lado, da dificuldade dos teóricos burgueses pensarem dialeticamente as relações econômicas; por outro, do artil de classe, que escamoteia a essência da noção de riqueza para evitar problemas à sua acumulação no processo de produção do capital (ou seja, do mais-valor). Assim, o momento dialético do valor expresso em preços distintos para uma mesma quantidade de trabalho abstrato é apresentado como contradição da Teoria do Valor em Marx, o mesmo em relação à diferença de valor entre o preço do trabalho simples e do complexo, ou a impossibilidade teórica de um conceito de equivalente geral ao trabalho objetivado e tantas outras questões demandadas simploriamente contra a teoria formulada por Marx (1985, 1986a).

Já no momento atual, a questão do valor é tematizada tomando como pressuposto a predição de Marx nos *Grundrisse* da tendência do emprego do capital fixo (máquina) em substituição do capital variável (força de trabalho), corrompendo a relação de valor entre trabalho objetivado e trabalho vivo na composição orgânica do capital e no produto. Os autores que avançam nesta formulação mais incisivamente são Mészáros (2002), Hardt e Negri (2003), Rosdolsky (2001) e Bensaïd (1999), que embora partam desta abstração de Marx como tendência, concluem diferentes desdobramentos desta enquanto crise. Mészáros sustenta a tese da Taxa de Utilização Decrescente como lei que se impõe, impedindo o processo de mudança de paradigma do tempo necessário ao tempo livre ou disponível, porém o efeito contrário cada vez maior da mesma conduz à ruptura dos limites absolutos do capital, configurando a crise de transição ao pós-capitalismo (2002, p. 634-652 e 675-680). Hardt e Negri (2003) afirmam que a tendência à perda de validade da medida de valor prevista para o futuro por Marx é a realidade atual e que tal fato decorre do trabalho imaterial ou domínio do *Intelecto Geral e do Biopoder* na produção (a revolução informacional), ele aparece como virtualidade do Império negando a ideia geral de tempo, inclusive o tempo disponível ou tempo livre da sociedade que Marx indica como novo paradigma de valor, atribuindo em seu lugar a subjetividade da multidão que está fora e além da medida e que a crise de transição é da modernidade à pós-modernidade, isto é, dos estados nacionais ou do imperialismo ao Império. (p. 252, 301-315, 375-380, 386-391). Rosdolsky (2001), ao analisar os Limites Históricos da Lei do Valor, expostos como tendência por Marx nos *Grundrisse* (2009), diferente de outros teóricos, não se aventura a adaptar à formulação do “desmoronamento da produção baseada no valor de troca” (MARX, 2009, p. 229) às condições atuais. Sustenta tão somente a projeção tendencial de transição do paradigma de mensuração do valor do tempo socialmente necessário ao tempo disponível, tomando-a como “imediatamente possível” (ROSDOLSKY, 2001, p. 356), tendo em vista o desenvolvimento da técnica moderna. No entanto, não se atém ao desenvolvimento desigual das forças produtivas devido à divisão internacional do trabalho e ao controle monopolístico do capital sobre a ciência, a tecnologia e a educação, subsumindo e impedindo a realização plena des-

tas como forças sociais. Bensaïd (1999) aborda a perda da funcionalidade do tempo socialmente necessário como regulador das relações sociais de troca, enquanto Lei do Valor, tendo por base os *Grundrisse* (MARX, 2009) e os fenômenos “de desemprego de massa endêmico, de novas precariedades e marginalidades, das crises de produção excedente, mas também através da incomensurabilidade crescente de atividades sociais não redutíveis ao trabalho abstrato.” (BENSAÏD, 1999, p. 494-495) Em analogia com a obra de arte, afirma que o valor do trabalho intelectual e científico é arbitrado, embora para Marx o produto deste trabalho esteja sempre abaixo de seu valor (BENSAÏD, 1999, p. 495).

Naturalmente, estas são interpretações da formulação de Marx e, apesar das declarações de fidelidade à mesma, procuram sempre enfatizar os aspectos particulares que buscam confirmar suas assertivas. Contudo, o que é mais importante fixar aqui é o *locus* teórico em que se insere a problematização da crise do valor - e em consequência a crise a que é submetida a ciência e a educação - que requer uma precisão maior entre as formulações alinhadas em torno da proposição que aceita a abstração de Marx como verdade absoluta para a situação histórica atual do capital, como são os casos de Hardt e Negri (2003, p. 386), de certa forma Rosdolsky (2001, p. 356) e Bensaïd (1999, p. 494-495); e aqueles que mediatizam a tendência ou até mesmo negam a efetividade da mesma mediante artifícios atribuídos ao capital, como por exemplo, a noção de destruição produtiva de Schumpeter (1985, pp. 142-143) ou como faz Mézáros (2002) e sua Taxa de Utilização Decrescente.

4. CONCLUSÃO

A proposição da tese *A Crise Orgânica do Capital: O Valor, a Ciência, e a Educação*, funda-se, em primeiro lugar, no pressuposto de que a crise de paradigma da relação valor, sob a qual se ramifica a totalidade das relações sociais que conformam o sistema do capital, constitui uma tendência inevitável para todas as formações econômicas e sociais assentadas neste paradigma. Este devir histórico hoje é mais crível que em qualquer outro momento da história, como se pode observar na sucessão de crises de caráter global que derivam da organicidade dos países de economia avançada, líderes da economia mundial, o G7, ou mais sintomaticamente neste momento, EUA, Espanha, Itália, França e Japão, justificando as soluções drásticas e violentas, a exemplo dos processos vividos no Oriente Médio, Ásia menor e Leste Europeu, que turvam o horizonte humano à paz e ao desenvolvimento duradouro fundado nas conquistas da ciência e da técnica, transmitidas por meio da educação social aos sujeitos cognoscentes, formando o conhecimento e domínio das leis sociais e naturais que regulam o metabolismo da sociedade humana em si e desta com a natureza (BEVILAQUA, 2008).

Desta forma, quando se tem em conta o esforço da sociedade brasileira, em especial de sua população trabalhadora, em romper com as estruturas arcaicas e avançar para ocupar um papel mais destacado no mundo contemporâneo, é consequente considerar a importância de formulações alternativas para cenários bastante plausíveis e verossímeis. É assim que a tese em questão aponta para um maior aprofundamento

da temática e da crítica que contribua para que a educação no Brasil vá mais além dos propósitos da UNESCO fixados em Dacar em 2000¹, pois no Resumo de seu Relatório de Seguimento da Educação para Todos - EPT (UNESCO, 2010), as considerações em torno da crise são inteiramente superficiais e limitadas, como se segue:

“A crise financeira mundial veio recordar-nos com toda crueldade que a interdependência econômica tem um rosto humano. São as crianças dos países pobres que pagarão pelo afundamento dos sistemas bancários ocidentais, vendo-se privadas de sua possibilidade de receber uma educação que as permita sair da pobreza. Este resultado é inaceitável porque reforçará um esquema de mundialização baseado em desigualdades que já são extremas”. (p. 8)

Este relatório, ao diagnosticar os efeitos da crise econômica, sugere a relação visível entre crise econômica e educação sobre o viés do “entorno da educação”: “redução de investimentos na educação pelos governos”, “aumento da pobreza”, “desemprego”, “saúde e alimentação”, etc., que afeta o sujeito cognoscente (docente e discente). Contudo, esquece as relações pelo viés intrínseco às crises, ou seja, através dos paradigmas que unem meios e fins da educação e a própria atividade científica e educativa. O desprezo por estas relações intrínsecas entre os conceitos de ciência e educação, subsumidas ao conceito de capital, como indica a presente tese, poderá comprometer sumamente todo o esforço dos países mais pobres para atingirem as metas globais traçadas pela própria UNESCO. Mas, ao contrário do que se imagina, tal processo não ocorrerá devido meramente à crise econômica, mas sobretudo, devido aos paradigmas que fundamentam tais metas, pois são os mesmos que governam a educação nos países avançados do capitalismo, responsáveis pela crise do capital, em particular EUA, União Europeia e Japão. Portanto, mesmo que a UNESCO aponte a desigualdade entre os países ricos e pobres, como se pode observar no resumo de seu Relatório de Seguimento da EPT de 2005 sobre o Imperativo da Qualidade, seu padrão é o domínio de competências em lugar de suficiência; atitudes, valores e condutas cívicas, ao invés de socialização e valores culturais do país; chegando ao ponto de associar “dominar um mínimo de competências cognitivas” a “aumentar a renda dos indivíduos” (UNESCO, 2005, pp. 2; GADOTTI, 2000). Nestes termos, o que se pode esperar desta qualidade de educação? Uma boa ilustração é o debate suscitado pelo documentário *Waiting for Superman* (Esperando pelo Super-homem) de Davis Guggenheim (2010), que retrata a realidade do sistema educacional atual nos EUA. Finalmente, diante desta tendência que se apresenta inelutável, a pesquisa postula em tese a constituição de núcleos de estudos pedagógicos estratégicos que acompanhem a crise de paradigma do valor e, ancorados no novo paradigma do tempo livre social, desenvolvam uma formulação pedagógica para educação futura, centrada na formação do sujeito cognoscente plenamente livre.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

¹ Metas globais estabelecidas pelo Fórum Mundial de Educação de Dakar em 2000: 1) Atenção e educação da primeira infância; 2) Ensino primário universal; 3) Aprendizagem de jovens e adultos; 4) Alfabetização; 5) Igualdade entre os sexos; 6) Qualidade. (UNESCO, 2005).

BENSAÏD, Daniel. **Marx, o Intempestivo**: Grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BEVILAQUA, Aluisio P. A Crise do Capital e o Fim da Hegemonia Mundial dos Estados Unidos. In: **Revista Ciência & Luta de Classes**. Rio de Janeiro: Inverta, v. 3, n. 3, Dez 2008/Jun 2009.

_____. **A Crise do Capital em Marx e Suas Implicações nos Paradigmas da Educação**: *Uma Contribuição ao Repensar Pedagógico no Século XXI*. Rio de Janeiro: Inverta; Fortaleza: Edições UFC. 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. 6ª ed., São Paulo: Cortez, 2010.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo Perspec.** São Paulo, v. 14, n. 2, Junho 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 11 nov. 2014.

GRAMSCI, Antonio. **El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1971.

WAITING for Superman. Dirigido e produzido por Davis Guggenheim. Documentário. Estados Unidos: Participant Media, 2010. 111 minutos.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. 5ª Ed., Rio de Janeiro: Record, 2003.

HORKHEIMER, Max. **Teoría Crítica**. Tradução: Edgardo Albizu e Carlos Luís. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

KUHN, Thomas S. **La estructura de las revoluciones científicas**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1971.

KRUGMAN, Paul. **O Regresso da Economia da Depressão e a Crise Actual**, 3º ed. Lisboa: Presença, 2009.

LAKATOS, Imre. **História da Ciência e suas Reconstruções Racionais e Outros Ensaios**. Lisboa: Edições 70, 1998.

MARX, Karl. (1859). **Contribuição para a Crítica da Economia Política**. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

MARX, Karl. (1867). **O Capital**: Crítica da Economia Política. 2ª Ed., São Paulo: Nova Cultural, vols 1-2, 1985. (Coleção Os Economistas).

_____. (1867). **O Capital**: Crítica da Economia Política. São Paulo: Nova Cultural, vols. 3-5, 1986a. (Coleção Os Economistas).

_____. (1857-1858). **Elementos Fundamentales Para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse)**: borrador 1857-1858. 2ª Ed., México, D F: Siglo Veintiuno Editores, 3 v, 2009. 7ª Reimpressão.

MARX, Karl; ENGELS, Frederick. (1874-83). **Collected Works**. Moscou: Progress Publishers, v. 24, 1989.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**: Rumo a uma teoria da transição, 1ª Ed., São Paulo: Boitempo, 2002. 2ª Reimpressão.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. 16ª Ed., São Paulo: Cultrix, 1978.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx**. Tradução César Benjamin. 1ª Ed., Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. 2ª Ed., São Paulo: Nova Cultural, 1985.

UNESCO. El Imperativo de la Calidad, Informe de Seguimiento de la EPT en el Mundo 2005. Publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. França, 2005. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001501/150169s.pdf>> Último acesso em 11 nov. 2014.

UNESCO. **Llegar a los marginados**: Resumen Informe de Seguimiento de la EPT en el Mundo 2010. Publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. França, 2010. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001878/187865S.pdf>> Último acesso em 11 nov. 2014.

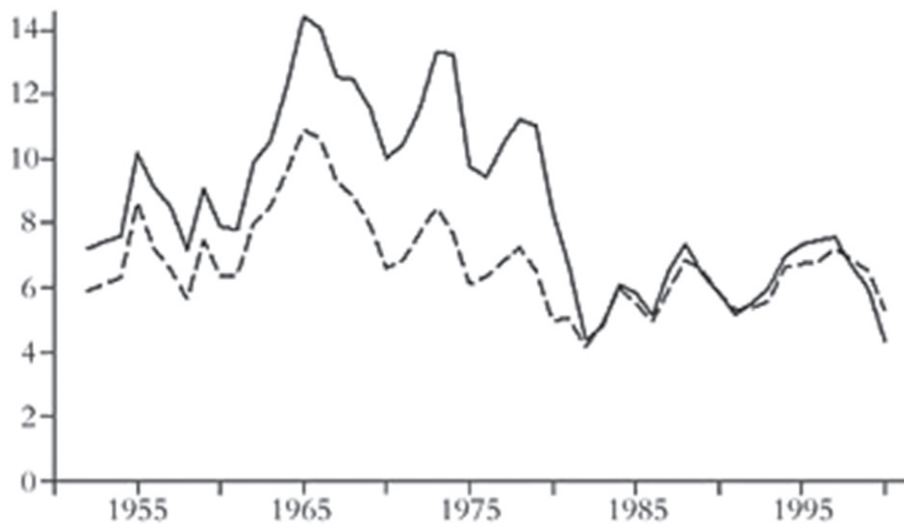
VERCELLONE, Carlo. A crise da lei do valor e o tornar-se rentista do lucro. In: FUMAGALLI, Andrea; MEZZADRA, Sandro (orgs.). **A crise da economia global**: mercados financeiros, lutas sociais e novos cenários políticos. 1ª Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. págs. 107-149.

6. ANEXO

a) EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS:

O gráfico elaborado por Duménil e Lévy (Figura 1), das Taxas de lucro nos Estados Unidos, considerando (-) e desconsiderando (--) o impacto dos vínculos financeiros, apesar de toda controvérsia¹ entre os estudiosos, apresenta um certo padrão de queda entre 1965 e 1995:

Figura 1 - Taxas de lucro nos Estados Unidos

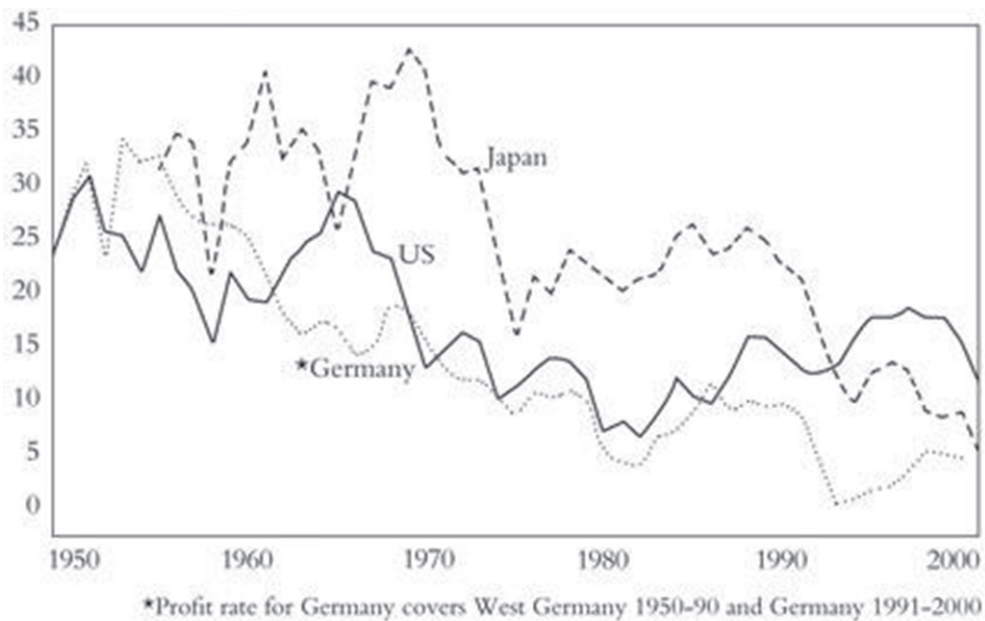


Fonte: Duménil e Lévy

¹ Os que utilizam de estudos empíricos são: “Fred Moseley, Thomas Michl, Anwar Shaikh e Ertugrul Ahmet Tonak, Gérard Duménil e Dominique Lévy, Ufuk Tutan e Al Campbell, Robert Brenner, Edwin N. Wolff e Piruz Alemi, junto com Duncan K. Foley”; e todos seguiram invariavelmente “os passos de Joseph Gillman e Shane Mage, que se utilizaram de estudos empíricos da evolução das taxas de lucro na década de 1960” (HARMAN, 2007).

Também pode-se observar o mesmo padrão no gráfico elaborado por Brenner (Figura 2) Taxas de Lucro Líquidas do setor Industrial nos Estados Unidos, Alemanha e Japão:

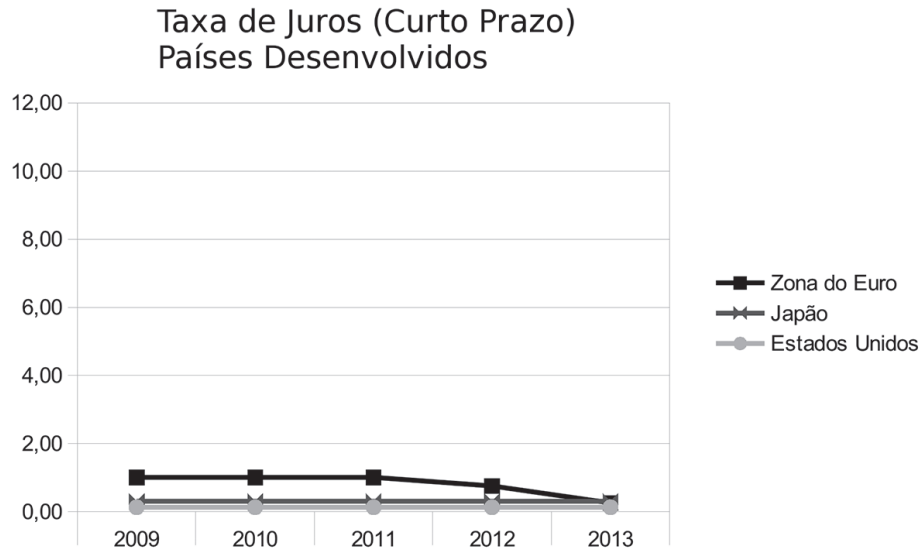
Figura 2 - Taxas de Lucro Líquidas do setor Industrial nos Estados Unidos, Alemanha e Japão



Fonte: Brenner

A Figura 3 que indica o percentual da taxa de juros nos países desenvolvidos confirma a tendência a queda da taxa de lucros nestes em função da crise do capital entre 2009 e 2013:

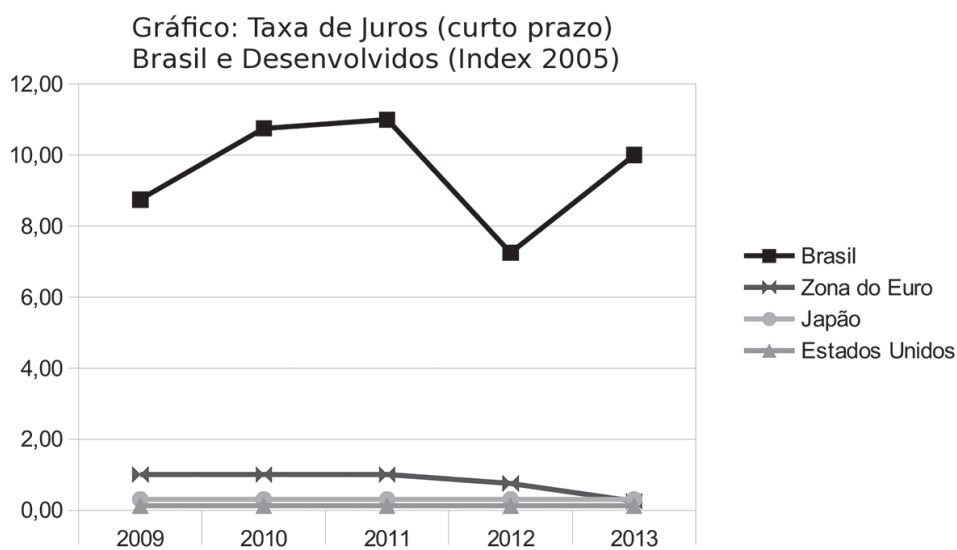
Figura 3



Fonte: Fundo Monetário Internacional - Principal Global Indicators
Disponível em: <http://www.principalglobalindicators.org>

No Figura 4, é possível observar a correlação inversa entre as taxas de juros praticadas a curto prazo nos países emergentes e nos países avançados, usando-se os casos do Brasil, Zona do Euro, Japão e Estados Unidos:

Figura 4

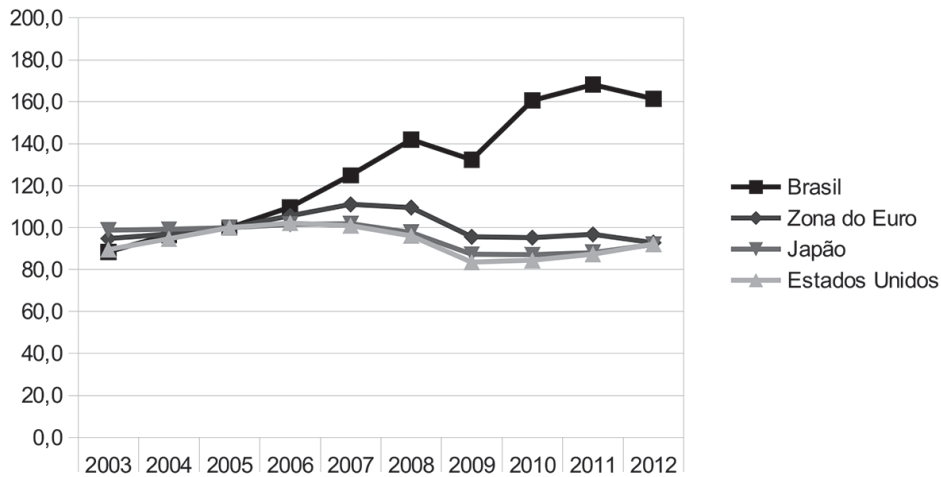


Fonte: Fundo Monetário Internacional - Principal Global Indicators
Disponível em: <http://www.principalglobalindicators.org>

A figura 5 ilustra o percentual da formação bruta do capital fixo em relação ao PIB nos países selecionados para se inferir a composição orgânica do capital nestes:

Figura 5

Gráfico: Formação Bruta de Capital Fixo (Volume)
Brasil e Desenvolvidos (Index 2005)



Fonte: Fundo Monetário Internacional - Principal Global Indicators
Disponível em: <http://www.principalglobalindicators.org>

Depreende-se da Figura 5, pela correlação inversa do volume da formação bruta do capital fixo, que os países da Zona do Euro, Japão e Estados Unidos, chegaram ao limite de desenvolvimento em sua composição orgânica de capital, pois não podem crescer acima de 100%; enquanto que o Brasil, que representa o bloco dos países emergentes, ao contrário, desenvolve trajetória ascendente em sua composição do capital.

Artigo recebido em novembro de 2014 e aprovado para publicação em janeiro de 2015.

Estado e especulação

Theotonio dos Santos

Professor visitante da UERJ, Professor Emérito da UFF, Coordenador da Cátedra e Rede UNESCO sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN), Presidente do Conselho de direção do CEPES, Prêmio Mundial de Economista Marxiano da WAPE (2013)

Resumo

O artigo analisa o novo papel do Estado diante das transformações da economia mundial. Esta avança no sentido de uma globalização que aparece como um debilitamento dos Estados Nacionais. O artigo mostra, contudo, que são estes Estados Nacionais que possibilitam este crescente intercâmbio econômico mundial. Dá-se especial ênfase ao surgimento de poderosos Estados Nacionais como resultado do processo de descolonização produzido a partir do final da segunda guerra mundial.

Palavras-chave: Estado, revolução científico-técnica, dependência, capital financeiro, dívida pública, capitalismo de Estado

Resumen

El artículo analiza el nuevo rol del estado frente las transformaciones de la economía mundial. Esta avanza en el sentido de una globalización que aparece como un debilitamiento de los estados nacionales. El artículo muestra, sin embargo, que son estos estados nacionales los que posibilitan este creciente intercambio económico mundial. Se da especial énfasis en el surgimiento de poderosos estados nacionales como resultado del proceso de descolonización iniciado a partir del final de la segunda guerra mundial.

Palabras llave: Estado, revolución científico-técnica, dependencia, capital financiero, deuda pública, capitalismo de Estado

Abstract

The article analyses the new role of the state in consequence of the changes in the world economy that advance in a process of globalization that appeared as a weakness of the national states. The article shows that these stronger national states give the base for a growing world economic interchange. A substantial part of these national states are product of the process of decolonization produced since the end of the Second World War.

Keywords: State, scientific-technician revolution, dependency, financier capital, public debt, state capitalism.

O Estado Contemporâneo

As mudanças que viveu o Estado durante o século XX não foram ainda analisadas em toda sua complexidade. A verdade é que esta instituição, que tinha uma função de polícia e de controle tarifário, aumentou progressivamente suas responsabilidades na medida em que o processo produtivo moderno avançava no sentido de produzir em massa, em gigantescas unidades econômicas e em escalas cada vez mais amplas.

Estas mudanças são uma consequência do caráter cada vez mais massivo do processo produtivo, fato necessário para o desenvolvimento do sistema capitalista de produção. O capitalismo moderno se mostrou extremamente flexível ao articular o trabalho assalariado, organizado em enormes complexos produtivos, com a expansão da divisão social do trabalho a todos os setores de produção, inclusive aos serviços.

Mas foi, principalmente, a socialização crescente do capital, concentrado e centralizado através do desenvolvimento das sociedades por ações e potencializado por um sistema financeiro cada vez mais universal, capaz de atrair economias de todos os setores da sociedade, que permitiu que o capital liderasse o mais fantástico desenvolvimento das forças produtivas conhecido pela humanidade.

Entretanto, este salto não teria sido possível sem a forte e definitiva participação dos Estados nacionais, criados durante a expansão do capitalismo mundial, mas solidificados particularmente no século XIX, quando os Estados Unidos se converteram numa potência continental, o império inglês se consolidou, a Europa continental, que já conhecia um Estado nacional francês muito sólido, viu os Estados da Alemanha e da Rússia definir-se, enquanto a América Latina também consolidava seus frágeis Estados nacionais e a África (com exceção da África do Sul) e Ásia (com exceção do Japão) entravam sob o domínio imperialista que só seria contestado no século XX.

Depois das duas guerras mundiais do século XX, este panorama mudou substancialmente com o aparecimento dos Estados Nacionais, ex-colônias na Ásia e na Europa. Entre estes se incluem a China e a Índia que reúnem mais de um terço da população mundial e que eram simples colônias, sem Estados nacionais que agrupassem estas gigantescas massas humanas, situação que se prolongou até o final da Segunda Guerra Mundial.

Como vemos, ao contrário do que se lê na literatura sobre globalização, só por volta do final do século XX vemos emergir um mundo baseado nos Estados Nacionais. É neste mundo de Estados nacionais reconstituídos, e como consequência dele, onde surgem os processos chamados de globalização. A globalização é o produto de uma intervenção colossal dos Estados nacionais no processo econômico internacional, que se corporifica recentemente no surgimento de uma Organização Mundial do Comércio, que tem por objetivo regular este comércio planetário.

Pois, ao contrário do que dizem os economistas que não conhecem a história, a OMC é a consagração do mercado estatal mundial, ao ser a primeira organização interestatal mundial dedicada a garantir as condições de um mercado global, regulado pela ação conjunta (assimétrica, mas conjunta) dos Estados nacionais.

Empresas Globais e Estados Nacionais

O leitor poderá formular algumas questões fundamentais. Qual foi o papel das empresas multinacionais, transnacionais ou globais neste processo? Elas foram um



Leviatã, de Gustave Doré

agente extremamente importante neste processo. Mas qualquer tentativa de entender sua expansão sem o apoio de seus Estados nacionais respectivos conduzirá a erros fundamentais.

Embora tenham existido empresas formadas a partir do mercado mundial, elas estavam associadas a mercadorias importadas do resto do mundo, como as matérias-primas agrícolas ou mineiras consumidas pelas indústrias dos centros da indústria mundial, assim como as primeiras empresas comerciais, durante a expansão marítima europeia, surgiram do comércio das especiarias que a Europa consumia, assim como dos metais preciosos que necessitava.

A novidade que representaram as chamadas corporações multinacionais e seus desenvolvimentos posteriores, veio exatamente (como demonstramos em nosso livro de 1967 sobre *O Novo Caráter da Dependência*) do surgimento de investimentos internacionais destinados a criar empresas produtivas voltadas para o mercado interno dos países dependentes ou periféricos.

Esta era uma consequência necessária do desenvolvimento de fortes mercados nacionais como fruto da emergência dos Estados nacionais nestas regiões do mundo, ou de seu fortalecimento durante a crise de 1929, particularmente na América Latina. Para descrever este fenômeno foram criadas as expressões: “saltar as barreiras tarifárias” impostas por estes Estados emergentes ou em consolidação; “substituição de importações”, “desenvolvimento econômico” e outras mais como a “perda dos termos de intercâmbio” que se referia a um fenômeno mais amplo.

O importante é que os investimentos diretos internacionais deram um salto colossal com a nova estrutura de mercado criada pelo desenvolvimento nacional dos países ex-coloniais ou dependentes. Para este extraordinário movimento de capitais tanto funcionaram o apoio do Estado norte-americano às economias destruídas pela guerra

(exceto a maior de todas: a União Soviética) através do Plano Marshall, como sua ajuda direta aos investimentos internacionais através do Eximbank. Posteriormente os Estados europeus e japonês, as organizações internacionais e sobretudo o Banco Mundial, a Aliança para o Progresso e milhares de outras iniciativas estatais deram o substrato concreto a este fantástico movimento internacional de capitais.

Nas décadas de 70 e de 80, se esboçava uma nova divisão internacional do trabalho em consequência das dificuldades de expansão dos mercados internos dos países dependentes capazes de alimentar a expansão das multinacionais. Tudo isto foi muito discutido pela teoria da dependência no período, e ficou claro que o caminho das multinacionais seria a expansão das exportações desde os países periféricos para os países centrais, cujos mercados continuariam expandindo-se com o aumento dos investimentos em ciência e tecnologia e em serviços fundamentais.

Ao mesmo tempo, sob o impacto da flutuação do dólar e o aparecimento da gigantesca liquidez mundial, gerada pelos petrodólares e depois pelo colossal déficit comercial norte-americano, surgiu o movimento financeiro mundial que deu início à formação dos processos conhecidos na atualidade como “globalização”.

O movimento dos investimentos diretos começa a cair nos anos 80 para dar lugar aos empréstimos internacionais, às dívidas crescentes para pagar o serviço das dívidas, ao desenvolvimento de colossais dívidas públicas nos países dependentes que terminam por comprometer os gastos estatais em todo o mundo.

Este aumento não se explica pelos gastos crescentes com o Estado de Bem-estar, como se fez acreditar, mas pelo aumento com os gastos financeiros, alimentados pelos custos cada vez mais chocantes de uma economia internacional muito mais instável, marcada pelas oscilações do dólar, pelas dívidas colossais não somente dos países dependentes, mas também dos Estados Unidos. Este país termina a década de 80 com a maior dívida externa mundial.

Estado e Especulação

Chegamos aos anos 90 com um fenômeno estatal totalmente novo. O movimento de capitais mundiais passa cada vez mais pelas dívidas públicas. A especulação cambial, antes associada ao comércio internacional, se associou aos movimentos de capitais, com o aumento das remessas de lucros, o pagamento de serviços técnicos e outros, o crescimento do turismo e, finalmente, o pagamento de juros que passaram a dominar as balanças de pagamento de muitos países.

Neste mundo cada vez mais subjugado pelo capital financeiro, o Estado aumentou enormemente suas tarefas. Além das novas atividades ligadas à organização da produção, à formação e desenvolvimento da mão de obra e de expansão do mercado que incorporaram depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados nacionais passaram a alimentar o movimento do capital financeiro através de colossais dívidas públicas pagas com altíssimas taxas de juros, sobretudo a partir dos anos 80.

Nos anos 90, quando caíram drasticamente as taxas de juros nos países centrais, como consequência do rompimento da bolha financeira, iniciado com a crise de 1987, os países chamados emergentes assumiram o papel de remunerar este capital financeiro, ao utilizar as reservas acumuladas durante a renegociação mundial da dívida mundial, mais a venda de suas empresas públicas, como fonte de pagamento e juros artificialmente elevados a este capital financeiro mundial.



Marx e Engels, autores de uma teoria sobre o Estado.

Estas políticas, consagradas no famoso Consenso de Washington, só se justificavam para servir a este capital financeiro, e somente para este fim, apesar de mil tentativas “teóricas” para justificá-las através de falsas afirmações a respeito de uns déficits públicos que nunca existiram de maneira significativa nestes países chamados emergentes.

Os desequilíbrios fiscais e comerciais, em princípio moderados, tornaram-se graves como resultado das políticas de supervalorização das moedas locais que conduziram a enormes déficits comerciais que agravaram drasticamente umas balanças comerciais já em si negativas. A partir destes desequilíbrios cambiais se justificaram a elevação das taxas de juros pagas pelos Estados locais a níveis estratosféricos com o objetivo de atrair capitais do exterior para equilibrar a balança de pagamentos. Estas elevações das taxas de juros se realizavam no momento exato em que caíam drasticamente as taxas de juros nos centros financeiros internacionais.

Esta foi uma operação internacional para apropriar-se das reservas em divisa acumuladas, como já dissemos, durante a renegociação das dívidas externas. Ao mesmo tempo atraiu-se o capital internacional com a venda de excelentes empresas nacionais e outras não tanto, mas sempre com a ajuda de subsídios estatais locais. Para realizar esta operação altamente rentável, o capital financeiro internacional contou com a cumplicidade das classes dominantes locais transformadas em meros intermediários de vastíssimas operações financeiras internacionais, cujas comissões ou vendas de empresas locais produziram rendas muito superiores ao duro trabalho de criar empresas, dirigi-las e arriscar seus capitais.

A verdade é que o intervencionismo estatal no setor financeiro foi a chave da fantástica expansão do capital financeiro nos anos 70, 80 e 90 do século passado. Sem ela não haveria globalização tal como se configurou neste período. Certamente haveria outras formas de globalização, inspiradas nas necessidades da revolução científico-tecnológica que foi incorporada massivamente no sistema produtivo a partir da década de 80, criando as condições para uma nova fase de expansão econômica mundial

que se configurou a partir de 1994, com a onda de investimentos internacionais na economia norte-americana.

Mas enquanto se expandia a economia norte-americana, outra era nossa realidade. O que fazer com um Estado afogado num processo de intervenção financeira, de graves consequências negativas, quando se terminam as reservas acumuladas ao final dos anos 80 e início dos 90 e quando desaparecem quase todas as empresas estatais importantes e significativas? É evidente que só há um caminho: voltar à única fonte de divisas que dispomos, isto é, os superávits comerciais.

“Teoria” Econômica e Especulação

A “teoria econômica” começa a aceitar outra vez a necessidade das desvalorizações cambiais, agora eufemisticamente chamadas “flexibilidade cambial”. Na verdade, trata-se de dois recursos técnicos que se usaram até o princípio da década de 1990 para gerar excedentes em divisas, mas agora, em vez de fixar o câmbio em micro ou macro desvalorizações, realizam-se custosas intervenções no mercado de dólares ou se lançam títulos dolarizados, recorrendo às mesmas manhas do passado. Mas a desvalorização cambial tem que ser acompanhada de quedas da renda para diminuir as importações e gerar superávits cambiais. Depois de todos estes sacrifícios descobrimos que as recessões são o único caminho recomendado depois de tantos anos de estancamento econômico e de recessões.

Neste novo quadro, o sistema financeiro mundial comandado pelo FMI tem que apoiar-se na formação de fundos *ad hoc* financiados por recursos extras (principalmente norte-americanos) como nos casos do México, Rússia, mas principalmente do Brasil, que não dispunha em 1999 de uma fonte de dólares capaz de ressarcir as ajudas feitas pelo próprio Tesouro dos Estados Unidos comandando o FMI, o Banco Mundial e o próprio BID para “salvar” o país da bancarrota completa a que foi levado pela política irresponsável do hoje mítico Plano Real.

Em termos mais concretos, coube aos contribuintes dos países centrais e aos povos das zonas periféricas ou semiperiféricas, cujos superávits foram remunerados com dívidas do governo central, entregar os recursos para viabilizar o funcionamento deste sistema. Em tal caso, as reações vêm vindo pouco a pouco. A direita norte-americana já apresentou uma forte oposição contra estas “ajudas” internacionais que terminam no bolso dos investidores internacionais e compromete suas bases de classe média.

Os países em desenvolvimento, depois de produzir excedentes para pagar umas dívidas criadas por um sistema financeiro protegido pelos Bancos centrais dos grandes polos financeiros, foram salvos - na primeira década do Século XXI - pelo fantástico aumento do mercado chinês que permitiu a realização de enormes superávits comerciais que levaram à formação de imensas reservas nos países exportadores, além de uma limpeza financeira que os colocaram fora do circuito de opressão financeira comandado pelo Fundo Monetário Internacional.

Hoje, os Estados Unidos, afundado em dívidas colossais e déficits comerciais e fiscais gravíssimos, busca utilizar seus aliados (ou “servidores”?) nas economias dependentes para conseguir que o seus Estados nacionais paguem incríveis juros por dívidas inexistentes para que venham a nossos países captar estes lucros gigantescos cada vez mais imediatamente levados de volta para os centros financeiros mundiais em quebra, mas protegidos por incríveis transferências de recursos do FED para os

bancos em quebra no centro do sistema e de outros Bancos Centrais como os da Europa e do Japão. É assim que as potências econômicas centrais se convertem em credores internacionais sem um centavo para investimentos significativos.

Estranho fenômeno que as “teorias econômicas” dominantes não podem explicar. Apesar desta situação favorável inicialmente, os Estados nacionais se transformam cada vez mais no sustentáculo de uma política de altos juros nas zonas periféricas (enquanto caem as taxas de juros em todo o mundo dominante), no forjador de recessões e déficits cambiais, ajudados por um falso livre câmbio que não nos alcança discutir neste artigo. É assim que os países dependentes consomem os recursos poupados na primeira década do século XXI em forma de divisas obtidas com a expansão das compras chinesas. Esta política suicida se “justifica” sobretudo para cobrir os déficits causados pela queda dos preços e do mercado mundial durante a crise iniciada em 2008. Em países como o Brasil o estabelecimento dos “economistas”, desmoralizado pelas suas evidentes incapacidades de prever as conjunturas internacionais e nacionais, consegue usar o terror da ameaça inflacionária para reverter uma queda da taxa de juros paga pelo Estado por uma dívida pública inexistente e provocar uma recessão absurda fabricada por teorias econômicas absolutamente desmoralizadas no resto do mundo. Situações similares se colocam na Europa e no Japão, onde existem tendências a um déficit público criado pela concentração da renda e o predomínio do setor financeiro.

Como se vê, o capitalismo contemporâneo em vez de prescindir do Estado e adotar os princípios neoliberais que tanto se escuta da boca de seus tecnocratas, encontra novos caminhos de intervenção estatal inusitados. Mas o mais grave não são os efeitos intelectuais destas contrafações “teóricas” e “científicas”. Nem é o mais sério a existência de um aparato político pretensiosamente democrático no qual decisões desta magnitude são tomadas por tecnocratas ligados a grupos econômicos e sem nenhuma responsabilidade política. O pior são as consequências terríveis sobre as rendas, as esperanças e o nível de vida de povos terrivelmente sofridos.

Recebido em dezembro de 2014 e aprovado para publicação em janeiro de 2015.

A Nova Etapa do Imperialismo

A transição do capitalismo ao socialismo

Lincoln de Abreu Penna
Professor Aposentado da UFRJ.

Resumo

O artigo tem como objetivo atualizar o debate em torno da elaboração teórica original de Lênin sobre o imperialismo, comparando-a com estudos mais recentes que destacam a ampliação do significado de conceitos como democracia e república.

Palavras chave: imperialismo, crise capitalista, neoliberalismo, democracia, república.

Abstract: The aim of the article is bring out to date the discussion about imperialism in Lenin and confront it with recent studies that put in relief the signification of concepts as democracy and republic.

Key words: imperialism, capitalist crises, neoliberalism, democracy, republic.

Resumen

El artículo tiene como objetivo actualizar el debate de la elaboración teórica original de Lenin acerca del imperialismo, haciendo la comparación con los estudios más actuales que destacan la ampliación del significado de los conceptos como democracia y república.

Palabras llaves: imperialismo, crisis capitalista, neoliberalismo, democracia, república.

1. O imperialismo de ontem e de hoje

Quando Lênin sentenciou que o imperialismo é a etapa terminal do capitalismo, o grande líder da Revolução bolchevique não estava meramente lançando uma palavra de ordem, sua afirmação estava baseada na análise concreta de uma etapa do processo de desenvolvimento desigual do capitalismo, cujas contradições acumuladas e ampliadas o levariam ao seu esgotamento funcional e estrutural.

Na época o que caracterizava o imperialismo clássico era a hegemonia de uma burguesia nacional sobre as demais burguesias e, em consequência, sobre os povos. Havia, portanto, um polo irradiador da expansão desordenada típica da ação imperialista. Assim tinha sido com a Inglaterra desde o século dezenove, e assim estava

começando a se intensificar com a presença dos EUA no mundo do entre guerras. Desse modo, toda política agressiva desencadeada pelas grandes potências era vista como uma política imperialista.

Essa etapa do imperialismo surgiu quando da chamada “segunda revolução industrial”, ou seja, no instante em que ocorria a expansão do setor industrial em larga escala a promover uma rápida internacionalização do capital. Os impérios coloniais tradicionais passaram a ser alvos do apetite do grande capital, e em pouco tempo o velho colonialismo passou a ser substituído pelo neocolonialismo a expensas da agressividade da industrialização em busca de mercados e de fontes primárias para atender o ritmo da escalada imperialista.

A competição interimperialista resultou na Grande Guerra de 1914 a 1918, posteriormente designada de Primeira Grande Guerra Mundial dada a sua amplitude espacial e a quantidade de países participantes direta ou indiretamente desse conflito. Com as questões pendentes e o acirramento do conflito interimperialista não demorou muito para o desencadeamento da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945). Neste momento, o imperialismo era uma evidência tão perceptível que muitos estudiosos da economia e da política à época já o tinham identificado, tanto em suas manifestações quanto em suas características sistêmicas, pois não raro todos o associavam ao capitalismo. Neste rol de teorias explicativas despontara a de Lênin. E ele assim define sucintamente o imperialismo de seu tempo:

“Se fosse necessário dar uma definição o mais breve possível do imperialismo, dever-se-ia dizer que o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo. Essa definição compreenderia o principal, pois, por um lado, o capital financeiro é o capital bancário de alguns grandes bancos monopolistas fundido com o capital das associações monopolistas de industriais, e, por outro lado, a partilha do mundo é a transição da política colonial que se estende sem obstáculos às regiões ainda não apropriadas por nenhuma potência capitalista para a política colonial de posse monopolista dos territórios do globo já inteiramente repartido”. (LÊNIN, Wladimir, 1917)

A percepção de Lênin¹ discrepava dos demais analistas do fenômeno imperialista fundamentalmente em dois pontos: primeiro, porque entendia que o imperialismo representava uma etapa superior do desenvolvimento capitalista, não obstante demarcar que esta já prenunciava o seu esgotamento, daí as traduções de sua obra, ora enfatizando esta palavra *superior*, ora a palavra *última* referida à etapa ou estágio de seu funcionamento como modo de produção. Assim, apresentava em sua manifestação uma componente autodestrutiva; e, segundo ponto, que essa etapa sinalizava para o advento de sua própria negação. Caberia à classe operária se encarregar de sua superação. Deste modo, procurava dar continuidade às premissas interpretativas de Marx e Engels irmanados que estavam na concepção de uma revolução social encarregada de banir o capitalismo.

Mas, no seio do movimento operário e sindical, houve muita divisão sobre a atitude a ser tomada diante da Grande Guerra que estava em curso, em virtude de diversas tendências de esses movimentos passarem a priorizar a defesa de suas pátrias, instados pelas classes dominantes a defenderem a soberania territorial das nações envolvidas no conflito. Não entendiam que o confronto de grandes proporções que se iniciava

¹ Lênin escreveu sua teoria sobre o imperialismo no primeiro semestre do ano de 1916, cerca de um ano e meio antes da Revolução bolchevique e em pleno transcurso da Grande Guerra.



Êxodo na Síria

era o resultado do próprio capitalismo em sua etapa imperialista, logo se tratava de uma guerra na qual a classe operária nada tinha a ver. Esta incompreensão por parte de algumas tendências a escolherem o falso nacionalismo desencadearia a ruptura do movimento operário.

Daí, surgir em 1919, por iniciativa dos soviéticos, a Internacional Comunista (IC) ou Terceira Internacional deixando a Segunda Internacional, criada em 1889, como representação da socialdemocracia, agora desfigurada em razão de sua opção nacional em detrimento dos compromissos de classe, o que passaria a distinguir as duas entidades associativas ligadas ao mundo do trabalho. A IC sob a liderança de Lênin se incumbiria da promoção da revolução mundial, a partir do porto seguro da vitoriosa Revolução bolchevique de outubro de 1917. Em 1924, no entanto, Lênin morre e é posteriormente sucedido por Stálin, que passaria a priorizar a consolidação da Revolução bolchevique, de sorte a transformar a IC num instrumento de defesa e de difusão do ideário revolucionário no mundo.

Data dessa época o surgimento do anticomunismo, como política de estado, adotada pelas burguesias dos países capitalistas. No entre guerras, isto é, de 1918 a 1939 ganham força as políticas intervencionistas de maneira a ensejar o advento do fascismo e do nazismo, formas assemelhadas de ditadura da grande burguesia nas sociedades emergentes ou situadas ao largo do centro do imperialismo sob a égide anglo-saxônica representada pelos EUA e Inglaterra. Este núcleo do capitalismo hegemônico iria conhecer uma considerável depressão por ocasião da crise de 1929, o chamado *crack* da bolsa, que arrastou todas as demais economias do universo capitalista, com repercussões nos países periféricos daquela época.

Com o nazifascismo em vigor e agindo de forma agressiva com vistas à obtenção do que Hitler denominou de “espaço vital”, ou seja, a anexação de regiões supostamente de maioria *ariana*, de modo a justificar os fins belicistas da burguesia alemã, que chegara atrasada na corrida pelos territórios sujeitos à cobiça imperialista, as tensões internacionais se acentuaram. A guerra imperialista assumiria uma dimensão

mais ampla do que a Primeira Grande Guerra, a alcançar uma área territorial maior e a afetar de forma definitiva a economia capitalista com a expansão desenfreada da máquina de guerra norte-americana. Surgiu o complexo industrial e militar, que passaria a operar toda a política externa durante o período da Segunda Grande Guerra e também depois do armistício, com a Guerra Fria.

O complexo industrial e militar constituído de forma efetiva desde meados do século vinte, e incrementado crescentemente durante a vigência da Guerra Fria tornou-se não apenas um dispositivo estratégico, mas um poderoso veículo de reprodução capitalista cada vez mais interessado em operações militares em toda parte do mundo. A constante renovação de armamentos mais eficazes e em condições de serem usados com o mínimo de desgaste de material e de homens empregados nas operações de guerra, incentivou a multiplicação dessas operações. As guerras de intervenção tornaram-se grandes investimentos com retorno garantido para esse complexo industrial e militar. E ele foi o fator de formação do grande império do capital.

A guerra do Vietnã marcou um momento de inflexão de notáveis implicações para a política deliberada de guerra. A vitória militar e moral de um povo heroico sinalizaria para os estrategistas das guerras de intervenção, que não basta ter superioridade em armamentos e de tropas se não se conta com o respaldo das populações onde acontecem as operações de guerra. Era preciso, após o fracasso da intervenção no sudeste asiático rever essa estratégia de guerra, sem, obviamente abandoná-la, já que se tornara um bom negócio, além de ser uma forma de exhibir a dominação do império que se construía.

2. O neoliberalismo e a transição pós-capitalista

A partir de meados do século vinte, com o término da Segunda Grande Guerra e o surgimento de forma escancarada dos conflitos ideológicos a envolver o sistema capitalista e o sistema socialista, a questão do imperialismo ganhou grandes proporções. A estratégia dos principais estados capitalistas, através de suas lideranças, como as de Ronald Reagan e Margareth Thatcher, respectivamente governantes dos EUA e da Inglaterra, passou a ser a de apostar numa desenfreada corrida armamentista com vistas a obrigar os soviéticos a incrementarem ainda mais parte do orçamento da URSS para atender os crescentes gastos com armamentos militares.

Essa foi uma das principais razões imediatas da crise que levaria à derrocada do *Socialismo Real*, cujas lideranças mais destacadas do sistema socialista mundial não souberam equacionar contribuindo, objetivamente, para darem início ao processo de mudanças sistêmicas e ao progressivo retorno às formas capitalistas de produção. Com essa derrota de impacto internacional a provocar o desfibramento das forças do movimento revolucionário e do ideário socialista em todo o mundo, instaura-se o período do neoliberalismo, etapa que visa dar sobrevida à última etapa do capitalismo, não sem antes produzir uma profunda crise jamais vista em extensão e incapaz de se restabelecer com os métodos até então empregados em situações dessa natureza.

Hoje, o imperialismo não pode deixar de ser influenciado pela prática econômica conhecida por neoliberalismo; ao mesmo tempo em que estende sua presença em diversas sociedades nacionais de economias fragmentadas e complementares, estimula as funções desses estados nacionais a controlarem os movimentos oriundos dos setores

do trabalho. Por isso, nesse estágio globalizado característico do novo imperialismo, há necessidade de manter a fragmentação das economias desiguais. Assim, diferentemente do imperialismo clássico, o imperialismo hoje estabelece uma rede de países vinculados à sua direção. Ou, dizendo de outra maneira,

...O império estadunidense foi o primeiro na história a obter êxito, ainda que relativo, ao impor sua hegemonia por meios econômicos. Em outras palavras, é o primeiro império verdadeiramente capitalista. Obviamente isto não significa que ele tenha sido a primeira potência capitalista a possuir um império. Esta duvidosa honra pertence aos britânicos. (WOOD, 2004, p. 51)

Nesse império no qual a política imperialista se faz ativa num mundo pleno de contradições e conflitos derivados dessas contradições, os EUA através de seu Departamento de Estado respondem, como centro do império, pela metade das despesas em armamentos no mundo. Recursos que solucionariam os mais graves problemas do mundo, numa estúpida inversão de valores para o futuro da humanidade. Além disso, e por conta desses gastos, o governo norte-americano mantém bases e missões de treinamento militar em mais de cem países de forma direta e indiretamente em mais algumas dezenas. Trata-se de algo cujo complexo da mídia sob o seu controle do grande capital não só não revela como, por vezes, até procura justificar. E estas tentativas de justificação se valem frequentemente dos velhos e surrados argumentos anticomunistas, mais recentemente deslocados para o combate ao terrorismo, quando o próprio império logrou transformar o país, os EUA, num estado verdadeiramente terrorista.

Em paralelo, contudo, tem-se assistido à revolução tecnológica e científica com implicações de alcance ainda nebulosa, em razão de sua manipulação por parte de poderes que não consultam o interesse popular, uma vez que se encontra sob a guarda de um império tendencialmente voltado para a destruição. É ao mesmo tempo salutar e estimulante o advento desse fenômeno, mas preocupante enquanto perdurar por mais algum tempo a lógica da destruição do inimigo ideológico. Dessa revolução, que reúne a tríade revolucionária² constituída pela microeletrônica, a microbiologia e a energia nuclear, forças produtivas de nossa época, mas que podem servir para o bem da humanidade ou para os esforços do império, é que reside o grande embate da democracia dos poucos para a democracia das multidões.

No campo estritamente financeiro, o centro desse imperialismo sob a forma de império localizado nos EUA desenvolve e estimula a especulação num sistema inteiramente artificial e profundamente nocivo a todas as nações e povos do mundo. Ao juntar o poderio econômico e tecnológico com o poder militar soma-se a isso o absoluto controle dos mercados financeiros. Atilio Boron denunciou essa malha de interesses decorrentes desse domínio do poderio norte-americano, e em breve passagem exemplifica a poderosa máquina que aniquila o circuito econômico e financeiro implacavelmente imposto aos cidadãos do mundo. Assim se expressa: “Noventa e cinco por cento de todo o capital que circula diariamente no sistema financeiro internacional, equivalente a uma cifra superior ao PIB combinado da Argentina, do Brasil e do México, é capital puramente especulativo”. (BORON, 2005, p. 145).

²Para maiores aprofundamentos, ver Adam Schaff, *A Sociedade Informática*, São Paulo, Brasiliense, 2001.

O neoliberalismo operou uma estratégia de forte impacto nas relações internacionais ao embutir o anticomunismo em seu discurso a favor da primazia do mercado visando, com isso, demonstrar a superioridade deste em relação aos estados. Assim tem decorrido o discurso dos ideólogos neoliberais. De um lado, a apontar que o estado é um estorvo, e que sua redução é necessária, pois ele é improdutivo e absorve uma massa de agentes públicos onerando os custos de sua manutenção. E, de outro lado, associando a forte presença do estado ao gosto de regimes totalitários, tais como os que funcionavam na esfera do sistema socialista mundial, como aparece na visão dos teóricos neoliberais. A partir dessa premissa de desconstrução do papel dos estados, sem, no entanto, dele se desfazer como sede operante da nova etapa do imperialismo, tem sido recorrente a contradição entre o fim das barreiras para o fluxo do capital e a política de restrição ao fluxo de gente, principalmente de contingentes oriundos de povos de etnias submetidas a situações degradantes. Assim, enquanto os seres humanos são vigiados, contidos em suas aspirações de mudanças, não há impedimento que barre a livre circulação de capitais, numa clara demonstração da absoluta primazia do dinheiro e dos demais recursos financeiros sobre a cidadania plena.

Diante desse quadro começaram a aparecer diversas formas de rebeldia em face dessa ditadura do capital. Movimentos alternativos e fora da sede central do neoliberalismo têm se feito presentes em sociedades mais ou menos desenvolvidas do ponto de vista capitalista. Logo, tanto nas grandes metrópoles europeias quanto nas periferias dos demais continentes de passado colonial ou semicolonial, inúmeros cidadãos do mundo clamam por mudanças estruturais, o que põem em cheque o próprio sistema econômico e social em que vivem. Desse modo, o capitalismo tornou-se o grande vilão das massas inconformadas com o modelo de desenvolvimento que tem sido adotado por seus governantes. Wall Street, símbolo da Meca capitalista, foi o espaço privilegiado para uma tomada de posição nitidamente anticapitalista. Começaram aí as primárias do pós-capitalismo.

Antes do surgimento de atos e manifestações explicitamente anticapitalistas as críticas e denúncias eram feitas a governos de direita, mas não se associavam tais governos ao sistema que eles representavam. E os de esquerda eram cobrados pelas suas concessões a capitalistas, sem que se fizesse a mesma associação. Com o fiasco neoliberal, cuja promessa de deixar livremente o mercado regular os processos sociais, de trabalho e tudo o mais, tem emergido uma poderosa consciência anticapitalista. E na sociedade norte-americana, nomes de intelectuais respeitados como Noam Chomsky tem denunciado o caráter belicoso da etapa mais recente de degenerescência do capitalismo. É dele a mais enfática caracterização da política de seu país, quando diz: A mensagem é clara: ninguém tem o direito de autodefesa contra ataques terroristas dos EUA. Este é um país terrorista *por direito*. (CHOMSKY, 2006, p. 206).

É ainda Chomsky quem nos alerta sobre o uso indiscriminado do conceito de *retaliação* usualmente empregado pelos governantes norte-americanos e repetido por governantes aliados. Para o intelectual militante daquele país, esse conceito “é um excelente artifício da guerra ideológica.” (CHOMSKY, 2006, p. 229). Na verdade, e não é demais também lembrar, que o conceito de terrorismo tem sido usado em diferentes momentos históricos de acordo com a conveniência política do momento. O presidente líbio Muammar Gaddafi antes de ser execrado pela mídia a serviço dos interesses do grande capital passou a ser denominado de *ditador*. O mesmo aconteceu com Saddam Hussein e outros mais.

3. A transição do capitalismo ao socialismo

Não seria nenhum disparate dizer que o mundo vive presentemente um processo de transição do capitalismo ao socialismo, e a exemplo de Lênin tal afirmativa não deve ser computada como um mero exercício retórico ou de cunho propagandístico por parte de um pensador militante marxista. Afinal, a análise concreta de uma realidade concreta demonstra que há fortes indícios materiais e subjetivos de modo a comprovar essa assertiva. Afinal, quando aconteceu o processo de transição do feudalismo ao capitalismo séculos se passaram, durante os quais houve uma coexistência entre esses dois modos de produção. O mesmo agora está a acontecer. Estamos assistindo desde já a convivência de um capitalismo em franca crise estrutural com a emergência de formas e situações preparatórias para a irrupção definitiva do socialismo no mundo de hoje.

Esse socialismo que começa a se fazer presente é marcado por uma significativa rejeição ao capitalismo, mas trata-se de um movimento ainda bem primário e situado em esferas limitadas no universo social. Ele tende a crescer na medida em que se tenha um grau maior de consciência sobre os seus malefícios, não obstante os muitos benefícios materiais, cuja apropriação, contudo, tende também a ser cada vez mais seletiva. E será ao longo da crescente oposição à continuidade das relações capitalistas que surgirá o socialismo possível, não aquele que vigorou por ocasião das experiências socialistas dos países e estados que integraram a comunidade socialista soviética. Será, por certo, bem diferente daquela primeira experiência, bem sucedida em alguns aspectos e não tanto em muitos outros. E essa construção do *novο* socialismo se dará com o tempo e durante o longo período dessa mais atual transição histórica na direção de uma sociedade igualitária, forma mais avançada da democracia.

O primeiro sintoma dessa transição já está em curso, e ele é assinalado pela superação no âmbito das relações capitalistas de produção do antigo MPC centrado fundamentalmente no setor da indústria, instrumento poderoso de criação de riquezas e de acumulação ampliada do capital, pela hegemonia do capital financeiro, fenômeno responsável pelo aparecimento do neoliberalismo. A acumulação doravante se dá principalmente por meio das operações financeiras dotando o sistema bancário hoje em dia de um poder muito maior do que o que outrora era ostentado pelos capitães de indústria surgidos quando da Revolução Industrial.

O MPC dos tempos da industrialização acelerada está sendo posto de lado pelo capitalismo em sua etapa neoliberal, e uma das primeiras consequências tem sido o progressivo desemprego, o aniquilamento de contratos de trabalho com garantias muitas das quais arrancadas pelo movimento sindical e operário e, além disso, pela capilaridade do capital irradiado em todas as regiões do mundo, levando consigo o ideário capitalista e sua lógica competitiva e destrutiva. Mas seu tempo não tem horizontes que garantam a sobrevivência da espoliação do trabalho.

Nesse panorama a quantas anda o velho imperialismo? Ele deu lugar a uma manifestação plural, uma vez que não é mais a representação de uma burguesia local, nacional ou regional detentora de seus modos de funcionamento. Ele, o imperialismo, se encontra disperso na medida em que sua difusão acabou por criar um império do capital com o intuito de direcionar todas as economias nacionais submetendo-as aos seus caprichos e imposições, de modo que a sede não é mais representada por



Desenho de Lênin

um único estado, mas pelo conglomerado de estados a abrigarem a grande banca financeira internacionalizada.

Ora, a tendência à universalidade das relações é algo que tende a favorecer o processo de transição à ordem não capitalista que já tem sido sinalizada e sentenciada mundo afora. O desprezo e a rebeldia em face da engrenagem capitalista não podem, contudo, deixar de perceber que ao sucumbir com o tempo, o capitalismo prepara a integração da humanidade de vez que seu processo de mundialização só reforça a possibilidade para se fundar as bases do internacionalismo fraterno e solidário da humanidade liberta das agruras do capital. Essa primeira estação do longo trajeto dessa mais atual transição histórica não deve sinalizar de imediato para o rápido funcionamento das relações socialistas de produção.

Assim, na esfera da produção começa a existir um formato no qual ganha projeção o caráter integrador dos povos, cada vez mais próximos em razão de seus pleitos serem comuns e complementares. A presença da lógica capitalista em todos os estados e territórios por ela abarcados só tem feito elevar gradualmente a consciência dos povos. E esta elevação ajuda objetivamente a que todos busquem interagirem entre si com uma aspiração comum: a de se livrarem dos malefícios causados pelo capitalismo a avassalar modos de existência, manifestações culturais, e a soberania e independência da comunidade diferenciada, cuja harmonia está exatamente na preservação desses traços caros a cada uma delas.

Assim, o combate à desigualdade reforça a defesa da diferenciação cultural dos povos. É precisamente através da consciência de que irmanados contra a opressão de um sistema que avassala a todos, embora diferenciados em muitos aspectos, que se dará a unidade de ação na busca da grande travessia em direção ao horizonte da

socialização dos sonhos e das realizações conjuntas dos seres humanos. Da rejeição ao capitalismo, passando pela busca de identidades num intervalo de construção de pautas comuns, é que começa a construção da sociedade não capitalista e pós-capitalista, estágios necessários com vistas à instauração do socialismo. E este a antessala imprescindível da democracia mais radical de todas as utopias, o comunismo.

A crise mais recente do capitalismo já ocorreu em plena vigência do neoliberalismo, iniciada em 2008 no sistema bancário norte-americano e relacionada com a política habitacional. A insolvência dos depósitos bancários resultado de valores fictícios e, portanto, sem lastro para a realização das operações acabaria contaminando outras economias capitalistas dependentes. Foi a primeira grande crise no período do imperialismo neoliberal, aquele como já foi dito que está disseminado nas diversas regiões onde se opera o capitalismo sob a forte contestação quanto à sua capacidade de produzir e reproduzir o bem-estar social. Ao contrário, o que se tem constatado é a presença ostensiva de uma sociedade do mal-estar social, à beira de uma esquizofrenia crônica e de um egoísmo próprio dos valores irradiados pelo sistema produtor desses males. Essa agonia depressiva e contrastante com a falsa alegria dos ganhos de míseros capitais na ciranda financeira tem levado o capitalismo a mais extremada situação de esgotamento, pois sem saída para suas crises e sem perspectivas para o futuro.

Essa nova cadeia do imperialismo fica bem demonstrada nas intervenções militares do complexo armamentista, este sim, em grande parte sediada em territórios norte-americanos. A parceria dos EUA, carro-chefe dessas operações, com os países europeus, em particular, tem propiciado a execução de uma estratégia de dominação geopolítica, que inclui o domínio de áreas petrolíferas e o aniquilamento de estados detentores de grandes reservas de petróleo, como aconteceu no Iraque e na Líbia, para citar tão somente aqueles estados mais atingidos por esse conglomerado de interesses servindo-se do aparato bélico da OTAN.

E essa estratégia vai mais longe, porquanto envolve áreas que anteriormente pertenciam ao território soviético, ricas em jazidas do ouro negro. Dessa maneira, o apetite em torno de riquezas minerais do Azerbaijão, Turcomenistão Cazaquistão, juntamente com as do Irã, permanente objeto dessa cobiça, tem feito acirrar as antigas rivalidades regionais e culturais na chamada Eurásia. Esta região tem na Rússia o país guardião dos recursos disputados sob as mais diferentes justificativas, incluindo a recente questão da Criméia, estratégico território russo e que a diplomacia deste país soube conduzir com firmeza para demonstrar a determinação de não deixá-la sob a influência de potências equidistantes à região. Essa questão levou ao acirramento das relações entre russos e ucranianos, que vinham exercendo o domínio relativo do território da Criméia. Relativo porque as forças armadas russas desde muito se encontram estacionadas na Criméia, logo, era um território pertencente à área de jurisdição política e estratégica da Rússia, a despeito de qualquer outra avaliação que se pretenda fazer ou arguir sobre essa situação preexistente na região.

O projeto de padronização da economia mundial é a nova etapa do imperialismo, e esta passa necessariamente pela inclusão de todos os recursos e riquezas fora do império. Este império, termo que tem sido usado com o propósito de caracterizar precisamente o projeto de tornar globais as fontes de produção e reprodução de investimentos, é ao mesmo tempo apátrida, pois não se situa numa única sede territorial ou nacional, como já se salientou, e também gerencial, pois se encarrega de lançar mão

do instrumental da mídia eletrônica e convencional para fazer valer os princípios e valores da ideologia do capital.

Essa difusão da ideologia por meio das redes sociais é igualmente um traço favorável ao socialismo que começa a coexistir com o capitalismo, uma vez que as redes sociais têm sido exercidas pela cidadania e grupos sociais mais ou menos organizados, que também difundem bandeiras e campanhas muitas das quais tendo como alvo a perversa dinâmica do capitalismo. Com isso fica mais evidente o antagonismo do capitalismo com a democracia, da mesma forma que o capitalismo se antagoniza com o republicanismo em seus fundamentos originais e frequentemente recorrentes em face das formas espúrias de acumulação da riqueza.

É a conscientização a respeito da incompatibilidade entre capitalismo e democracia social, que tem feito crescer a oposição ao capitalismo em todas as partes do mundo. Só adjetivando a democracia incorporando o social pode-se diferenciar a democracia liberal suportada pela ditadura do capital com a real democracia, a que para pleonasticamente explicitá-la é preciso designá-la de social. Isto quanto ao que concerne às relações sociais, porque no que se refere aos aspectos institucionais relativos aos regimes, a República não pode comportar a presença do capitalismo, se ela quiser fazer valer a prática de seus fundamentos.

Se na democracia considerada dentro da perspectiva socialista - uma vez que o termo social levado ao extremo implica na configuração de sociedades socialistas, - alcançou progressos consideráveis, mesmo sob o manto da hegemonia do capital; no caso da República tais avanços têm trazido de volta dois pilares do ideário republicano: a austeridade no gasto dos recursos públicos, sobretudo, voltado para o interesse público, e a transparência nos atos e decisões dos poderes republicanos, isto é, a participação do povo na gestão orçamentária e nas aplicações de recursos por parte dos representantes do povo. A crise entre representantes e representados existente em todos os países - hoje em dia praticamente todos capitalistas, - revela com notável clareza a antinomia entre as instituições da democracia capitalista, fundadas no emprego massivo de capitais nos processos eleitorais, e os princípios de representação do povo nas assembleias e poderes legislativos.

A República depositária de uma essência insubstituível, segundo a qual ela é o regime da coisa pública e, portanto, da cidadania plena e absoluta, o que quer dizer que todos têm direito a direitos e a todos devem ser ofertados os bens de vida, isto é, a subsistência, a realização pessoal e a felicidade fraternal; tem sido impedida de se tornar a realidade acalentada por seus interpretes doutrinários e praticantes por conta do capitalismo a reger seu funcionamento. Ou bem o capitalismo a desfigura de vez, ou os repúblicos a tomam para si e se desfazem coletivamente do sistema que a impede de realizar-se. E o socialismo se apresenta como o sistema mais consentâneo, mais adequado e o único representativo de uma parceria com o ideário republicano.

Por isso, torna-se urgente que se faça existir formas orgânicas de participação popular, e que elas funcionem de forma autônoma e independente. Estas podem ser formadas pela iniciativa de movimentos sociais e entidades do povo, sem a interferência de partidos políticos, justamente para que se evitem as possibilidades de monitoramento de tais organismos de massa. A transição pós-capitalista impõe essa iniciativa popular para que se fortaleça a vontade geral, o interesse popular, já que a resistência das classes dominantes a que se consume esse processo de transição à real

democracia se fará sentir com toda a força de seus mecanismos de poder, que elas detêm e que não abrirão mão senão pela força e determinação do povo.

Referências bibliográficas

BORON, Atilio. “*Hegemonia e Imperialismo no Sistema Internacional*” IN Nova Hegemonia Mundial. Alternativas de mudanças e movimentos sociais. BORON, Atilio (org.). Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: Buenos Aires, 2004; PP. 133-154;

CHOMSKY, Noam. Piratas & Imperadores, antigos & modernos. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil. Tradução Milton Chaves de Almeida, 2006;

LÊNIN, Wladimir. O Imperialismo, fase superior do Capitalismo. Lisboa: Editorial Progresso, Lisboa-Moscovo, 1984.

SCHAFF, Adam. A Sociedade Informática. São Paulo: Brasiliense, 2001.

WOOD, Ellen. “*Imperialismo dos EUA: Hegemonia econômica e poder militar*” IN Revista Crítica Marxista. Número 19, Ano 10. Rio de Janeiro: Revan, 2004, pp. 49-61.

Recebido em novembro de 2014 e aprovado para publicação em janeiro de 2015.

A integração regional como estratégia de política de Estado do Brasil na geopolítica internacional

Sérgio Luiz Pinheiro Sant'Anna

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense, Procurador Federal, Professor da Universidade Cândido Mendes, Membro do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública e Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros. Presidente da Comissão de Direito da Integração e Conselheiro da Seccional da OAB do Rio de Janeiro, membro das respectivas Comissões de Direito Constitucional, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

O processo de Integração Regional se insere num movimento de articulação de países vizinhos objetivando uma maior participação no cenário geopolítico internacional. O presente artigo acadêmico se situa no campo da contra-hegemonia e defende que o Brasil deva assumir sua condição de líder regional e atuar como um *player* na defesa dos seus interesses e dos demais países sul-americanos, seja em virtude da participação no Mercosul, seja em virtude da participação na Unasul, junto aos demais países nos foros e espaços de discussão política como a ONU, o G-20, a OMC, dentre outros.

Palavras-chave: Integração Regional, UNASUL, MERCOSUL, Contra-Hegemonia Multilateralismo

Abstract

The process of regional integration is part of a joint motion of neighboring countries aiming at greater participation in international geopolitical scene. This academic article is in the field of counter-hegemony and argues that Brazil should assume their regional leader status and act as a player in defending their interests and other South American countries, either because of participation in Mercosur, either because of participation in UNASUR, together with other countries in the forums and spaces for political discussion as the UN, the G20, the WTO, among others.

Keywords: Regional Integration, UNASUR, MERCOSUR, Counter-Hegemony, Multilateralism

Resumen

El proceso de integración regional es parte de una moción conjunta de los países vecinos encaminadas a una mayor participación en el escenario geopolítico internacional. Este artículo académico es en el campo de la lucha contra la hegemonía y sostiene que Brasil debe asumir su condición de líder regional y actuar como un jugador en defensa de sus intereses y de otros

países de América del Sur, ya sea por la participación en el Mercosur, ya sea debido a la participación en la UNASUR, junto con otros países en los foros y espacios de discusión política como la ONU, el G-20, la OMC, entre otros.

Palabras clave: la integración regional, UNASUR, MERCOSU, Contrahegemonía, El multilateralismo.

I - INTRODUÇÃO

O Estado brasileiro, mesmo em períodos governamentais de Presidentes e Partidos Políticos de correntes diversas, tem atuado numa perspectiva de ampliar a sua inserção regional nestas últimas quase três décadas, seja para busca de novos mercados e oportunidades, seja para exercer o seu papel de *player* que busca reconhecimento na esfera internacional.

A integração regional, desta forma, deve ser compreendida como política de Estado onde se contrapõe fatores favoráveis e desfavoráveis na busca para se atingir aos principais objetivos. A compreensão do grau de compromisso do Estado com a integração está baseada na previsão normativa do seu mais importante documento jurídico-político, ou seja, na Constituição da República Federativa do Brasil, o que permite o embasamento, no plano institucional, que legitima a atuação do Estado brasileiro na articulação das políticas integracionistas.

O surgimento do Mercosul e da Unasul se deu em conjunturas distintas, mas se caracterizou uma estratégia de aproximação entre países vizinhos no marco da conversão ao sistema democrático, com capacidade de ampliação do debate que envolve os interesses dos países da América do Sul e a clareza de que em qualquer processo de aproximação, necessariamente os Estados Unidos perdem influência no processo decisório final.

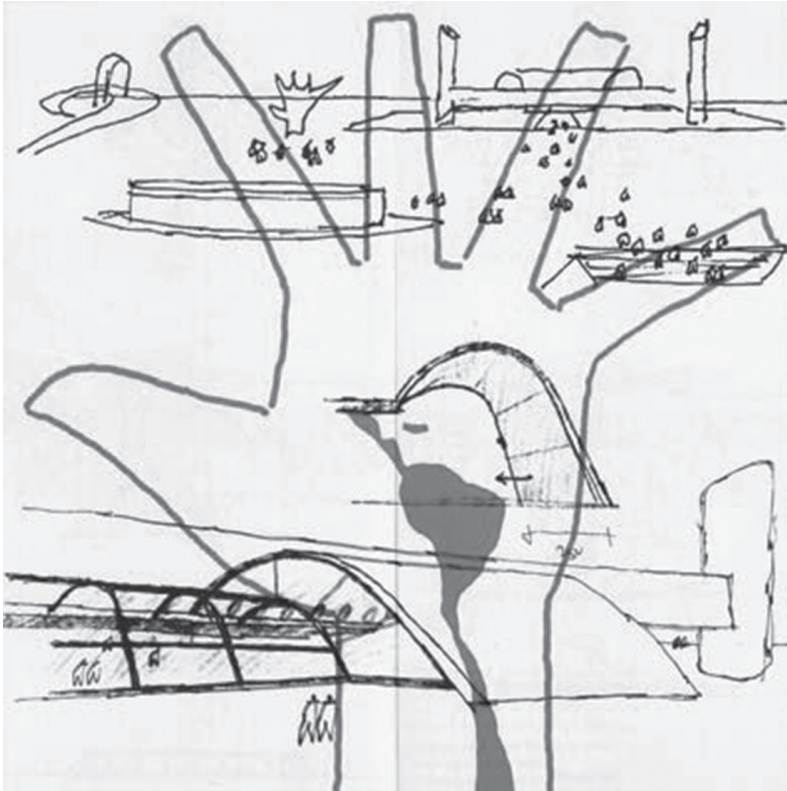
Assume relevância a posição do Estado brasileiro, pelo fato da República Federativa do Brasil ter metade da população da América do Sul (49%); mais da metade do Produto Interno Bruto (56%) e metade da área territorial, com os seus 8.511,965 km², o que demonstra o peso político, econômico e territorial que representa a sua participação em qualquer articulação e estratégia política que venha a ser constituída na América Latina, em particular a do Sul.

O Brasil tem fronteiras com nove dos outros onze países da América do Sul, o que demonstra ser de grande interesse para a paz interna do país e da região, a manutenção de um sistema de relações amigáveis permanentes e duradouras com os seus vizinhos.

Por sua vez, o fato dos Estados Unidos não terem interesse na articulação de países vizinhos na América do Sul sem o seu controle e, em diversos momentos, orientado de forma direta ou indireta, algumas definições político-governamentais contra esta unidade de ação, sempre serve como um elemento adicional para dificultar qualquer movimento de integração entre estes países.

Levando-se em consideração que a integração é uma articulação e decisão política, cabe destacar alguns fatores favoráveis à integração, como forma de compreender os fundamentos de determinadas decisões políticas e porque algumas dessas decisões são mais rápidas e outras demandam um tempo maior de negociação e de aceitação por parte dos demais Estados.

Determinadas decisões no campo externo acabam sendo dificultadas inclusive pela falta de compreensão ou aceitação no campo interno do respectivo país, seja pela socie-



Memorial da América Latina no traço de Oscar Niemeyer, 1986. Fonte: <http://memorial.org.br/>

dade civil, seja pelo órgão legislativo dos Estados, seja pela pressão do empresariado local, que teme perder mercado ou escalas com decisões governamentais na esfera do bloco e, sobretudo, pressão por parte de setores da mídia que não demonstram simpatia pelos processos de integração com os países vizinhos.

Como os Estados Nacionais procuram esgotar o consenso para o processo decisório, o processo de negociação e discussão tende a ser bastante lento, em determinadas matérias, até se chegar à fase de decisão, o que pode levar a vários problemas, inclusive o de se difundir na mídia que os processos de integração não avançam e não são vantajosos para o país, o que, muitas vezes, não reflete a complexidade da matéria e os motivos pelos quais não se avançou ou se deu de forma lenta.

II- FATORES FAVORÁVEIS À INTEGRAÇÃO

Diversos fatores poderiam ser apontados como elementos que aproximam os países para uma política de integração ou de estratégias conjuntas.

Na América do Sul, a similitude histórica e política destes países pode ser apontada como fator de identificação entre estes países, sendo que neste início de século tem-se comemorado em sequência, os aniversários dos bicentenários da independência na luta contra o colonizador europeu.

O uso majoritário de somente dois idiomas, o espanhol falado em nove países e o português falado no Brasil, que detém parcela populacional significativa da América do Sul.

Outro fator de aproximação é a deficiência da infraestrutura física que dificulta o potencial de comércio regional, o que os aproxima para a implementação de ati-

vidades conjuntas, já que todos estes países têm problemas de infraestrutura física, aprofundados por décadas de falta de investimento e na resolução de problemas microeconômicos, como inflação e desemprego.

O entendimento político dos governos em curso tem sido pela necessidade de priorização de políticas públicas conjuntas, de forma a enfrentar os grandes temas e projetos na esfera da agenda regional e mundial.

No caso do Mercosul, a criação do Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul (FOCEM), em que o Brasil contribui com 70%, Argentina com 27%, Uruguai com 2% e o Paraguai com 1%, vem sendo o instrumento que possibilita que estes países tenham maior condição de competitividade, a partir da melhoria da sua infraestrutura física, se constituindo em fator relevante e que dimensiona a necessidade de enfrentamento do problema.

A compreensão da importância da criação de organismos internacionais como no caso do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), Comunidade Sul-Americana de Nações (CASA), posteriormente União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e do Caribe (CELAC), objetiva discutir e deliberar temas de interesse destes países, sem a ingerência da posição dos Estados Unidos, principalmente, e do Canadá, o que possibilita maior autonomia decisória.

No âmbito da Unasul, a possibilidade de criação do Banco do Sul, enquanto instituição financeira que pode ter papel relevante para o desenvolvimento regional através do financiamento para obras de infraestrutura, que já vem sendo adotado no âmbito da Comunidade Andina de Nações, proporcionando assim o fomento à atividade econômica, enquanto fator indutor de desenvolvimento. No âmbito do Mercosul, a concordância do Brasil, enquanto maior parceiro comercial, com a eliminação da dupla cobrança de tarifa externa comum aos produtos de fora do bloco que entram por Paraguai e Uruguai, mas têm o Brasil como destino, além da própria formulação de um Código Aduaneiro enquanto instrumento de complementação às medidas de ordem comercial do bloco, apontam para a possibilidade de um diálogo para o avanço das instituições, de forma a permitir desdobramentos de longo prazo.

O aumento da participação e da possibilidade de acesso dos países-membros no mercado internacional, levando-se em consideração a dificuldade de complementação da Rodada Doha, no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC); a crescente participação da China no comércio internacional com sua demanda por alimentos e minérios, com grandes reflexos na América Latina; a unidade para a defesa contra o crescente protecionismo de economias, notadamente Estados Unidos e União Europeia, que defendem o livre-comércio, mas não as praticam na sua plenitude; bem como, finalmente, o quadro delineado pela crise financeira internacional, iniciada em setembro de 2008 nos Estados Unidos, e que atinge em maior ou menor escala todos os países, em especial, os países desenvolvidos, que demandam estratégias conjuntas contra estas medidas, são elementos da conjuntura internacional que ampliam a possibilidade de ação coordenada e conjunta.

Outro ponto a destacar é o incremento do comércio regional, se levarmos em consideração, no âmbito do Mercosul, que no início dos anos 90 da década passada era de cerca de U\$ 15 bilhões de dólares, ao passo que em 2006 o volume era de U\$ 26 bilhões de dólares, embora questões cíclicas de ordem interna ou externa podem influenciar no ritmo de crescimento do comércio entre países.

A criação de políticas como no caso do Programa de Substituição Competitiva de Importações (PSCI), para que o Brasil importe mais da região ao invés de outros países do mundo, desde que os vizinhos consigam competir, acaba sendo um fator de estímulo para os outros países em desenvolvimento, ao mesmo tempo que equilibra a balança comercial entre os países, para não haver situação continuada de déficit comercial ou de superávit comercial.

São apontados, ainda, como fatores que facilitam a integração: a existência de um Sistema de Solução de Controvérsias que precisa ser utilizado de forma mais efetiva; a consolidação das instituições democráticas; a necessidade de adequação das elites a um projeto mais incluyente e de aceitação das políticas sociais e com a efetivação dos direitos e garantias fundamentais, em particular, temas como a fome, a inclusão social, os direitos humanos, inclusão das minorias, em especial negros e indígenas e adoção de políticas públicas, que passaram a fazer parte da agenda destes países; o apoio e o compromisso de cada Estado nacional às instituições supranacionais, levando-se em consideração esta nova realidade dos múltiplos atores, principalmente num mundo multipolar.

Em que pese a dificuldade decorrente da complexidade de qualquer processo de integração envolvendo realidades de países distintos, o próprio compromisso dos governantes em apostar na integração regional, possibilita avançar na agenda e na institucionalização do bloco.

Um último aspecto a ser destacado é potencial de recursos naturais e de biodiversidade da região, o que tem facilitado contatos, reuniões e debates acerca da necessidade de proteção e inventário deste patrimônio.

No âmbito da Unasul, principalmente no Conselho de Defesa Sul-Americano, nos debates sobre os Recursos Naturais, mas também em outros foros, tem-se avançado na perspectiva da necessidade de se regulamentar o aproveitamento sustentável de todo este patrimônio natural que envolve a Amazônia, o Chaco, o Pantanal, a Patagônia, os Andes, os litorais do Oceano Atlântico e do Pacífico, os Aquíferos, enfim, a fauna, a flora e todos os recursos da região, que incluem diversos minerais estratégicos para o desenvolvimento de países e para o setor industrial e tecnológico de importantes setores da economia.

Isto possibilitará uma maior capacidade destes países em proteger e valorizar os seus produtos e ampliar as divisas financeiras oriundas de suas respectivas exportações.

Tem sido objeto de discussão, a proposta de um mapeamento das riquezas da região, particularmente aqueles recursos naturais considerados estratégicos e que tem enorme demanda por parte de países como Estados Unidos e China, para que os países da região tenham não somente uma maior capacidade de negociação de suas *commodities*, com preços compatíveis com a importância do recurso natural, mas também possam ter condições efetivas de proteção no âmbito governamental, inclusive no plano legislativo interno e administrativo, como patentear os seus produtos nativos, protegendo-os da biopirataria.

III- O SIGNIFICADO DA INTEGRAÇÃO

O significado do processo de integração, ao longo destas décadas, permite compreender os fundamentos que estimulam o intercâmbio entre os países na conjuntura atual, na qual existem elementos de ideologia, de base no Comunitarismo, na Solidariedade

e no respeito entre os povos, aliados ao pragmatismo e visão mais próxima da análise de conjuntura, que levam à possibilidade de países de forma conjunta, poderem se constituir em atores com maior capacidade de interlocução global.

Os processos de integração tendem a ser influenciados pela visão econômico-comercial, por parte da atuação do empresariado e da representação do fator capital, na defesa e na ampliação dos seus interesses que acabam convergindo com os interesses do Governo, na medida em que ampliação de escalas produtivas, *superávit* na balança de pagamentos e aumento das exportações são políticas de interesse dos Estados para efetivar o crescimento econômico e o estímulo às políticas públicas internas, com a geração de emprego e renda.

Existe um aspecto significativo do processo de integração ao longo deste início de século XXI, que foi a capacidade dos países da América do Sul, em grau de intensidade diferenciado evidentemente, mas dentro da lógica da integração, em compreender que integração não pode se limitar a atividade de comércio e na busca de indicadores econômicos, sem um projeto social, político e cultural que possibilite avançar no que seria a real dimensão de uma integração.

Qualquer desenho e formulação de medidas integracionistas é, antes de mais nada, política e deve ter conexão com um modelo de Estado que consiga aliar a orientação política às questões econômicas, sociais e culturais, objetivando estabelecer um projeto mais amplo de integração, embora seja natural a busca pelo avanço comercial.

Verifica-se que os dois processos de integração em curso estudados ao longo deste artigo, o Mercosul e a Unasul, têm se pautado na perspectiva da legitimação dos canais decisórios, principalmente a partir da primeira década do terceiro milênio, mesmo com naturais dificuldades típicas de processos de integração com atores bastante diversificados e assimétricos, desde o fator econômico até o fator territorial, passando pelo populacional.

Na esfera do comércio, o desequilíbrio cambial entre o Brasil e os principais mercados China e Estados Unidos, acaba afetando o saldo comercial do Brasil com a América do Sul e a União Europeia, segundo diagnóstico elaborado em pesquisa da Federação das Câmaras de Comércio e Indústria da América do Sul (Federasur), já que a pauta de exportações do Brasil é baseada em produtos primários, destacando-se minérios, soja em grãos, petróleo e derivados, entre outras *commodities*, que, inclusive, dominam a relação dos 15 (quinze) principais produtos.

No campo das importações destacam-se peças e componentes de itens de maior valor agregado como peças para a indústria eletrônica, o que vem provocando debates no Brasil, que se estende pela América do Sul, sobre o processo de desindustrialização.

Mesmo com todos os problemas do pós- crise de 2008, a corrente de comércio com os países vizinhos sul-americanos cresceu 41% no 1º bimestre de 2012, com a redução do *superávit* comercial na ordem de - 26%, o que demonstra maior equilíbrio nas relações comerciais.

De 2009 para 2010, o peso da região no âmbito do comércio brasileiro saiu de 14,94% para 16,91%, sendo que entre janeiro a dezembro de 2009, o saldo comercial entre Brasil e a América do Sul foi favorável na ordem de R\$ 7.929.014,00 (sete milhões, novecentos e vinte e nove mil e quatorze reais) e a corrente de comércio movimentou R\$ 46.087.095,00 (quarenta e seis milhões, oitenta e sete mil e noventa e cinco centavos), valores em reais.



Fonte: <http://jornalggn.com.br/>

Em 2008, a China tornou-se o principal parceiro comercial brasileiro, sendo que as exportações do agronegócio para esse país somaram U\$ 8,9 bilhões em 2009, o que correspondeu ao equivalente a quase 14% dos embarques agropecuários nacionais. O principal produto exportado foi o complexo de soja, na ordem de U\$ 6,75 bilhões.

O fator China é um componente de grande relevância para a região porque possibilita um equilíbrio e, ao mesmo tempo, um contraponto ao poder dos Estados Unidos da América, de forte tradição de intervenção e influência geopolítica na região.

O problema inverso é a quantidade de produtos que são enviados pela China para o mercado dos países da América Latina e Caribe, em especial os da América do Sul, alguns deles com baixo padrão de qualidade, e que acabam competindo com os próprios produtos da região em condições favoráveis.

Registra-se que a China tem investido em ciência, tecnologia, inovação, capacitação da sua mão de obra e na qualificação dos seus produtos, tentando aperfeiçoar e diversificar a sua produção industrial, além da melhor qualidade dos seus produtos exportados para os outros continentes.

Neste contexto, o peso da influência da China tem que ser pensado no curso do processo de integração, de forma a possibilitar o estabelecimento de políticas e medidas de curto, médio e longo prazo para a defesa dos produtos e dos mercados da região, que vem sendo inundado de produtos oriundos daquele país, em algumas situações caracterizando-se a prática de *dumping* e da concorrência desleal entre mercadorias internas.

Se o avanço do processo democrático e a atual convergência de orientação política dos governos e dos fundamentos ideológicos em campos políticos próximos na maioria dos países sul americanos, vem facilitando acordos e estratégias de atuação conjunta, questões relevantes suscitam controvérsias que precisam ser debatidas e superadas.

No âmbito militar, a ampliação do acordo de cooperação entre a Colômbia e os Estados Unidos para combate às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), é um fator de permanente instabilidade e preocupação para toda a região, até pelos antecedentes da atuação estadunidense que contribuíram para os regimes militares em diversos países.

A perspectiva de uma solução negociada e pacífica é sempre a melhor maneira de resolver o conflito, indo na posição contrária aos interesses estadunidenses que preferem a extensão destas bases militares, principalmente em razão do inimigo invisível do terrorismo, declarando a região da Tríplice Fronteira, localizada entre Brasil, Paraguai e Argentina como uma região de potencial foco de ingresso de terroristas no continente.

Mesmo tendo o Equador e o Peru, nesse caso a partir da eleição de Ollanta Humala, declarado que não manteriam bases americanas em seus respectivos países, os Estados Unidos continuam utilizando instrumentos de pressão para continuar mantendo a sua hegemonia e o seu controle no continente.

No âmbito econômico-comercial, os acordos de livre-comércio bilaterais que os Estados Unidos têm tentado implementar com determinados países, sob o ponto de vista principalmente do Mercosul, constitui-se em fator de desestabilização, pois existe proposta de ampliação do Mercosul que choca-se com este projeto bilateral de comércio.

A quantidade de pessoas que saiu da linha de pobreza no último decênio é significativa, mas a situação ainda é complexa e exige políticas públicas, baseadas num planejamento articulado para reversão de um problema histórico de décadas.

Os reflexos da crise mundial nas respectivas economias, que vem sendo debatido no âmbito da Unasul de forma mais intensa, vem demonstrando a necessidade de aprofundamento de temas de interesse de todos os países, como a priorização de projetos de infraestrutura; as divergências na comercialização entre mercadorias de países vizinhos, como a recente agenda de reuniões para discussão de problemas entre Argentina e Brasil, sob o argumento de proteção da indústria interna; e a diminuição das assimetrias entre os países, que vem norteando os debates no âmbito do Mercosul.

Pela dimensão que adquiriram os processos de integração na América do Sul, em particular o Mercosul e a Unasul, deve-se buscar uma visão mais política da integração no paradigma da contra-hegemonia, o que deve ser uma análise de fundamento político, já que se fosse para manter uma integração hegemônica, teríamos somente a preponderância da atividade comercial.

IV - CONCLUSÃO

Processos de integração como o Mercosul, a partir do segundo decênio, e a Unasul refletem o estágio em que a América do Sul tem se movimentado no contexto geopolítico atual e no que tange as fases da Globalização do início deste século.

A Globalização deve ser entendida como um conceito em construção, dialético e que corresponde a uma realidade empírica, onde estudiosos das Ciências Sociais e das Ciências Econômicas convergem ao estabelecer uma relação de associação às mudanças significativas que vêm ocorrendo nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais do mundo contemporâneo.

A globalização retrata o mundo vitorioso da Segunda Grande Guerra baseado numa estrutura institucional do sistema mundial totalmente calcada na hegemonia estadunidense através de instituições como o Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), atualmente Organização Mundial do Comércio (OMC), além do desenho estrutural da Organização das Nações Unidas concebida no quadro desta hegemonia e que respeita o interesse das forças aliadas na

Segunda Guerra Mundial traduzida pelo poder de veto dos Estados Unidos, da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, atualmente Rússia, França, Reino Unido e China junto ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, mas a partir da década de noventa do século anterior se viu impulsionada por um cenário político internacional que não mais encontrava os obstáculos da Guerra Fria, aliado a um cenário que retrata o enorme avanço tecnológico da informática, dos meios de comunicação e da informação, com maior facilidade de deslocamento dos fluxos de capitais e as relações entre os países.

O processo de globalização passou a ter a visão unipolar com a ascendência americana da visão neoliberal e da doutrina preconizada pelo Consenso Econômico Neoliberal, baseada no pensamento único que durou por pouco menos de duas décadas, na medida em que o modelo preconizado por esta concepção política e econômica se mostrou falho e totalmente contrário a um processo de recuperação com soluções adequadas aos países que aplicaram o seu receituário.

O atual processo de globalização se pauta numa Hegemonia Compartilhada, a partir de uma visão multilateral que propicia que os Estados Unidos, em maior escala, e a Europa integrada e o Japão, em menor escala, terão menor poder de persuasão na medida em que verificam a ascensão de outras potências que se constituem em novas economias industriais e lideranças no âmbito regional, como a China, a Índia, o Brasil, o México, a Turquia, a África do Sul, países asiáticos, além do ainda considerável poder de influência da Rússia.

O multilateralismo tem propiciado que os países possam ter uma maior participação no processo de influência de grandes temas na agenda internacional, não somente por beneficiar-se do sistema do regionalismo aberto, mas também pela sua articulação em processos de integração regional.

O Regionalismo aberto consiste num complexo processo onde os países envolvidos tratam da liberalização do comércio de bens e serviços entre os membros do modelo de integração, mas sem aumentar as barreiras de tal comércio frente a terceiros países, dentro dos compromissos jurídicos adquiridos por força da Organização Mundial do Comércio. Em outras palavras, representa um processo de integração regional que intensifica a crescente interdependência econômica que pode avançar em aspectos políticos, sociais e culturais.

A Organização Mundial do Comércio (OMC) admite duas interpretações para o conceito de regionalismo aberto. Na primeira é considerado como assegurada a consistência dos acordos regionais com o sistema multilateral, cuja natureza estaria ameaçada pela proliferação de grupamentos regionais, transformando em regra a exceção ao princípio da nação mais favorecida. Alguns autores entendem que chegaríamos em 20 anos, a uma divisão do comércio mundial em 2 ou 3 blocos intercontinentais, cada um com suas regras e livre-comércio intrabloco, mas as barreiras entre os blocos continuaria a existir. Na segunda interpretação, considera-se que as barreiras internas ao comércio, no âmbito de uma determinada região seriam gradualmente eliminadas mais ou menos à mesma taxa e na mesma cadência de redução das barreiras em relação aos países não membros. Esse seria um caso ideal, mas utópico, onde haveria uma convergência gradual do regionalismo para o multilateralismo sem protecionismo e práticas discriminatórias, já que o princípio de nação mais favorecida seria preservado.

No início do século XXI a liberalização do comércio se intensificou e passou pelos caminhos do multilateralismo e o bilateralismo. Sobre o multilateralismo, um

dos principais exemplos é o papel desempenhado pelos países nas discussões sobre a agricultura durante a Rodada Uruguai do GATT (1986-1993) pela sua amplitude, principalmente no que tange às questões agrícolas.

A regionalização tem implicado num processo de multiplicação dos tratados de integração regional em todo o mundo. O Brasil tem se caracterizado por exercer a sua hegemonia não em termos tradicionais, baseada na ação armada, expansionista ou na dominação política, mas sim o de buscar o reconhecimento de sua liderança regional, e com isto ampliar o seu poder político no plano internacional se inserindo como um *global player*.

Esta inserção estratégia internacional do Brasil passa pelo fortalecimento do processo de integração regional sul-americano e tem como pilares fundamentais a delimitação desta região como área de sua influência através dessa integração regional, sem prejuízo de uma política multilateral de adesão e participação das instituições e acordos internacionais, como forma de aumentar a sua influência, mas também a manutenção da estabilidade regional.

Em síntese, depreende-se que o regionalismo e o multilateralismo complementam-se no sentido de se definir uma política externa “universalista” e que rejeita o alinhamento automático aos Estados Unidos e busca afirmar o exercício de sua hegemonia no plano regional, priorizando a sua ação política na América do Sul, através dos laços históricos e de similitude.

Com base nos pressupostos explicitados, os processos regionais sul-americanos, embora reconhecendo as naturais dificuldades e desacertos, tem buscado criar sua própria identidade, valores e procedimentos, com o objetivo de estabelecer metas e diretrizes conjuntas para uma maior inserção no cenário global.

A integração regional vem se consolidando, através de políticas e estratégias debatidas pelos Chefes de Estado e de Governo junto às instâncias institucionais, que foram criadas para que a efetividade do processo decisório se traduza em ações no campo político e diplomático, com reflexo nas áreas sociais, econômicas e culturais, inclusive mediante regulamentação jurídica.

Finalmente, a ação política favorável ao processo de integração regional deve se inserir no campo da contra-hegemonia e de repúdio ao modelo neoliberal e à lógica do Estado em função dos interesses da Empresa e dos mercados.

V- REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARROS, Sebastião do Rego. Mercosul: Tempos de Desafio. In: REVISTA LATINOAMERICANA de Temas Internacionais. *Archivos Del Presente*. Buenos Aires, Fundación Foro Del Sur, 2000, n. 19.

BATISTA JÚNIOR, Paulo Nogueira. *Brasil, Argentina e América do Sul*. Estudos Avançados. São Paulo, vol. 19, n. 55, set/dez, 2005.

CANÇADO TRINDADE, A. A., Regionalismo abierto en América Latina y el Caribe. *La integración económica en servicio de la transformación productiva con equidad*. 1994.a. Disponível na Internet: www.eclac.org/espanol/textosfund/Cepal6.html

GAMBINA, Júlio. *Las crisis de la economía mundial y los desafíos para el pensamiento crítico*

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. *O papel político internacional do Mercosul*. In:

LAVAGNA, Roberto. *Alianzas Regionales: Mercosur, Nafta y la Unión Latinoamericana*. Argentina y Brasil en el Mercosur. Grupo Editor Latinoamericano, 1995.

SADER, Emir. *Democracia sin exclusiones ni excluidos*. Caracas/ Venezuela: Nueva Sociedad, 1998.

SANTOS, Theotonio (Coord.) *Economia Mundial, Integração Regional e Desenvolvimento Sustentável – As Novas Tendências da Economia Mundial e a Integração Latino-Americana*, Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

Fonte: www.mre.gov.br (sítio do Ministério das Relações Exteriores)

Recebido em dezembro de 2014 e aprovado para publicação em janeiro de 2015.

Experiência pedagógica no progressismo desenvolvida em 1969 na Ilha de Paquetá

José Augusto Di Jorge Vasconcellos

Professor de Biologia do Estado do RJ, membro do Conselho Editorial da Revista *Ciência & Luta de Classes* do Centro de Educação Popular e Pesquisas Econômicas e Sociais Especialista em Educação pela UERJ, Rio de Janeiro, Brasil

Maria Júlia da Costa Belém

Professora titular de Zoologia do Instituto de Biologia da UFRJ, Mestre em Zoologia pela UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

O artigo expõe a aplicação da filosofia pragmática de John Dewey no estudo da fauna marinha da ilha de Paquetá, feito por alunos da escola secundária com orientação dos professores, em 1969. O desenvolvimento do projeto modificou a prática do estudo de Zoologia do imobilismo para um processo de compreensão da adaptação dos animais nos seus ambientes na elaboração de chaves de classificação, que permitiram aos educandos compreender que a evolução das espécies é um processo.

Palavras-chave: contexto, projeto-escola, cadeia alimentar, sobrevivência.

Abstract

The article shows pragmatic philosophy of John Dewey on study of sea fauna of Paqueta Island, done by students of high school with direction of teachers in 1969. The development of the project transformed the practice of study of zoology of immobilism to comprehensive process of the adaptation of animals in their habitats in the working up of classification keys, which allow to the student understand that species evolution is a process.

Keywords: context, school project, food chain, survival.

Resumen

El artículo expone aplicación de la Filosofía Pragmática de John Dewey en el estudio de la fauna marina de la isla de Paquetá hecho por los estudiantes de la escuela secundaria con orientación de los profesores en 1969. El desarrollo del proyecto cambió la práctica del estudio de Zoología del inmovilismo del alumno hacia un proceso de comprensión de la adaptación de los animales en sus medios, a través de la elaboración de llaves de clasificación, que permitirán los educandos tener comprensión de que la evolución de las especies es un proceso.

Palabras llave: contexto, proyecto-escuela, cadena alimentar, supervivencia

I - INTRODUÇÃO

A concepção filosófica pragmatista estabelece que a aprendizagem seja fundamentada na motivação, no interesse e curiosidade do aprendiz.

O processo de aprendizagem ocorre através da resolução de problemas, possibilitando ao educando reconstituir e reinterpretar as suas próprias experiências.

O pragmatismo opõe-se às verdades absolutas, nas quais os alunos são vistos como produtos imutáveis dos valores escolásticos e sincréticos de uma sociedade tradicionalmente oligárquica e preconceituosa.

A educação na filosofia pragmatista é na realidade um processo e não simplesmente um produto, o que possibilita aos discentes enfrentar problemas atuais e futuros em um nível de compreensão libertos dos dogmas impeditivos da elaboração de novas ideias e concepções, tornando-os melhores seres sociais, através do uso do método experimental e da análise filosófica com base na dialética de Hegel, possibilitando torná-los seres capazes apenas de compreender o tempo histórico enraizado na realidade democrática e liberal burguesa.

A sociedade em que John Dewey nasceu e desenvolveu suas reflexões sobre a problemática educacional norte-americana é uma sociedade de classes onde o poder político representa as grandes corporações financeiro-agro-industriais cujos os interesses estão voltados para a proteção das classes dominantes. A escola é o microcosmo da sociedade na qual ela está inserida.

Consideraremos quatro aspectos essenciais pra compreendermos as distinções entre o idealismo e o materialismo dialético e, conseqüentemente, perceberemos as influências limitadoras do idealismo na filosofia pragmática de John Dewey para transformação do processo educacional, como segue:

IDEALISMO	MATERIALISMO DIALÉTICO
1) Conciliação do pensamento com a realidade	1) Homem modifica a realidade
2) Homem passivo	2) Homem em ação
3) Comportamento reflexivo e contemplativo	3) Comportamento operativo (ação, movimento)
4) Sujeito da História - pensamento Objeto/predicado - Homem	4) Sujeito da História - Homem Objeto/ predicado - pensamento

A filosofia pragmatista é evolucionista e não revolucionária, pois sofre influência hegeliana idealista, constituindo as estruturas de sua filosofia – o progressismo –, negligenciando a própria economia a favor da importância do pensamento. No materialismo dialético, o pensamento será instrumento para a transformação da realidade. O Karl Marx em ação com seu pensamento em ação, salienta que a estrutura econômica é fundamental para o delineamento da estrutura educacional, conseqüentemente, se refletirá na própria ação pedagógica. Podemos verificar, como exemplos, os padrões distintos de socialização, os critérios questionáveis de avaliação, ênfases nas atitudes por parte dos alunos de obediência, passividade, resignação e outros. Neste quadro, a escola desenvolverá o seu papel de promover

o pleno desenvolvimento humano, ou simplesmente, no processo capitalista será o agente da legitimação da estrutura de classes?

A sociedade em que John Dewey nasceu e desenvolveu suas reflexões sobre a problemática educacional norte-americana, é uma sociedade de classes, onde o poder político representa as grandes corporações financeiro-agro-industriais, cujos interesses estão voltados para a proteção das classes dominantes.

A formação de John Dewey ocorre neste contexto, os postulados de sua filosofia, embora avançados para as sociedades de classes, não atendem aos interesses da burguesia financeiro-agro-industrial, pois não exalta o consumo desenfreado e o mercado.

Dewey advoga que a escola deve fomentar a cooperação em vez da concorrência, baseada no amor e na solidariedade; enfatiza, que esses dois valores são mais importantes que a concorrência e o êxito pessoal, portanto, é a negação de um dos pilares da economia capitalista. Os valores ensinados na escola são os que melhoram o bem estar humano, num processo de fortalecimento do senso crítico, rejeitando qualquer tipo de individualismo e dando ênfase ao pensamento independente, à capacidade criadora e a um comportamento verdadeiramente humanista. Esta visão idealista subjetivista esconde a luta de classes, que se desenvolve em todas as sociedades capitalistas e justifica o apego do autor à democracia burguesa, em que a própria escola deve ser democrática para ensinar democracia. Para o pragmatismo os valores são relativos e não absolutos e imutáveis, conforme o idealismo.

O que está em jogo é a manutenção do *status quo*, em que 90% da população está condenada à pobreza, à miséria e à fome, enquanto 10% procurará manter o poder, assegurando o controle de 87% da riqueza mundial. Como consequência, as resistências ao progressismo das elites econômicas e religiosas, como ocorreu no Brasil em 1930, pois os conservadores não poderiam admitir educação laica, valores relativos, pessoas criativas, críticas, analíticas de suas realidades e transformadoras. Por outro lado, Dewey não reconheceu a luta de classes no processo social inviabilizando a sustentação de sua filosofia. Os limites do progressismo (BEVILAQUA, 2014, pp. 6-10) não foram suficientes para alterar, significativamente, a estrutura educacional de países seculares envolvidos em práticas educacionais compromissadas com o poder dominante, que assustado com qualquer manifestação de pensamento que possa abalar as condições estabelecidas em benefício de pequenas parcelas de famílias, que usufruem da injusta e desumana relação econômica de classes. Deste modo, procura-se obstaculizar qualquer manifestação de prática intelectual, que tenha probabilidade de alterar no futuro qualquer possibilidade de transformação social e política, que beneficie a totalidade da população mundial, principalmente no processo pedagógico. De acordo com o pensamento hegeliano, que enfatiza que as mudanças quantitativas, após determinado grau geram variações qualitativas (SODRÉ, 1983, p. 16), teríamos um grande contingente de pessoas reflexivas e conscientes, questionando e exigindo o equacionamento dos graves problemas, que afetam a humanidade e colocam em risco a sua própria sobrevivência e das demais espécies.

A educação com John Dewey, baseada em sua própria filosofia ou, por outra, em sua evolução, obrigou-se a indagar e descobrir, por qual método e qual o mais eficaz, de fazer o mais jovem assimilar o ponto de vista do mais velho, isto é, o homem, isoladamente perecível, fazer-se eterno, passando todo o acervo de conhecimentos e experiências adquiridos e cada vez mais vastos à humanidade imperecível. Há um

perene esforço de renovação na vida, para a sua continuidade, o que torna a nutrição e a reprodução, para a vida fisiológica, o mesmo que a educação, para a vida social.

Essa educação vai se tornando quanto mais complexa, quanto mais desenvolvido o organismo social. Se a necessidade do aprendizado intencional é cada vez maior, também, uma separação indesejável e perigosa entre a experiência do jovem que se faz de maneira direta em seu meio social extracurricular, daquela obtida na escola, se faz sentir cada vez mais. Daí a importância do método. Da indagação do método, surge toda uma Escola fundamentada na vida no seu próprio ambiente característico de experiências constantes e fecundas, realmente ativa, com vivências em seu ambiente físico e social. Surge, aí, o Projeto como veículo para o método na escola de Dewey, uma escola realmente viva e ativa.

Dentro desse método foi sugerido, com oportunidade, e desenvolvido por vinte e nove alunos de 2ª série ginasial, do Ginásio Estadual Pedro Bruno e do Colégio Estadual Olavo Bilac, em colaboração, um projeto, no qual trabalharam durante quatro meses, no levantamento da fauna litorânea da Ilha de Paquetá, procurando estabelecer as causas da distribuição irregular das espécies nos dois extremos da ilha.

A apresentação do que observaram e o resultado de suas pesquisas permitiram-lhes obter o segundo lugar em Ciências, na Primeira Feira Nacional de Ciências, e o primeiro lugar, na segunda Mostra Estudantil de Ciências da Guanabara (22 a 28 de setembro de 1969). O Projeto ficou dentro dos interesses imediatos da comunidade de Paquetá, abrangendo os aspectos de pesquisa científica e de natureza prática em seu aspecto econômico-social.

II - LINHAS GERAIS DAS VÁRIAS ETAPAS DO PROJETO

(1)- COMO E POR QUE

As condições materiais do Ginásio Estadual Pedro Bruno são mínimas, porém, a vivência espontânea dos educandos com a natureza e a dependência que toda a comunidade da ilha tem do equilíbrio biológico do meio, nos permitem aplicar técnicas didáticas de motivação, observação, incentivo e experimentação *in loco*, relacionando o estudo teórico com a vida real, através de pesquisas de campo, onde os alunos têm a participação ativa em trabalhos práticos, exposições orais de suas observações, discussões dirigidas pelos professores sobre problemas por eles encontrados. É fácil, nesse ambiente, criar as condições para manter a motivação do aprendiz, tornando-se este a figura mestra de todo o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Cria-se, facilmente, a compreensão de que ainda não estão suficientemente preparados para resolver e dar soluções aos diversos problemas que afligem à sua comunidade, pois ainda carecem de orientação e aperfeiçoamento. A vida social exige do educando atitudes adequadas ao trabalho em grupo. A especial situação da Ilha de Paquetá facilita o interesse das atividades em grupamentos, corporificando e intensificando a elaboração do projeto.

As condições do Colégio Estadual Olavo Bilac favorecem aos trabalhos pedagógicos, dentro de uma concepção formal tradicionalista, no qual o professor se destaca como centro do processo numa relação inflexível de autoridade. No meio urbano, com a sobrecarga horária dos colégios, as aulas de ciências correm o risco de serem teóricas, expositivas, no máximo “experimentais”, isto é, “aulas práticas”. Apesar disso, o professor capaz de motivar e conduzir seus alunos através das etapas do processo



Alunos e professores participantes do projeto, I Feira Nacional de Ciências, Pavilhão de São Cristovão, Rio de Janeiro, RJ, 22 a 28 de setembro de 1969.

experimental consegue transformar o ensino de ciências em centro de discussões dos problemas da natureza da vida, especialmente, se iniciar o trabalho com turmas de primeira série.

No Colégio Estadual Olavo Bilac, contamos com laboratório e instalações adequadas. Em geral, os cursos de ciências apresentam, como característica, o desenvolvimento de uma parte teórica, acompanhada ou não, de uma sequência de aulas práticas, que são uma continuação da matéria em andamento; os trabalhos práticos, geralmente, são realizados pelo professor, como ilustração de suas aulas. Na verdade, estas aulas podem ser úteis como “informação”, porém, deixam muito a desejar, quanto à formação do educando.

Os alunos dessa unidade escolar que participaram desse evento, desde a sua primeira aula de ciências no curso ginásial, depararam-se com problemas e foram desafiados e treinados em pesquisas, para solucioná-los, pela professora Maria Júlia da Costa Belém, a qual motivou os alunos a compartilhar, com os seus colegas de Paquetá, as buscas das causas e respectivas soluções aos quesitos apresentados no decorrer do trabalho. A união dessas duas unidades educacionais possibilitou efetiva sinergia para o desenvolvimento do projeto.

III- MÉTODO DE TRABALHO

O trabalho foi realizado por vinte e nove alunos, divididos, por eles próprios em cinco grupos, dos quais quatro com seis alunos e um com cinco. Consideramos que, para a formação ideal do educando, deverá ele ter experiência concreta de suas potencialidades em relação aos problemas que o desafiam, especialmente se trabalhar em

grupo. Para que isso ocorresse, tivemos a preocupação de orientar cada responsável de grupo de trabalho, que funcionasse de modo ordenado e analisasse rigorosamente os dados obtidos, em cada observação ou experimentação. Este por sua vez, orientava os seus colegas.

IV- RELATO SUCINTO DO TRABALHO

Inicialmente, os grupos coletaram espécies animais fixados no litoral, observando sua distribuição e suas características peculiares. Surgiu, então, o primeiro problema: como classificá-las?

Com a orientação dos professores, os jovens observaram e anotaram as principais características de cada animal; consultaram livros didáticos e estabeleceram chave de classificação sistemática, bem simples, ao nível secundário, como segue:

CHAVE DE CLASSIFICAÇÃO ZOOLOGICA (1º CICLO)

- 1 Animais de uma só célula, microscópicos, com ausência de tecidos diferenciados ... PROTOZOÁRIOS
- 2 Animais macroscópicos de várias células com tecidos diferenciados ... METAZOÁRIOS
 - 2.1 Animais com ausência de esqueleto ósseo e cartilaginoso... (3) INVERTEBRADOS
 - 2.2 Animais com esqueleto ósseo ou cartilaginoso presente..... (4) VERTEBRADOS
 - 3.1 Animais fixos aquáticos, corpo irregular com muitos orifícios e esqueleto constituído por espículas calcárias ESPONGIÁRIOS
 - 3.2 Animais aquáticos com duas formas alternantes, pólipos e medusa, providos de órgãos de defesa (cnidoblastos) CELENTERADOS
 - 3.3 Animais geralmente com formas estreladas, globosas, discoides, cilíndricas, corpo protegido por placas calcárias mais ou menos soldadas, locomovem-se por pés ambulacrários EQUINODERMOS
 - 3.4 Animais de corpo mole e viscoso, não apresentam membros articulados e corpo segmentado, constituídos por conchas calcárias ... MOLUSCOS
 - 3.5 Animais de corpo segmentado com pés articulados e revestidos de quitina ARTRÓPODES
 - 3.6 Animais de corpo achatado com órgãos de fixação com ganchos quitinosos e ventosas de vida parasitária, com ausência de apêndices articulados, concha calcária são de corpo mole, não apresentando aparelho digestivo PLATELMINTOS
 - 3.7 Animais que não apresentam apêndices articulados e concha calcária, com corpo mole, cilíndrico e pontiagudo nas extremidades com aparelho digestivo e vida parasitária ASQUELMINTOS
 - 3.8 Animais de corpo mole, alongado, formado por vários anéis segmentos, com ausência de apêndices articulados e conchas calcárias locomovem-se por cordas locomotoras ANELÍDEOS
 - 3.9 Animais marinhos revestidos por túnica de celulose ... PROTOCORDADO
 - 4 Animais que apresentam coluna vertebral com esqueleto ósseo ou cartilaginoso CORDADO

QUADRO COMPLEMENTAR DA CLASSIFICAÇÃO DOS ARTRÓPODES

ANTENAS	Nº DE APÊNDICES	CLASSE
4	10 ou mais	CRUSTÁCEO
2	6	INSETO
2	1 par por segmento	QUILÓPODE
2	2 pares por segmento	DIPLÓPODE
—	8	ARACNÍDEO

CHAVE CLASSIFICATÓRIA DOS MOLUSCOS

1. Animais envolvidos por uma concha calcária (univalvos), com o pé muito desenvolvido e achatado GASTRÓPODES
2. Animais envolvidos por duas conchas calcárias (bivalvos), acéfalos PELECÍPODES
3. Animais com conchas internas, com olhos e boca circundada por tentáculos CEFALÓPODES

CHAVE CLASSIFICATÓRIA DOS EQUINODERMOS

1. Animais marinhos, vida livre, corpo em forma de estrelas ... ASTERÓIDES
2. Animais marinhos, vida livre com um disco central e cinco braços finos e longos com forma serpentóide OFIURÓIDE
3. Animais marinhos com corpo globoso, carapaça calcária e espinhos, alguns com placas calcárias soldadas, formando uma cápsula que protege o corpo, forma achatada EQUINÓIDE
4. Animais de corpo mole com tentáculos à boca, corpo cilíndrico com placas calcárias microscópicas HOLOTURÓIDE
5. Animais fixos ao substrato por um pedúnculo, forma arbórea, com cinco braços longos e finos, boca e ânus na região superior CRINÓIDE

As chaves foram de tal maneira simplificadas que puderam ser utilizadas não só no trabalho, como também nas aulas de ciências, quebrando com as memorizações repetitivas, até então contumazes, e assegurando um processo qualitativo do ensino-aprendizagem, em que a observação e o manuseio possibilitam ao educando compreender as estruturas anatômicas, as diferenças adaptativas ao meio ambiente dos animais, facilitadoras da percepção de que a própria evolução das espécies é um processo.

Ao mesmo tempo, os grupos observaram a distribuição da fauna no litoral da ilha. Terminado o levantamento nas praias de um dos extremos, os educandos foram para a Praia da Imbuca. Após uma manhã de trabalho quase inútil, coletando com dificuldade apenas quatro espécies, vieram os questionamentos do fato de ter o local tão

poucos exemplares. Na praia do outro extremo foi encontrado um grande número de espécies. Por que aqui haveria uma diferença tão grande de quantidade? Que fatores poderiam contribuir para isso?

Nas discussões preliminares ao levantamento das hipóteses, os alunos estabeleceram, como um dos fatores preponderantes, a quantidade de alimentos. Observaram, então, os alimentos dos quais os animais viviam. Foi assim que um dos líderes veio nos perguntar: “Professor, tem que haver alguma coisa na água que os peixes e os outros animais comam.... O que é?” Devolvemos o problema para que refletisse e interagisse com os demais colegas. No dia seguinte, novamente fomos procurados pelo líder, que buscava saber se a fosforescência que tinha observado à noite, sobre as águas, teria alguma relação com isso. Pela segunda vez, devolvemos a questão, orientando-os para que recolhessem o material e o examinassem. Assim, foi descoberto o plâncton por alunos do segundo ano ginásial. O trabalho seguinte foi, apenas, anotar “quem come quem”, isto é a cadeia alimentar.

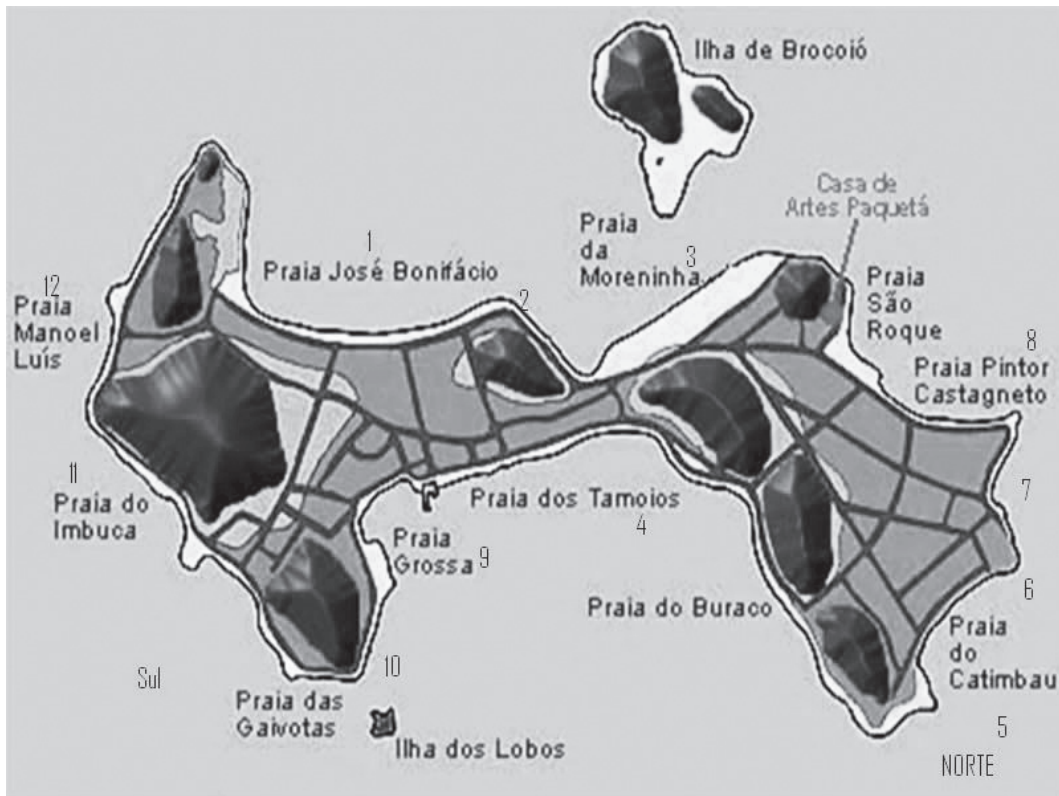
Quando recolhemos os relatórios dos grupos, estávamos diante de duas cadeias alimentares levantadas por observação direta pelos discentes. Com a cadeia alimentar estabelecida, foi possível levantar hipóteses: a quantidade de alimento e oxigênio na Praia Pintor Castagnetto e proximidades (onde foi encontrado grande número de espécies) seria maior que na Praia da Imbuca? Como testar e comprovar tal hipótese?

Pelo processo de Winkler, usado pelo Laboratório de Análise da Água – Sursan -, os educandos determinaram as taxas de oxigênio nas duas praias. Chegaram à conclusão de que somente um fator não explicaria o problema encontrado, porque observaram apenas uma pequena diferença de oxigenação entre as duas medições (Pintor Castagnetto e Imbuca). Observando as características geográficas e ecológicas de cada praia, notaram a existência, na praia Pintor Castagnetto de:

- a) Uma enseada protegendo o litoral da ação das marés e permitindo a fixação de espécies vegetais que atraem espécies animais;
- b) Menor profundidade e maior luminosidade, influenciando na maior oxigenação em função da fotossíntese das algas verdes;
- c) Ausência de óleo na superfície da água o que influenciaria a luminosidade e a própria oxigenação, conforme citado acima;
- d) Ausência de grandes predadores.

Enquanto isso, na Imbuca, o litoral é reto e abrupto, sofrendo violenta ação das marés. Está próximo a um dos pontos de maior profundidade da região e voltado para depósitos de óleos e locais de lavagens de navios na Baía de Guanabara. Nota-se, ainda a presença de grande número de animais predadores no litoral. É impressionante o número de calangos (lagartos) que deixam as encostas e vão buscar os alimentos na Praia da Imbuca.

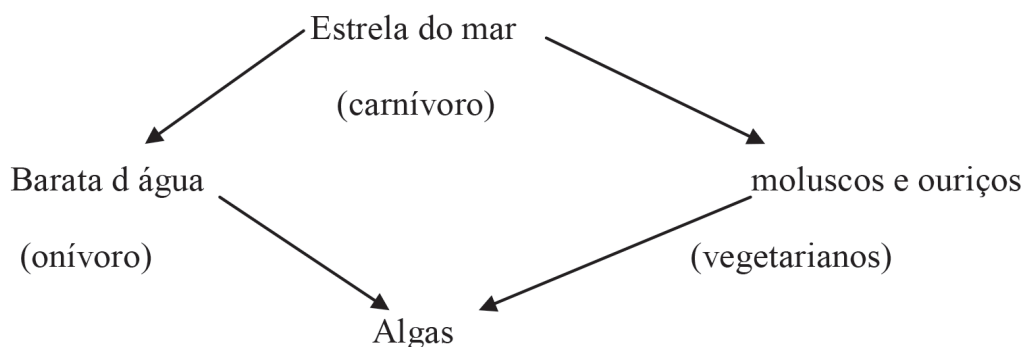
De início foram focalizados dois pontos da ilha: a Praia da Imbuca e a Praia Pintor Castagnetto e os dados levantados não foram suficientes para o equacionamento da solução do problema. Os professores se reuniram com os líderes e seus respectivos grupos, informando-os da necessidade de se aumentar o campo de pesquisa para se obter um quadro mais real da diversidade bioecológica da localidade. Colocada em votação a proposta foi aceita por unanimidade.



Mapa da Ilha de Paquetá

Os grupos retornaram ao trabalho agora nas praias Manuel Luiz, Marechal Floriano, e quase nada foi encontrado, e observaram as praias laterais, José Bonifácio e Grossa, que apresentaram ausência quase completa de exemplares. Quanto ao outro extremo foram visitadas as praias Coqueiros, Moreninha e Dr. Aristão. Na Praia dos Coqueiros foram encontradas inúmeras espécies fixadas ao litoral e observados insetos e vestígios de algas marinhas. Quanto às praias da Moreninha e Dr. Aristão, praias de elevadas demandas turísticas, não foram constatadas presenças significativas de animais, talvez, pela ação predatória dos visitantes.

Na Praia Pintor Castagneto foi levantada, depois de um mês e meio de observação, a pirâmide alimentar dos animais vegetarianos como alguns ouriços e moluscos e da estrela do mar (*Patiria sp*), a qual se alimentava de animais vegetarianos, como alguns moluscos e ouriços do mar, além de se alimentar de onívoros, como a barata d água.

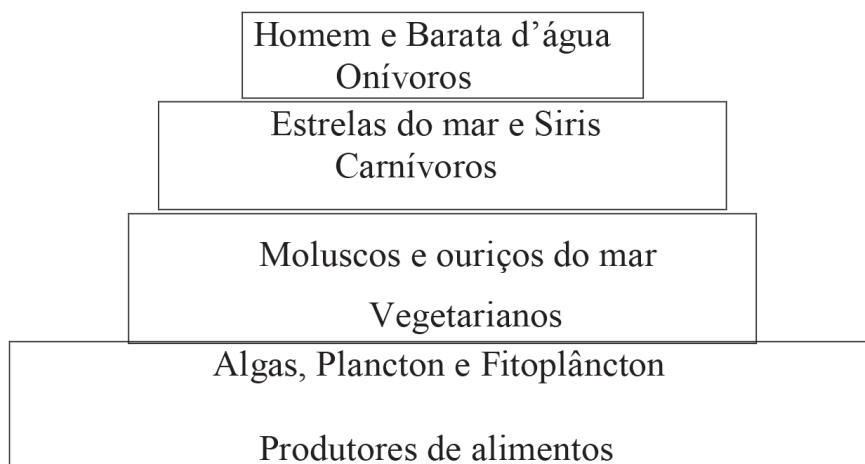


Ao dissecarem os ouriços do mar, foram encontrados restos de algas, o que confirmou serem consumidores primários, vegetarianos, enquanto os consumidores secundários são os animais carnívoros. A base da pirâmide corresponde aos seres produtores fotossintéticos, algas, fitoplâncton e o plâncton. Os novos dados consolidaram os anteriores, o que reforçou a necessidade de se localizar os fatores determinantes desta dispersão irregular.

Os líderes foram ao laboratório de análise de água da Sursan (Superintendência de Saneamento do Estado do Rio de Janeiro) e ao constatarem, através de exame comparativo dos quadros do órgão oficial relativos à análise da água da baía de Guanabara, em várias datas, perceberam que somente o oxigênio não poderia justificar a dispersão da fauna marinha; isso porque fatores como a circulação da água e a própria temperatura podem modificar, bruscamente, a quantidade de oxigênio existente na água, basta um navio descarregar óleo em excesso para que todo o equilíbrio se altere, influenciando até mesmo a profundidade. Observando-se o mapa da Ilha de Braço Forte (onde a oxigenação é quase sempre zero) e as praias da Imbuca e Manuel Luiz, já que nesse ponto há grande profundidade, a difusão do oxigênio seria muito difícil, assim, como também a intensidade luminosa reduz-se bruscamente, impedindo a existência de algas a partir de mais ou menos dois metros de profundidade, ao contrário do que o corre nas proximidades da Praia Pintor Castagnetto, onde também se observam outros fatores capazes de possibilitar a instalação de uma fauna mais variada, como segue:

1. A iluminação é muito maior devido ao fato de ocorrer menor quantidade de óleo na superfície, permitindo assim a instalação de vegetais clorofilados, que atraem outras espécies;
2. As marés, durante o período de maior fluxo (lua cheia e lua nova), não castigam tanto o litoral das praias Pintor Castagnetto, Lameirão e Coqueiro, localizadas em enseadas protetoras, que permitem a melhor instalação da maioria das espécies, o que não acontece do lado oposto;
3. Maior quantidade de alimentos (algas e detritos animais encontrados no substrato, devido à pequena profundidade e às enseadas, o que não ocorre nas praias do outro extremo da ilha, que são completamente abertas e sujeitas à ação das correntes).
4. Ressaltamos mais uma vez a menor existência de animais predadores nestes locais.

A estrutura da cadeia alimentar da fauna marinha se apresenta conforme segue:



V- DOS OBJETIVOS E DAS CONCLUSÕES

Os objetivos alcançados conseguiram incentivar os educandos a preservar e a conservar o *habitat* natural do Homem, estabelecendo na prática, a relação entre a ciência estudada na escola e a vida real do Homem (o Homem e o seu meio).

A importância de ser preservada a fauna e a flora é fundamental, pois caso ocorra a sua destruição haverá um desastrosa falta de equilíbrio que poderá acarretar prejuízos incalculáveis, não só de imediato, como também para gerações futuras. Como exemplo a importância econômica da pesca para a comunidade paquetaense.

Com o desaparecimento progressivo do produto vital do pescador no futuro haverá problemas para a comunidade do ponto de vista econômico-social.

Vários fatores à época influíram para que ocorresse uma extinção de espécies na Baía de Guanabara. Ocorria um alto índice de poluição causado pelas lavagens dos navios, que jogavam detritos no mar, bem como, a presença das desembocaduras das refinarias de Mangueiros, Duque de Caxias, fábrica de gás e depósitos espalhados pela baía, criando um meio desfavorável à sobrevivência das espécies aquáticas. Além disso, verifica-se a destruição sistemática feita pelo próprio pescador que, sem consciência de sua atitude, elimina, indiscriminadamente, através de bombas de dinamite, as espécies.

A verdade é que não se procura trazer as soluções dos graves problemas que assolam a baía, mas sim, despertar a consciência da população na preservação da fauna e da flora da região.

Os alunos envolvidos no projeto sugeriram que deveriam apontar rumos para diminuir e combater a progressiva ação destruidora do homem no equilíbrio ecológico da natureza. Organizado o estande para a exposição, foi incluído o item 8 com as sugestões dos grupamentos para o combate à poluição na Baía de Guanabara.

VI-CONCLUSÕES

1º Foi-nos possível perceber a possibilidade de haver na escola secundária um currículo integrado, visando à formação do educando, despertando nele o interesse para problemas de ordem econômica, social e cultural;

2º Desenvolveu-se uma série de atividades curriculares, que se tornaram também recreativas, possibilitando melhor aproveitamento do que nas aulas usuais;

3º As atividades culturais e sociais, paralelas à pesquisa científica, estimulando-lhes a observação, a experimentação e a análise lhes permitiram desenvolvimento intelectual no sentido de investigação científica e de criatividade responsável;

4º Os alunos participantes do projeto orientados na filosofia pragmática e no método científico, possibilitaram-nos estabelecer uma escola viva na qual padrões consagrados não se estabeleceram;

5º Foi conseguido, durante o desenvolvimento dos trabalhos, uma escola de fato integrada na comunidade, refletindo, estudando e procurando trazer soluções aos seus problemas.

Sem entrarmos na discussão da maior ou menor validade e rendimento dos processos e técnicas de ensino, dentro de um método geral, mas convictos da necessidade de se dar ênfase crescente à orientação das possibilidades individuais, à liberdade do educando de se desenvolver, a ajudá-lo na aquisição de conhecimentos, obtendo

que ele mesmo possa agir e fazer a própria vivência, não o separando da vida, nem o sufocando, a enriquecê-lo, sem deformá-lo, e ao respeito de sua personalidade, constataremos que o “projeto” é uma técnica feliz, enquadrado numa metodologia resultante do encadeamento de um raciocínio filosófico, capaz de abranger as contradições e perplexidades do mundo moderno.

VII – APLICAÇÕES

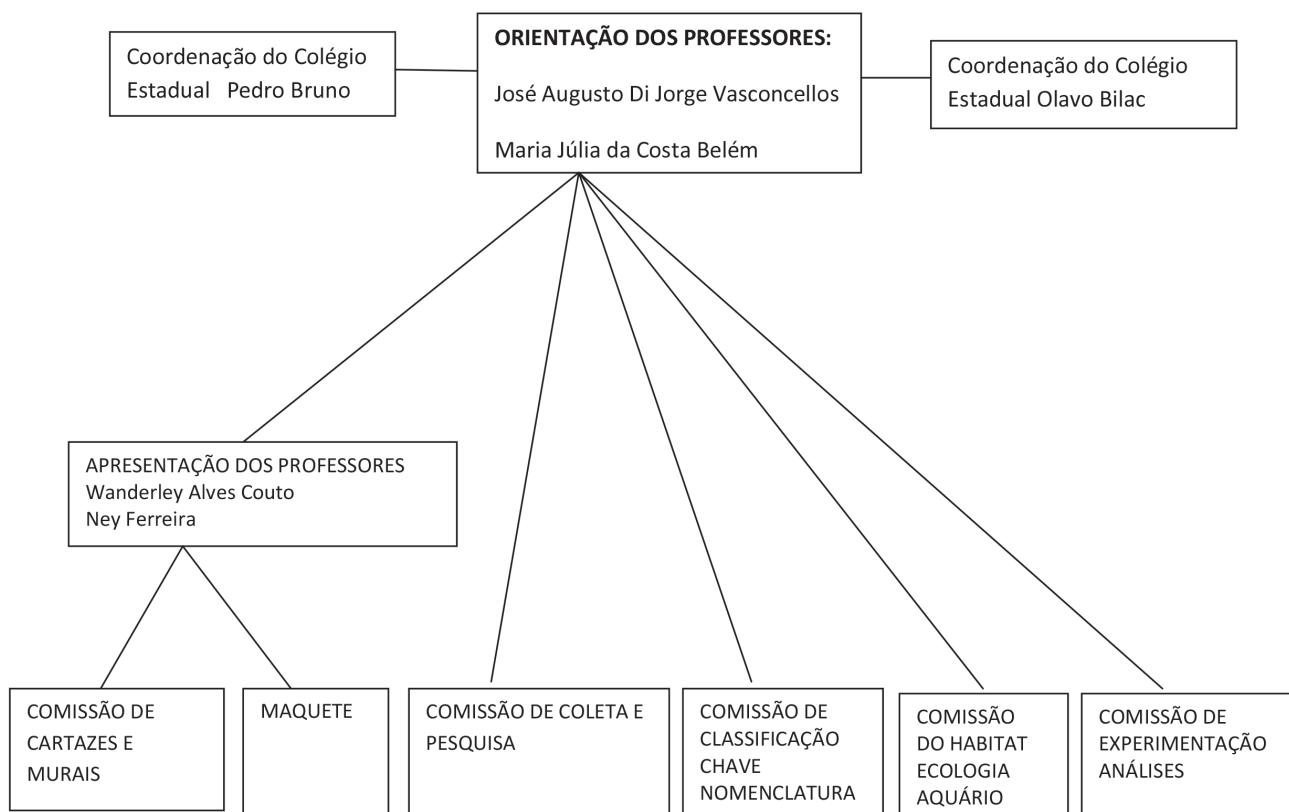
Os educandos, durante o desenvolvimento do projeto, impressionaram-se com o problema da poluição da água, localizaram suas causas, e resolveram fechar os trabalhos com sugestões visando minorar problema tão grave ao equilíbrio biológico da baía de Guanabara; tais como:

- proibição de lavagens de navios;
- proibição de descargas dos lixos nas águas da baía;
- saneamento dos rios que deságuam na baía levando resíduos industriais e detritos domésticos e de animais;
- transferência dos depósitos de óleos e terminais de oleodutos;
- educação do povo sobre a necessidade de se respeitar a natureza em seu indispensável equilíbrio vital à sobrevivência da espécie humana.

Referências bibliográficas

- OZMON, Howard. *Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.
- BEVILAQUA, Aluisio Pampolha. John Dewey e a Escola Nova no Brasil, *Ciência & Luta de Classes*, vol. 8, n. 9, pp. 5-14.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica*. Excertos. São Paulo: Barcarolla, 2012.
- KNELLER, George F. *Introdução a Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1974.
- SARUP, Madan. *Marxismo e Educação*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1978.
- SODRÉ, NELSON WERNECK. 4ª edição. *História da Burguesia Brasileira*. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

ANEXO 1



ANEXO II

PLANO DE TRABALHO

I - INTRODUÇÃO

DA ORGANIZAÇÃO E MÉTODO DE TRABALHO DOS OBJETIVOS E DAS CONCLUSÕES

II - DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

1º OBSERVAÇÃO

2º DEFINIR PROBLEMA

3º HIPÓTESE E EXPERIMENTAÇÃO

4º PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

5º APLICAÇÃO

III - EQUIPE DE TRABALHO

ESTRUTURAÇÃO DE GRUPOS DE TRABALHOS; DEFINIÇÃO DE LÍDERES DE GRUPOS; DEFINIÇÃO DAS TAREFAS E PRAZOS.

IV- ANEXOS

ANEXO III

Relação dos educandos que participaram do Projeto

Fauna das praias da Ilha de Paquetá e problemas ecológicos da comunidade

GINÁSIO ESTADUAL PEDRO BRUNO

Diretor: Prof. Tharceu Nherer

Alunos

Alcilino Jorge Antunes

Carlos Alberto Pinto Lisboa

Deia Pereira dos Santos

Eliane Cabral Fernandes

Elza de Souza Pessoa

Francisca Guimarães

Fátima Palha de Oliveira

José dos Santos

Maria Elizabeth Delgado

Maria Lívia Machado Chaves

Maria Lúcia Coutinho

Maria Marques Leitão

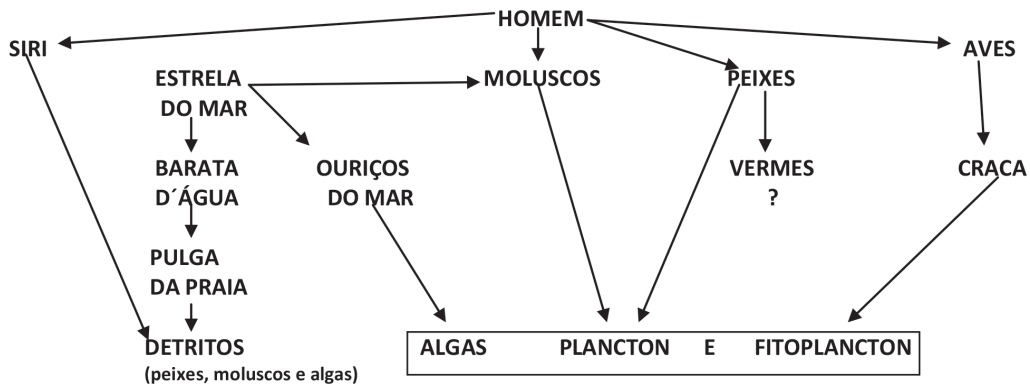
Maria Olinda Costa Freitas
Péricles Palha de Oliveira

COLÉGIO ESTADUAL OLAVO BILAC
Diretor Prof. Murilo Pessôa

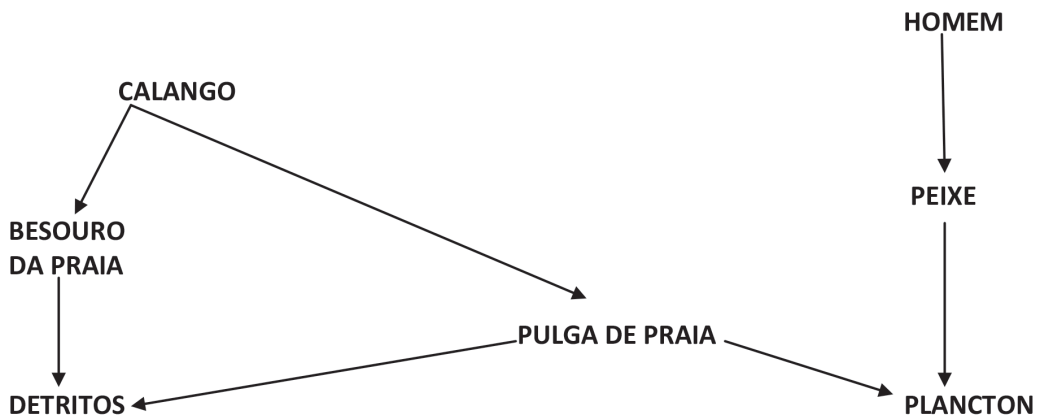
Alunos
Aurélio A. e Souza
Carlos Alberto Dias
Carlos Eduardo
Cristina Lucena do Val
Fernando Oliveira dos Santos
Francisco Antônio Scaramelo
Hélio Henriques Moraes
Hélida Lopes
Jansen Q. Vilela
Laudelino A. Nascimento
Marcus Barroso Pereira
Margareth R. Meinick
Nádia Jorge Seixas
Regina Célia Guters
Sônia Maria Moreira

ANEXO IV

CADEIA ALIMENTAR DA PRAIA PINTOR CASTAGNETTO (PAQUETÁ)
(JULHO-AGOSTO DE 1969)



CADEIA ALIMENTAR DA PRAIA DA IMBUCA- (PAQUETÁ)
(JULHO-AGOSTO DE 1969)



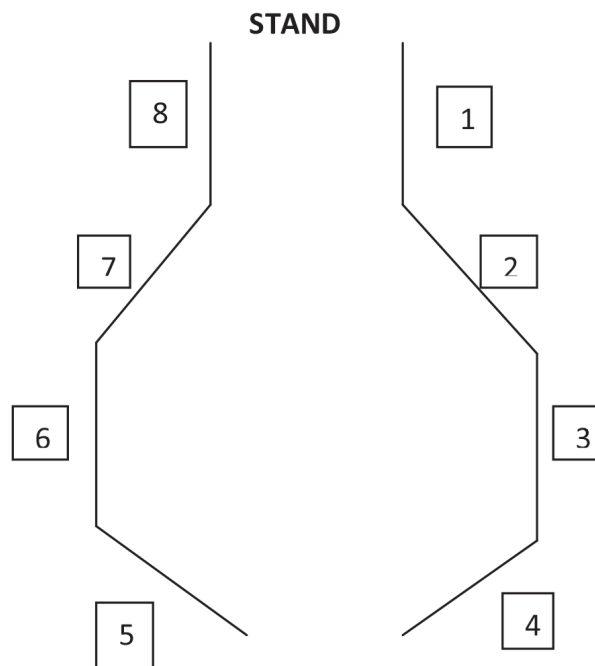
ANEXO V

FAUNA DAS PRAIAS DA ILHA DE PAQUETÁ- JULHO-AGOSTO DE 1969

LITORAL	ESPÉCIE E NOME VULGAR	RAMO	PRAIA
SUPRA LITORAL (rochas e partes arenosas, expostas)	- Lygia sp. (barata d'água)	- Artrópode	8.7.6.5.11
	-Littorina (L. flava)	- Molusco	8
	- Mecistomela sp. (barata do coqueiro)	- Artrópode	8
	- Calango	- Vertebrado	8.11
	-Pulga da praia	- Artrópode	8.11
Médio Litoral (zonas em que predominam as Tetracлитas ou sujeitas a variações de marés)	- Craca (Tetracлитa sp.)	-Artrópode	Todas as praias, exceto a 9.
INFRA LITORAL (zonas permanentemente cobertas pelas águas)	-Cymatium sp.	-Molusco	7
	-Actinea (Bunodosoma sp.)	-Cnidário	Todas as praias
	-Ouriços do mar (Litechinus e Paracentropus sp.)	-Echinoderma	6.7.8
	-Estrela do mar (Patiria sp.)	-Echinoderma	Todas as praias
	-Strombus sp.	-Molusco	7.8
	-Mexilhão (Mytilus sp.)	-Molusco	8
	-Siri	-Artrópode	6.7.8
	- Cavalo Marinho (Hipocampus sp.)	-Vertebrado	7.8
	- Mija-mija	-Protocordado	6.7.8
	- Peixes	-Vertebrado	Todas as praias

ANEXO VI

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO NA I FEIRA NACIONAL DE CIÊNCIAS E NA II MOSTRA DE CIÊNCIAS DA GUANABARA-1969



1. Apresentação quanto à natureza do trabalho
2. Animais coletados e classificados (chave sistemática)
3. Curiosidades (fosforescência, caracterização das carapaças calcárias)
4. Reconstituição do litoral, com os animais de cada região (aquário)
5. Mapa da ilha com a distribuição da fauna-maquete
6. Cadeia alimentar e plâncton (microscópio)
7. Dosagem de oxigênio e mapa da ilha, com determinação de profundidade. Fatores que permitiram maior número de espécies em um dos extremos da ilha (bureta, reativos químicos, frascos especiais para coleta de água e pipetas).
8. Sugestões para combate à poluição da água.



Homens plenos, sem enigmas

Fábio Fernandes Villela

Professor doutor e arquiteto – Departamento de Educação – Unesp, Rio Preto

Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar um feixe de possibilidades das relações entre “educação e trabalho” em Cuba. Trata-se de alguns resultados de nossa pesquisa de pós-doutorado intitulada “A escola da justiça global”, onde abordamos os desafios e as possibilidades da educação e trabalho na América Latina. Nesse sentido, partimos da problemática histórico-teórico do tema, formação de “homens plenos” e tematizamos um tipo ideal de homem pleno. Problematicamos especificamente as questões relativas aos intelectuais e a organização trabalho pedagógico nas “escolas no campo” em Cuba (1960-1975). E por fim, abordamos as possibilidades da justiça global na América Latina contemporânea.

Palavras-chave: Educação e Trabalho em Cuba; Escolas no Campo em Cuba (1960-1975); Educação do Campo, Formação de Homens Plenos; América Latina.

Abstract

This text aims to present a bundle of possibilities of relations between education and labor in Cuba. These are some results of our post-doctoral research entitled “The school of global justice”, in which we discussed the challenges and opportunities of education and labor in Latin America. In this sense, we start from the historical and theoretical problems of the topic, formation of multidimensional men and conceptualized an ideal type of multidimensional men. Specifically problematize issues relating to intellectual and pedagogical work in the organization of rural education in Cuba (1960-1975). Finally, we discuss the possibilities of global justice in contemporary Latin America.

Keywords: Education and Labor in Cuba; Rural Education in Cuba (1960-1975); Rural Education, Multidimensional Men; Latin America.

Resumen

Este texto tiene como objetivo presentar un conjunto de posibilidades de las relaciones entre la educación y el trabajo en Cuba. Estos son algunos de los resultados de nuestra investigación post-doctoral titulada “La escuela de la justicia global”, en la que hablamos de los desafíos y las oportunidades de educación y trabajo en América Latina. En este sentido, partimos de los

problemas históricos y teóricos del tema, la formación de hombres plenos y conceptualizamos un tipo ideal de hombre pleno. Entonces problematizar cuestiones relacionadas con la organización del trabajo intelectual y pedagógica en las escuelas en el campo en Cuba (1960-1975). Finalmente, se discuten las posibilidades de justicia global en la América Latina contemporánea.

Palabras clave: Educación y Trabajo en Cuba; Las Escuelas en el Campo en Cuba (1960-1975); Educación Rural, Hombres Plenos; América Latina.

1 – Introdução

dedicado à memória de Roberto Segre (1934-2013).

Este texto tem o objetivo apresentar alguns resultados de nossa pesquisa de pós-doutorado, onde abordamos os desafios e as possibilidades da relação educação e trabalho, através da sistematização das práticas pedagógicas originadas da experiência educacional dos países da América Latina. Esta pesquisa pretendeu aprofundar algumas questões desenvolvidas em nossa dissertação de mestrado, Villela (2003), e em nossa tese de doutorado, Villela (2008). Nesta pesquisa abordamos o trabalho do arquiteto-pedagogo Fernando Salinas (1930-1992), nascido em Havana, Cuba, de um ponto de vista multidisciplinar e especialmente das relações entre “Educação e Trabalho”. As respostas às indagações foram dadas a partir de uma análise de “*Las Escuelas en el Campo*” projetadas e construídas pelos profissionais do Instituto Superior Politécnico “*José Antonio Echeverría*”, *La Habana*, Cuba (1960-1975), recuperadas através dos relatos de Roberto Segre (2006a), (2006b), (2004), (2000), (1999), (1987), entre outros, da análise da prática pedagógica de Fernando Salinas, através de uma revisão bibliográfica crítica, de pesquisa de campo em Cuba e de entrevistas abertas.

Esta pesquisa de pós-doutorado utilizou a seguinte metodologia e estratégias de desenvolvimento da investigação: (1ª) uma revisão bibliográfica crítica realizada: (a) nos textos originais do arquiteto Fernando Salinas presente nas referências bibliográficas. Os textos originais de Fernando Salinas estão reunidos em algumas publicações, a saber, Salinas (1988), Ayala (1992) e Véjar (1994); (b) na revista “*Arquitectura / Cuba*”, da Escola de Arquitetura do Instituto Superior Politécnico “*José Antonio Echeverría*”, *La Habana*, Cuba, especialmente os números em que o arquiteto Fernando Salinas foi diretor (números 338 até 345, de 1970 a 1976); (c) em livros, teses, artigos, relatórios de pesquisa, revistas especializadas, além de buscas na rede mundial de computadores (internet), especialmente os presentes nas referências bibliográficas, com a finalidade de revisar criticamente a literatura pertinente ao tema produzida no campo relativo à “Educação e Trabalho”. Cabe destacar o número da revista *Arquitectura / Cuba*, número 339 / 1971, Editora CENTSCO, sobre “*Las Escuelas en el Campo*”, foco central de nossa análise teórico-metodológica. A escolha deste exemplar, dentre tantos outros de *Arquitectura / Cuba*, se deve ao fato de que é dedicado à visão e realização dos planos arquitetônicos e pedagógicos que pretendiam acabar com as diferenças entre o campo e a cidade, o trabalho manual e intelectual, e promover a formação do “homem novo” mediante a educação “integral” dos jovens. Apresenta também o projeto da Cidade Universitária “*José Antonio Echeverría*” - CUJAE, em *La Habana*. A revista apresenta seis ensaios acompanhados de fotos e planos: “*La escuela revolucionaria como embrión de la comunidad futura*”; “*Antecedentes históricos de la arquitectura escolar cubana*”; “*La*



Che no trabalho voluntário, Liborio Noval, Havana, 1961.

Revolución en la educación”; *Tecnologías en las construcciones escolares*”; *Ciudad Universitaria “José Antonio Echeverría”, La Habana*”.

Esta pesquisa utilizou (2ª) entrevistas abertas, via e-mail e questionários. O principal entrevistado foi Roberto Segre (FAU-UFRJ), colega e contemporâneo de Fernando Salinas no Instituto Superior Politécnico *“José Antonio Echeverría”, La Habana*, Cuba. Tivemos acesso, através da colaboração de Roberto Segre, a diversos textos de sua autoria, inéditos ou não, sobre o período estudado. Esta pesquisa utilizou (3ª) uma pesquisa de campo na cidade de Habana, Cuba, onde foi possível contatar contemporâneos de Fernando Salinas da Escola de Arquitetura do Instituto Superior Politécnico *“José Antonio Echeverría”*, além de pesquisar e atualizar a produção bibliográfica.

2 – A Formação de Homens Plenos

A formação de homens plenos está presente em diversos trabalhos em Cuba e outros países, especialmente da América Latina Podemos destacar alguns autores que desenvolveram o conceito de *“hombres plenos”*: (Gómez, 2013); (Ramírez, 2009); (Gómez, 2008); (Mendonza, Aguilar, Ramírez, 2008); (Peña, Arias, Silva, 2008); (Tallett et al., 2008); (Bueno, 2006); (Lozano, 2006); (Cano, 2005); (Galindo; Pascual, 2004), (Cormenzana; Gil; Soca, 2003), Segre (1999), (Salinas, 2002, 1988, 1970), Díaz (2002), Kohan (2000), Guevara ([1965] 1979), entre outros. A importância da formação de homens plenos hoje pode ser inferida no seguinte parágrafo, onde os autores afirmam que:

A escola, neste caso, a escola socialista, deve ser o meio ideal para influenciar positivamente os indivíduos, criando todo um sistema adequado, de todos os pontos de vista, onde exista um ambiente favorável para que se cumpram a instrução e a educação em pé de igualdade; ela deve ensinar a aprender, para que depois se possa colocar essa instrução e educação a serviço da sociedade mediante o trabalho criador do indivíduo. A escola tem que preparar as novas gerações para que atuem como homens plenos. (CORMENZANA; GIL; SOCA, 2003, p. 3).

O tipo ideal (Cf. Löwy, 1989)¹ de “*hombre pleno*” contemporâneo coube a Antonio Guerrero Rodríguez (“Tony Guerrero”), conforme Gómez (2013), escrito por ocasião do lançamento do livro de poemas “*Enigmas y otras conversaciones*” de Tony Guerrero (RODRÍGUEZ, 2013)². Afinal quem é esse tipo ideal de “*hombre pleno*”? “Tony” nasceu em 16 de outubro de 1958, em Miami, Florida. Em 1959, pouco antes do triunfo da revolução cubana, seus pais decidiram regressar a Cuba e incorporar-se às tarefas do processo revolucionário.

A formação de Tony começa em 1962, ao matricular-se na “*Escuela Lazo de la Veja*”, onde cursa todo primário até 1970. Posteriormente ingressa na “*Secundaria Básica José María Heredia*”, onde cursa o sétimo e oitavo grau. Tony cursa o nono grau na “*Escuela Vocacional de Vento*”. Em 1973, aos 15 anos, começa seus estudos pré-universitários na “*Escuela Vocacional Vladimir Ilich Lenin*”. Cabe destacar que o projeto dessa escola foi elaborado pelo antigo “*Grupo Nacional de Obras Escolares*”, começando a ser utilizada em 1970 (ECURED, 2014). Essa escola foi criada especialmente para satisfazer as necessidades de se edificar as “*Escuelas Secundarias Básicas en el Campo*”, conforme veremos a seguir no subitem “3. Os intelectuais e a organização trabalho pedagógico nas ‘escolas no campo’ em Cuba (1960-1975)”.

Tony foi presidente da *Federación de Estudiantes de la Enseñanza Media* (FEEM) da região de *Boyeros*. Em 1974, aos 16 anos, ingressa na *Unión de Jóvenes Comunistas de Cuba*, ocupando o cargo de secretário organizador do comitê de base. Ao concluir seus estudos pré-universitários, ganha uma bolsa para estudar no Instituto de Aviação de Kiev, Ucrânia, na antiga União Soviética. Em 1983, aos 25 anos, gradua-se em engenharia de construção de aeroportos. Devido a suas qualidades foi treinado em espionagem e contraespionagem, com o consentimento do governo cubano, pelo Comitê de Segurança do Estado (KGB), a principal organização de serviços secretos da antiga União Soviética.

Ao regressar a Cuba, é contratado pela companhia *Cubana de Aviación*, e começa a trabalhar como especialista na construção de aeroportos, ocupando o cargo de chefe de seção de aeródromos. Tony foi secretário geral do comitê de base e secretário político do comitê da juventude, além de pertencer ao serviço secreto cubano. Em 1989, aos 31 anos, é aceito como membro do Partido Comunista de Cuba. Tony se mantém trabalhando nas tarefas do aeroporto “*Antonio Maceo*” e sua principal obra foi a ampliação da pista do aeroporto. No ano de 1992, aos 34 anos, Tony muda-se para os Estados Unidos para compor a “*Rede Vespa*”, uma rede de espionagem cubana aos grupos terroristas antiaeristas de Miami.

Na primeira metade dos anos 90, os grupos terroristas de Miami realizaram 127 operações com o objetivo de afugentar os turistas de Cuba. Os mercenários terroristas, infiltrados entre os turistas, explodiam bombas nos hotéis de Havana e banhistas eram

1 Michael Löwy (1989) utiliza a ferramenta weberiana “tipo ideal” para caracterizar um grupo de intelectuais judeus: Martin Buber, Franz Rosenzweig, Walter Benjamin, Gershon Scholem, Franz Kafka, Gustav Landauer, Ernst Bloch, György Lukács, Erich Fromm, entre outros. Ele denominou esses intelectuais de “messiânico-libertários”, que se caracterizam por sua dura crítica à sociedade moderna aliada a um retorno muitas vezes difícil à tradição, em busca de reencontro com o encantamento e com a utopia humanista. Utilizamos a mesma ferramenta metodológica para caracterizar os “homens plenos”.

2 O livro de poemas “*Enigmas y otras conversaciones*” de Tony Guerrero (GUERRERO, 2013), “nasceu da amizade e solidariedade. O volume reúne uma ampla e variada gama de linguagens e gêneros para entregar ao leitor uma memória intensa, dura e, no entanto, esperançosa de ações (...)”. O livro reúne “enigmas, poemas, conversações sustentadas a partir da distância e da proximidade, cartas e crônicas, fotos e obras plásticas” (CENTRO PABLO, 2014).

alvejados, nas praias cubanas, por tiros de metralhadora disparados de lanchas navegando em alto mar, provenientes de *Key West* (Flórida, 90 milhas de Cuba). No dia 12 de setembro de 1998 Tony foi detido pelo FBI junto a outros quatro companheiros: Gerardo Hernández Nordero, Fernando González Llort, Ramón Labañino Salazar y René González Schweret, e julgado em Miami em um processo manipulado, no qual foi condenado à prisão perpétua mais 10 anos de privação de liberdade.

A saga completa dos “*Cinco héroes cubanos*” pode ser conhecida em detalhes no livro de Fernando Morais: *Os últimos soldados da guerra fria: A história dos agentes secretos infiltrados por Cuba em organizações de extrema direita dos Estados Unidos* (Morais, 2011). No dia 13 de outubro de 2009, a corte do distrito sul da Florida modificou sua sentença de Tony Guerrero para 21 anos mais 10 meses. A campanha em favor da liberdade dos cinco heróis cubanos, durante esses anos, foi animada por milhares de organizações solidárias em diversas regiões do planeta. Durante os anos de prisão, Tony Guerrero escreveu e publicou diversos livros de poemas e suas pinturas foram expostas em Cuba e outros países.

Em dezembro de 2014, os cinco heróis cubanos cantaram juntos ao trovador Silvio Rodríguez em Cuba. Havia terminado a longa jornada dos antiterroristas. René González havia retornado à ilha em maio de 2013, depois de cumprir 13 anos de cárcere e renunciar a sua cidadania estadunidense; Fernando González regressou em março de 2014, depois de cumprir a pena estipulada. Hernández, Labañino e Guerreiro foram libertados dos cárceres norte-americanos, em virtude de acordos entre os governos de Havana e Washington.

Retomando uma dentre as diversas possibilidades, no sentido de enfeixar uma problemática, a ideia de pesquisar a “formação de homens plenos”, surgiu da constatação de que tais experiências possibilitam o desenvolvimento dos estudos sobre uma “pedagogia do trabalho”, conferir p. ex., os trabalhos de Rossi, (1982) e Farias (1994). Neste sentido procuramos, em Villela (2009-2010), recuperar a organização do trabalho pedagógico desenvolvido no Instituto Superior Politécnico “*José Antonio Echeverría*”, La Habana, Cuba (1960-1975), (doravante, ISPJAE). Os relatos de Segre (2006a), (2006b), (2004), (2000), (1999), (1987), repõem os acontecimentos políticos, sociais e econômicos que se desencadearam a partir de 1º de janeiro de 1959, e que marcaram o rumo do ensino universitário, pelas mudanças de conteúdo imediatas à ação construtiva da Revolução. Segundo o autor, no mês de fevereiro se cria o INAV (*Instituto Nacional de Ahorro y Vivienda*) que se responsabiliza pela realização de conjuntos habitacionais populares em todo o país, impulsionados por Pastorita Nuñez.

O arquiteto Osmundo Machado, no *Departamento de Proyección Social da Junta Nacional de Planificación (Revolucionaria)*, elabora um plano para o desenvolvimento de centros comunitários na *Sierra Maestra*; e o *Ministério de Bienestar Social*, dirigido por Raquel Pérez, procede à erradicação dos bairros insalubres. Ficava assim, segundo Segre (2000), definida a orientação da arquitetura em função dos planos estatais expostos por Fidel Castro no *Colegio Nacional de Arquitectos* no início desse ano. Conforme relata Segre (2000), a resposta dos profissionais “tradicionais”, que concentravam os grandes encargos privados e governamentais, foi a progressiva saída do país em direção aos Estados Unidos. A elaboração sintética do período de 1960 a 1975 foi feita por Segre (2000).

Os principais acontecimentos que o ISPJAE vivenciou na dinâmica da Revolução, são destacados por Segre (2000): (1) as contradições com os Estados Unidos que

culminaram com o bloqueio de Cuba e cujos momentos dramáticos foram a invasão da *Playa Girón* (1961) e a Crise de Outubro (1962); (2) a Ofensiva Revolucionária (1968); (3) a Safra dos 10 milhões (1970); (4) a Universalização da Universidade (1968); e (5) o processo de institucionalização do país (1975). Podemos identificar, a partir de Segre (2000), as principais características da organização do trabalho pedagógico no ISPJAE neste período: (a) três correntes básicas da docência; (b) a integração com a dinâmica da Revolução; (c) integração do estudante na problemática da vanguarda cubana; (d) o ateliê vertical; (e) a união entre trabalho e educação; e (f) a formação de homens plenos. Destacamos, a seguir, cada uma destas características.

Conforme relata Segre (2000), seria possível identificar ao longo deste período a existência de três correntes básicas na docência: (1) romântico-individualista de curta duração, encabeçada por Ricardo Porro, que deixou a Escola em 1962, e com um pequeno grupo de adeptos; (2) científico-artístico-cultural, liderada por Fernando Salinas (chefe do Departamento de Desenho) até 1965, e apoiada pelo então diretor, Roberto Carrazana, e um numeroso grupo de professores; e a (3) tecnocrática, apoiada pelo Micons (Ministério da Construção), cujos representantes eram Eduardo Granados, Gonzalo de Quesada e Eduardo Ecenarro, e que ocuparam cargos diretivos na Universidade, entre 1965 e 1969. A seguir, podemos observar alguns projetos de Fernando Salinas.

Outra característica da organização do trabalho pedagógico da escola de arquitetura do ISPJAE é a integração à dinâmica da Revolução. Conforme relata Segre (2000), desde o primeiro plano de estudos formulado em 1960, se assumiu como objetivos essenciais a integração com a dinâmica cultural da Revolução e a participação dos alunos na solução dos problemas concretos que demandava a construção de obras sociais. Segre (2000) sintetiza este princípio com as palavras de Fernando Salinas: “deseja-se a busca de uma arte da Arquitetura dentro das técnicas que determina o desenvolvimento da Revolução” (Cf. Salinas, 1965).

Mais uma característica do trabalho pedagógico, com relação à formação artística, é o abandono de velhos esquemas da formação clássica e integração do estudante na problemática da vanguarda cubana. Segre (2000) revela que a disciplina Plástica cursada no primeiro e segundo ano, teve como docentes: Raúl Martínez, Tomás Oliva, Guido Llinás, Antonia Eiriz y Loló Soldevilla. O curso de Fundamentos da Arquitetura, foi dirigido por Joaquín Rallo, com a participação de Roberto Gottardi, Sergio Baroni y Luis Lápidus, que introduzia o aluno nos conhecimentos objetivos da forma, o espaço e a cor através do estudo da cidade de La Habana e seus edifícios. Segre (2000) informa que haviam construído uma grande maquete da zona histórica, que permitia a identificação e análise de ruas, praças e monumentos.

Uma experiência pedagógica que se difundiu entre as várias escolas de arquitetura da América Latina foi o Ateliê Vertical. Segundo Segre (2000), os ateliês de desenho, dirigidos por Ricardo Porro, Iván Espín, Vittorio Garatti, Fernando Salinas, Raúl Gonzáles Romero e outros, articularam a criatividade com a análise da realidade concreta. Segre (2000) informa que a breve experiência do “Ateliê Vertical” integrava os alunos de todos os anos sob um só professor, e se deslocou para várias cidades do interior, *Matanzas*, *Sancti Spíritus* e *Trinidad*, para familiarizá-los com as diferentes particularidades do território e a sociedade cubana.

A união entre trabalho e educação foi experimentada pelos alunos através do vínculo entre os novos temas urbanos e rurais. Segre (2000) relata que os estudantes

participaram da construção da Cooperativa “Menelao Mora” na Província de La Habana, sob a direção de Salinas e González Romero, obra que se realizou com habitações camponesas e a participação dos arquitetos Cecilia Menéndez, Selma Díaz, Rafael Moro e Norman Medina. Os alunos e os professores Fernando Salinas e Raúl González Romero, obtiveram dois prêmios internacionais: o da VI Bienal de São Paulo (1961), e no mesmo ano, a Medalha de Prata no 2º Encontro de Faculdades de Escolas de Arquitetura celebrado no México.

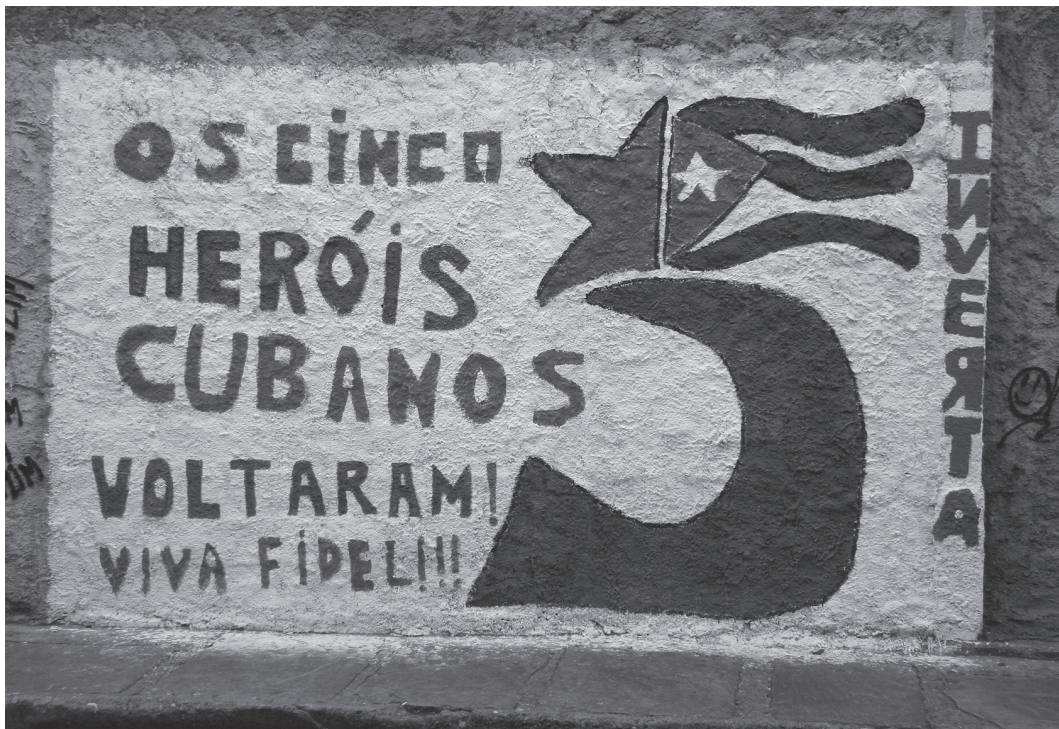
A equipe que obteve o prêmio da VI Bienal de São Paulo (1961) propôs o projeto de um centro educacional rural de ensino primário e secundária, situado na *Granja del Pueblo “El Corojal”, Pinar del Río*, e foi desenhado com elementos estruturais pré-fabricados. Junto com Fernando Salinas participaram Rafael Mirabal e os alunos Raquel Cadavid, Norman Medina, Carlos Capote, Alberto Rodríguez, Joel Ballesté, José Cortiñas, Isabel Castillo, Ana Isabel Campaña, Ismael López de Villavicencio, Rogelio Paredes e José Luis Céspedes (Cf. Salinas, 1961). A equipe que obteve a medalha de Plata no México foi dirigida por Raúl González Romero com um projeto de uma cooperativa agrícola no povoado “Pedro Betancourt” de Matanzas.

3 – Os intelectuais e a organização trabalho pedagógico nas “escolas no campo” em Cuba (1960-1975)

O estreito vínculo entre trabalho e educação pode ser inferido, a partir dos relatos de Segre (2000), na participação dos alunos como desenhistas e projetistas nas oficinas do Micons, responsáveis pelas grandes obras sociais: a *Unidad Vecinal de La Habana del Este*; a Cidade Universitária José Antonio Echeverría (CUJAE); as Escolas de Arte, as obras turísticas, rurais e industriais. Conforme relata Segre (2000), nos primeiros anos, estudantes e professores trabalhavam nas manhãs no Ministério da Construção e as aulas eram assistidas à tarde até a noite na sede da escola.

O arquiteto Reinaldo Togores [1979 (2009)] participou da experiência coletiva de projeto das “Escolas no Campo” e relata que já em 1959 surge a ideia de criar no principal cenário da guerra revolucionária, a *Sierra Maestra*, uma Cidade Escolar com capacidade para abrigar 20.000 crianças de origem camponesa, daqueles que, por viver nas zonas montanhosas, haviam sido privados até então do ensino. A Cidade Escolar “Camilo Cienfuegos” foi construída em um local chamado “*Las Mercedes*”, em plena montanha. Contraposta ao isolamento da vivenda camponesa tradicional, se apresenta como um conjunto urbano composto por unidades escolares e habitações, que contando com uma zona cultural/recreativa/administrativa, uma zona de serviços públicos e uma zona industrial de fábricas e granjas modelo para o trabalho dos alunos, ocupando toda uma extensão de 6.700 hectares.

Relatando a experiência das “escolas no campo”, Togores (2009), afirma que durante o período de 1969-70 se implantou oficialmente o sistema das “escolas no campo” como meio para vincular o trabalho aos estudantes a partir do sétimo grau e que consistiu em trasladar alunos e professores durante 45 dias a acampamentos habilitados próprios nas zonas de produção agrícola, fazendo possível a participação do estudante nas diversas tarefas produtivas junto aos trabalhadores agrícolas e técnicos do lugar. No curso escolar de 1969-70 iniciou suas atividades a primeira Escola Secundária Básica no Campo. O desenvolvimento deste novo tipo de escola, segundo Togores (2009), “representou um salto qualitativo não só desde o ponto de



Mural em rua do Rio de Janeiro saudando a volta dos Cinco Heróis.

vista pedagógico: mas também no plano da arquitetura escolar, e repercutiu ainda em outros programas construtivos”.

As práticas educativas presentes no projeto das “escolas no campo” em Cuba, segundo Figueroa, Prieto e Gutiérrez (1974, p. 17-29) foram: (1) Educação na coletividade; (2) Combinação de estudo com trabalho; (3) Formação do estudante produtor; (4) Educação universal; (5) União da educação aos planos de desenvolvimento econômico; (6) Educação através do enlace do jovem estudante com o trabalhador do campo; (7) Educação para a formação de hábito de trabalho intelectual; (8) Desenvolvimento das inclinações e atitudes individuais; (9) Educação para o estímulo da emulação socialista; (10) Educação para o trabalho de autosserviço e socialmente útil; (11) Educação dos jovens no cuidado e conservação da propriedade social; (12) Educação para a formação vocacional e orientação profissional; (13) Educação para a solidariedade internacional; (14) Educação para a participação dos jovens no governo da instituição escolar; (15) Educação dentro dos princípios do marxismo-leninismo.

Conforme podemos inferir acima, especialmente com relação ao item: “(4) Educação universal”, entre outros, as “escolas no campo” em Cuba possuem “afinidade eletiva” (Cf. Löwy, 1989) com a proposta de “educação no campo” de Bezerra (2010). O autor afirma que devemos pensar numa “educação no campo” onde não haveria a necessidade de uma educação específica para o campo, dado que os conhecimentos produzidos pela humanidade devem ser disponibilizados para toda a sociedade. Essa proposta é diversa da “educação do campo” de Caldart (2004), entre outros. Para Bezerra (2010),

“Se entendermos que deve haver uma educação específica para o campo, teríamos que considerar as diversidades apontadas acima e perguntarmos, de que especificidade estamos falando? Partindo deste pressuposto, teríamos que considerar a possibilidade de uma educação para os assentados por

programas de reforma agrária, outra para imigrantes, outra para remanescentes de quilombolas e tantas outras quantas são as diferentes realidades do campo. Nesse caso, trabalharíamos apenas com as diversidades e jamais com o que une todos os trabalhadores, que é o pertencer a uma única classe social, a classe dos desprovidos dos meios de produção e por isso, vendedores de força de trabalho, explorados pelo capital” (BEZERRA, 2010, p. 152).

As informações contemporâneas sobre o fim das “Escolas no Campo” são contraditórias, por um lado fala-se em desativação, por outro, em reparação, remodelação, criação de novas escolas, etc. Rivera (2008) relata que há um amplo movimento de reparação de centros escolares, não só na capital Havana, mas que se estendeu a todo o território nacional com a remodelação de 335 escolas. Também informa que se criaram capacidades e condições para dar merenda escolar aos alunos do ensino médio, e se garantiram as condições necessárias para levar as escolas primárias um professor para cada 20 crianças.

As principais práticas educativas presentes na organização do trabalho pedagógico do ISPJAE, segundo nosso ponto de vista, emergem do debate cultural e ideológico que ocorreu no VII Congresso Internacional da União Internacional dos Arquitetos (UIA) em La Habana (1963). Segundo o relato de Segre (2000), neste congresso participaram milhares de arquitetos e estudantes de todo o mundo onde se trocou ideias e experiências. No debate se explicitou duas tendências antagônicas: a primeira posição defendia o socialismo como um sistema liberador das forças criadoras da sociedade, posição exposta por Che Guevara em “*El socialismo y el hombre en Cuba*” (Guevara, 2003) e sintetizada na seguinte frase: “nós socialistas somos mais livres porque somos mais plenos; somos mais plenos porque somos mais livres”, e a segunda posição que denunciava a ameaça do realismo socialista e do tecnocratismo imposto pelos funcionários, “perigo já assinalado por Fidel”, segundo Segre (2000).

Fernando Salinas foi o relator-geral do VII Congresso da UIA e, segundo Segre (2000), procurou resumir as ideias, que se expressaram em vários discursos e escritos de Castro e Guevara, sobre “o necessário equilíbrio entre a técnica e a estética e a necessidade de colocar o talento criador a serviço das necessidades sociais”. Salinas sintetiza o espírito do VII Congresso nas seguintes frases: “a arquitetura é a arte da forma para ser vivida pelo povo” e finalizava sua análise da arquitetura no mundo: “transforme-se ao homem e com ele se transformará a arquitetura” (Guevara, 1964: 3). Essas seriam as principais polêmicas que permeavam o debate cultural e ideológico e que configuraram a organização do trabalho pedagógico nas “escolas no campo” em Cuba de 1960 a 1975.

4 - Conclusões

Quais os principais desafios da educação e trabalho na América Latina hoje? Segundo nosso ponto de vista, a recuperação de experiências na educação permitiria a comparação e ajudaria a compreender os desafios da formação de crianças e jovens do campo em países que são “grandes sertões”, conforme o genial Guimarães Rosa (2001). Esta perspectiva implica em um enfoque coletivo dos problemas para lograr soluções em função de grandes coletivos humanos. A comparação de experiências na educação dos países da América Latina permitiria sistematizar as novas possibilidades de formação omnilateral (Cf. Machado, 2006).

A recuperação das práticas dos intelectuais orgânicos do ISPJAE contribuiria nesse sentido. A especialista na obra e ex-aluna de Fernando Salinas, Eliana Cárdenas (2002), destaca uma frase que assume um papel chave na perspectiva de formação omnilateral: “[...] transforme-se ao homem e com ele se transformará a arquitetura” (Guevara, 1964). O que transparece na prática educativa de Fernando Salinas e dos intelectuais orgânicos do ISPJAE é a perspectiva guevarista da construção do “homem novo”. Guevara afirmava: “A revolução se faz através do homem, mas o homem deve forjar, dia-a-dia, seu espírito revolucionário”, de acordo com Guevara ([1965] 1979, p. 638). Guevara enfatiza o papel central do homem na transição socialista. Para além da transformação da base econômica, Guevara ([1965] 1979: 631), ressalta que: “Para construir o comunismo, simultaneamente com a base material, tem que se fazer o homem novo”.

A concepção de “homem novo” salienta o papel central dos homens como sujeitos da transformação histórica, que ao transformarem a si mesmo, transformam a sociedade. A contribuição fundamental desses pedagogos consiste no resgate do horizonte humanista do marxismo. Conforme aponta Löwy (2006, p. 29), os temas centrais da obra marxista de Guevara, a reflexão sobre a transição para o socialismo, a utopia comunista de um homem novo, são temas que tem o seu fundamento no “humanismo revolucionário”. Por isso precisamos recuperar, mais do que nunca, esse marxismo humanista, antidogmático, ético, pluralista e revolucionário. Ao analisarmos as práticas educativas dos intelectuais orgânicos do ISPJAE, emerge a temática contemporânea da “justiça global”, conforme aponta Garcia (2003, p. 1-2).

Como conclusão, podemos afirmar que os intelectuais orgânicos do ISPJAE, ao colocarem em prática as ideias que estavam *in nuce* nos textos de Guevara, desenvolveram a temática contemporânea da “justiça global”, conforme os trabalhos de Sáez (2009), Monteagudo (2004) e Díaz-Salazar (2003), constituindo uma “escola da justiça global”, e fazendo com que suas ideias mantenham sua vigência até os dias de hoje. Os projetos das “escolas no campo” do ISPJAE, especialmente no período de 1960-1975, se propuseram a transformação do universo educacional e sociocultural, em função do desenvolvimento de “homens plenos” e de um elevado compromisso com a comunidade, onde prevaleceu a justiça social e a solidariedade. Essas múltiplas razões fazem com que as ideias desses intelectuais mantenham uma atualidade e uma autenticidade na solução dos desafios da educação de jovens e crianças do campo na América Latina hoje.

5. Referências

- AYALA Alonso, Enrique (comp.). **Fernando Salinas**. El compromiso de la arquitectura. México: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco, 1992.
- BEZERRA NETO, Luiz. Educação do campo ou educação no campo? **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p. 150-168, jun. 2010.
- BUENO, Marcia O. G. El trabajo de orientación profesional vocacional hacia carreras pedagógicas en el pre-universitario. **Ilustrados Monografias, tesis, bibliografias, educación**, Net, Centro Universidad Pedagógica “Raúl Gómez García”, Guantánamo, Cuba, 2006. Disponível em: < <http://www.ilustrados.com/tema/8233/Trabajo-Orientacion-Profesional-Vocacional-hacia-carreras.html> >. Acesso em: 26 dez. 2010.

- CANO, Leonor A. La enseñanza integral para el cambio en las universidades latinoamericanas: una visión de la experiencia cubana. **Revista Cubana de Educación Superior**, Cuba, n. 3, p. 85-102, Mar. 2005.
- CÁRDENAS, Eliana. (2002). Por una teoría para transformar el ambiente. **Arquitectura y Urbanismo**, Vol. XXIII, n. 3, ISPJAE, La Habana, 2002, p. 8-15.
- CALDART, Roseli S. **Pedagogia do movimento sem terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CENTRO PABLO. Apresentação do livro pelo Centro Cultural Pablo de la Torriente Brau. In: RODRÍGUEZ, Antonio G. **Enigmas y otras conversaciones**. Cuba: Ediciones La Memoria: Centro Cultural Pablo de la Torriente Brau, 2013. (Colección Homenajes). Disponível em: < http://www.centropablo.cult.cu/libros_descargar/enigmas.htm >. Acesso em: 10 Abr. 2014.
- CORMENZANA, Ana J. G.; GIL, Iliana R.; SOCA, Carlos M. Q. El idioma inglés en la formación integral del médico cubano actual. **Revista de Ciencias Médicas La Habana**, n. 9 (2), p. 1-9, Abr. 2003.
- DÍAZ-SALAZAR, Rafael (Org.). **Justicia global**: las alternativas de los movimientos del Foro de Porto Alegre. 2. ed. Icaria Editorial: Intermón Oxfan, Barcelona, 2003.
- DÍAZ, Adela H. Una visión contemporánea del proceso de enseñanza aprendizaje. **Centro de Estudios para el Perfeccionamiento de la Educación Superior (CEPES)**, Universidad de La Habana, Net, Cuba, 2002. Disponível em: < <http://www.fq.uh.cu> >. Acesso em: 26 Dez. 2010.
- ECURED. Enciclopedia Cubana en la Red. Escuela Vocacional Vladimir Ilich Lenin. Disponível em: < http://www.ecured.cu/index.php/Escuela_Vocacional_Vladimir_Ilich_Lenin >. Acesso em 10 abr. 2014.
- FARIAS, Itamar Mazza de. **Pedagogia do trabalho**: seus princípios no cotidiano escolar. Campinas: 1994. 193p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas.
- FIGUEROA, Max; PRIETO, Abel; GUTIÉRREZ, Raúl. **La escuela secundaria en el campo**: una innovación educativa en Cuba. Paris: Unesco, 1974.
- GALINDO, Fidel B.; PASCUAL, Yilmy R. La socialización en la formación de una profesión. **Dirección Municipal de Educación**, Net, Guáimaro, Camagüey, Cuba, 2004. Disponível em: < <http://biblioteca.utec.edu.sv/home/> >. Acesso em: 26 dez. 2010.
- GARCIA, María del C. A. Prólogo. In: GUEVARA, Ernesto C. **Justicia global**: liberación y socialismo. 1. ed. Buenos Aires: Nuestra America, 2003.
- GÓMEZ, Miguel R. Identidad cultural y humanismo en la obra de Leopoldo Zea: significación y actualidad. **Poligramas**, México, n. 29, p. 335-359, jun. 2008.
- GÓMEZ, Ricardo. Hombre pleno, sin enigmas. **Tribuna de La Habana**, Cuba. Fev. 16, 2013. Disponível em: < <http://www.tribuna.co.cu/cinco/2013-02-16/hombre-pleno-sin-enigmas> >. Acesso em: 10 abril 2013.
- GUEVARA, Ernesto C. **Justicia global**: liberación y socialismo. 1. ed. Buenos Aires: Nuestra America, 2003.
- _____. El socialismo y el hombre en Cuba. In: GUEVARA, Ernesto C. **Obra revolucionaria**. 8. ed. México: Era, [(1965) 1979]. p. 627-639.
- _____. Discurso de clausura del encuentro de profesores y estudiantes. In: **Arquitectura Cuba**, Cuba: n. 331, La Habana, enero-marzo, 1964, p. 13-14.
- KOHAN, Néstor. De Ingenieros al Che. Ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano. Prólogo de Michel Löwy. Argentina: Editorial Biblos, 2000.

- LOZANO, Gabriel V. El marxismo, hoy. **Revista Crítica Jurídica**, México, UNAM, n. 26, p. 133-146, Jan. / Dez. 2006.
- LOWY, Michael. **O pensamento de Che Guevara**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- _____. **Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MACHADO, Ilma. F. A criança como sujeito social na educação do campo. In: **Educação Pública**, Cuiabá, v. 15, n. 27, p. 109-118, jan./abr. 2006.
- MENDOZA, Juan C. R.; AGUILAR, Nivia A.; RAMÍREZ, Elio P. La orientación socio-humanística, un aporte a la formación integral del estudiante, **Tendencias Pedagógicas**, Cuba, n. 13, p. 175-191, Mar. 2008.
- MONTEAGUDO, Graciela. **Filósofos, caracoles y Letizia: una visita a Chiapas**. Net, México, 2004. Disponível em: <http://www.globaljusticecenter.org/articles/chiapas_esp.htm>. Acesso em 21 dez. 2009.
- MORAIS, Fernando. **Os últimos soldados da guerra fria: A história dos agentes secretos infiltrados por Cuba em organizações de extrema direita dos Estados Unidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PEÑA, Alberto C.; ARIAS, José M. G.; SILVA, Flor D. R. La interrelación universidad-empresa en la labor educativa profesional. **Revista Trimestral de la Facultad de Ingeniería de la Universidad de Holguín**, Cuba, Año XIV, n. 2, p. 1-13, Jun. 2008.
- RAMÍREZ, Elio P. La formación socio humanística del estudiante de arquitectura como campo de reflexión pedagógica. **Revista Iberoamericana de Educación**, España, Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), n. 49/8, p. 1-12, jul. 2009.
- RIVERA, Yailin Orta. Una inmensa revolución constructiva. In: **Juventud Rebelde**. Cuba: Havana, 10 jan. 2008. Nacional, p. 4.
- RODRÍGUEZ, Antonio G. **Enigmas y otras conversaciones**. Cuba: Ediciones La Memoria: Centro Cultural Pablo de la Torriente Brau, 2013. (Colección Homenajes). Disponível em: <http://www.centropablo.cult.cu/libros_descargar/enigmas.htm>. Acesso em: 10 Abr. 2014.
- ROSA, João G. **Grande sertão: veredas**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSSI, Wagner G. **Pedagogia do trabalho 2: caminhos da educação socialista**. São Paulo: Moraes, 1982.
- SÁENZ, Víctor Manuel Marí. **Movimientos sociales y educación popular en tiempos de globalización**. Net, Espanha, 2009. Disponível em: <http://www.opech.cl/educsuperior/alternativas/movimientos_sociales_educacion_popular.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2009.
- SALINAS, Fernando. Una arquitectura para formar al hombre. Boletín de la Escuela de Arquitectura, Volumen XXIII, n. 3, 2002, p. 52-55.
- _____. **De la arquitectura y el urbanismo a la cultura ambiental**. Guayaquil: Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Guayaquil, 1988.
- _____. Una educación para el diseño. Boletín de la Escuela de Arquitectura, n. 2, La Habana, julio, 1965, p. 3.
- _____. Un comentario sobre la presencia de la Escuela de Arquitectura de la Universidad de La Habana en la VI Bienal de Arte de San Pablo, Brasil. In: **Espacio**, Cuba: n. 1, Año 1, segunda época, La Habana, 1961, p. 22-23.

- _____. Los espacios del hombre pleno, prólogo: a Roberto Segre. **Diez años de arquitectura en Cuba revolucionaria**. Cuba: Ediciones Unión, 1970. p. 7-10.
- SEGRE, Roberto. Fernando Salinas. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana; MARTINS, Carlos E.; NÓBILE, Rodrigo (orgs.) **Latinoamericana**: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo: Boitempo, 2006a.
- _____. A razão construtiva nas escolas paulistas. In: **Revista Projeto Design 321**. Net, São Paulo, 2006b. Disponível em: <<http://arcoweb.com.br/debate/debate96.asp>>. Acesso em: 22 dez. 2009.
- _____. Os sonhos da utopia comunista cubana. In: **Revista AU**, São Paulo: n. 118, p. 53-59, Jan. 2004.
- _____. **FAU 1960-1975**: Los “años de fuego” de la cultura arquitectónica cubana. Net, Roma, Itália, fev./mar, 2000. Disponível em: <http://www.archivocubano.org/fau_1.html>. Acesso em 26 dez. 2000.
- _____. **Los espacios del hombre pleno**. (1999). Entrevista a Fernando Salinas (1988-1992). Net, Roma, Itália, 1999. Disponível em: <http://www.archivocubano.org/salinas_1.html>. Acesso em 26 dez. 1999.
- _____. **Arquitetura da revolução cubana**. São Paulo: Nobel, São Paulo, 1987.
- TALLET, Arturo V. et al. El método de enseñanza-aprendizaje en la formación de valores, **Revista Médica Electrónica**, Cuba, n. 30 (3), p. 1-26, Mar. 2008. Disponível em: <<http://www.cpimtz.sld.cu/>>. Acesso em: 25 maio de 2010.
- TOGORES, Reinaldo. **20 años de construcción en Cuba**. Obras escolares y sociales. (1979). Net, Espanha, 2009. Disponível em: <<http://personales.unican.es/togoresr/index.html>>. Acesso em 21 dez. 2009.
- VÉJAR, Pérez-Rubio. **Y el perro ladra y la luna enfria**. Fernando Salinas: diseño, ambiente y esperanza. México: UAM, UNAM, UIA, 1994.
- VILLELA, Fábio F. **A escola da justiça global**. 2009-2010. Supervisão: Prof^{fa}. Dr^a. Liliana Rolfsen Petrilli Segnini. Monografia (Pós-Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- _____. **Indústria da construção civil e reestruturação produtiva**: as novas tecnologias e seus modos de socialização construindo as cidades contemporâneas. São Paulo: Giz Editorial, 2008.
- _____. **Rino Levi**: hespéria nos trópicos. A racionalização dos processos de trabalho em escritórios de arquitetura e a interação entre intelectuais, estado desenvolvimentista e a industrialização em São Paulo. Campinas: 2003. 324p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas.

Recebido em abril de 2014 e aprovado para publicação em janeiro de 2015.

A produção de telejornais e telenovelas em tempos de crise do capital

Antonio Cícero Cassiano Sousa

Doutor em História e professor e pesquisador no CEPES (Centro de Educação Popular e Pesquisas Econômicas e Sociais), no ISERJ (Instituto Superior de Educação) e ETAB (Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch), Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

O artigo tem como hipótese central que as transformações recentes no modo de produção capitalista subvertem o papel tradicional do telejornalismo, tornando-o menos propenso reivindicar neutralidade e reafirma o papel de mobilização emocional da teledramaturgia.

Palavras-chave: televisão, telejornalismo, teledramaturgia, revolução científico-técnica, telerrealidade.

Abstract

The central hypothesis is that the recent transformations in capitalist way of production overthrow the traditional paper of the telejournalism and reaffirm the emotional mobilization paper of the teledramaturgy.

Key words: television, telejournalism, teledramaturgy, scientific-technician revolution, telerreality.

Resumen

El artículo tiene como hipótesis central que las transformaciones actuales en el modo de producción capitalista subvierten el papel tradicional del teleperiodismo, haciendo que sean menos capaces de reivindicar neutralidad e asegurar el papel de movilización emocional de la teledramaturgia.

Palabras llaves: televisión, teleperiodismo, teledramaturgia, revolución científico-técnica, telerealidad.

Introdução

O objetivo deste artigo é levantar hipóteses a partir de estudos recentes sobre telenovela e telejornalismo para observar como a linguagem televisiva se estruturou a luz das modificações trazidas pela revolução científico-técnica e pelo retorno das crises cíclicas do capitalismo.

A bibliografia consultada divide-se em dois blocos: aquele que se volta para a formação do modo de produção capitalista e seu desenvolvimento, especialmente as obras que abordam a chamada revolução científico-técnica e o caráter da crise capi-

talista atual; da mesma forma merece atenção a bibliografia que trata dos aspectos específicos do meio técnico televisão e da produção de telenovelas e telejornalismo.

Podemos afirmar que a revolução científico-técnica é uma revolução nas comunicações, pois o que está em jogo é o mecanismo de transmissão de informações da máquina, antecedido pela máquina-ferramenta e pela máquina-motriz. A consequência mais visível é a quantidade de informações que circulam no mundo a partir do advento da era informacional.

Sabe-se que a produção de bens culturais é especialmente atingida pelas condições econômicas, que determinam a produção propriamente dita do bem cultural, mas também produzem o gosto à medida que a produção também determina o consumo: “A produção não produz, pois unicamente o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, ou seja, não objetiva, como subjetivamente. Logo, a produção cria o consumidor” (MARX, 1978, p. 110). No caso dos bens culturais, o gosto adquire certa autonomia que justifica, por exemplo, o papel da crítica cultural. A abrangência da crise atual poderia estar afetando de forma mais intensa a produção de produtos televisivos, assim como atinge a ciência e a educação:

“A crise do capital atual, como relação e processo generalizado por todo o sistema do capital mundializado (desde o final do século XIX), é uma crise geral que afirma a passagem do desenvolvimento do capital ao estágio de negação de sua própria lógica de reprodução, como relação e processo social dominantes da sociedade humana em geral e historicamente determinada em particular, segundo sua singularidade essencial. É uma crise que traduz a essência contraditória da organicidade da produção que se autorreproduz negando o produto ao seu produtor e o valor essencial que contém o mesmo: a reprodução humana, a vida” (BEVILAQUA, 2011, p. 256).

Os próximos passos dessa pesquisa visam responder de que forma a crise estaria incidindo na produção de telejornais, tornando suas mensagens mais ideologizadas; por outro lado, aparentemente estaria desideologizando a produção de entretenimento, no caso da teledramaturgia.

A televisão tem uma linguagem específica, embora reproduza elementos fundamentais de outras mídias como rádio e cinema.

O primeiro aspecto específico da linguagem televisiva era o formato curvo da tela, que “arredondava” a imagem, estabelecendo uma tridimensionalidade diferente da imagem cinematográfica. Essa característica vem se diluindo com os novos tipos de monitores de telas planas e a introdução do padrão digital.

O segundo aspecto é a predominância da edição acelerada. Velocidade e excesso de imagens estão mais presentes na televisão do que em qualquer outra mídia audiovisual. Para isso, se faz necessário a adoção de planos e sequências breves, construindo o ritmo rápido da linguagem. Velocidade no corte, mas pouco movimento de câmera, que devem ser mínimos. Na análise que fez das novelas *Fogo sobre terra* e *A corrida do ouro*, Van Tilburg localizou uma proporção bastante pequena de *travellings* ou panorâmicas¹: do total de tomadas analisadas somente em 29,7% a câmera estava em movimento (TILBURG, 1990, p. 78). Comparando o tempo de duração das tomadas das novelas da Globo com outras emissoras, verificou que as tomadas destas tinham

¹ *Travelling* é o movimento da câmera em direção ao objeto, com possibilidades de alterações de grande amplitude no enquadramento, panorâmica é o movimento da câmera em torno do próprio eixo, sendo assim mais descritivo e uniforme.

o dobro daquela, da mesma forma observou um percentual maior de tomadas com 1 ou 2 personagens nas novelas da Globo (TILBURG, 1990, pp. 79-90).

No plano da construção dramática, Marcos Rey localizou um aumento acentuado da quantidade de cenas por capítulos em telenovelas: de uma média de 10 cenas nas primeiras telenovelas, passou-se para cerca de 40 nas atuais (REY, 2003, p. 49).

No lugar dos movimentos de câmera, adota-se com frequência o recurso do campo e contracampo (enquadramentos alternados feitos por duas câmeras em diagonal). Trata-se de planos muito usados nas telenovelas por se prestarem bem às cenas de diálogo. Tilburg associa essa codificação da imagem à adequação ao esforço físico do telespectador médio: depois de uma jornada exaustiva de trabalho, ele não deve ser sobrecarregado com mais esforço no acompanhamento da mensagem televisiva daí a economia de movimentos de câmera e presença de poucos personagens em cena, da mesma forma, evita-se os planos longos, que lhe exigiriam maior dispêndio de concentração.

O terceiro aspecto é a justaposição de informação, particularmente presente na programação jornalística. O porquê, o para quê e o como desaparecem, impedindo que o telespectador estabeleça relações mais substantivas e complexas sobre o fato (FISHER, 2003, 104).

Podemos falar também da função fática², como quarto aspecto da linguagem televisiva. A mensagem na TV chega ao receptor com grande naturalidade; a programação vai até ele, ao contrário de outras modalidades de espetáculo. Cabe a ela, por excelência, a função fática na medida em que estabelece essa familiaridade com o espectador (CAMPDELLI, 1985, pp. 16-17).

Marcos Rey, ao distinguir escrever para TV e escrever para cinema, afirma que na telenovela a atenção total do telespectador não é exigida, ele pode fazer coisas como fumar, tomar café, ir ao banheiro: “Em suma, quando se escreve para o cinema pensa-se no público, quando se escreve para a televisão pensa-se no espectador. O diálogo no cinema tem que servir para todos. Na televisão é só para a pessoa que se sentou diante do aparelho” (REY, 2003, p. 129). Assistir televisão supõe tal grau de dispersão que se impõe segmentos e intervalos, mesmo que não haja comerciais que os justifiquem. Note-se que nas TVs públicas também há intervalos. Para quê? Como o ambiente doméstico tem uma infinidade de outros estímulos, a TV pode ser apenas um entre muitos.

No primeiro capítulo examinaremos a relação da televisão com a publicidade, destacando sua relação com o modo de produção e da criação de hábitos de consumo e subjetividade. No capítulo seguinte veremos a TV como meio de programação social dos comportamentos. Nos dois capítulos sobre telejornalismo e teledramaturgia apresentaremos como esses dois gêneros se constituem na formação da chamada telerrealidade e na mobilização emocional, respectivamente. Examinemos agora o objeto e sua relação com a publicidade e com a programação social do comportamento.

1. Televisão e publicidade

O capitalismo da segunda metade do século XX está marcado por sua relação com as novas formas de transmissão de informação, particularmente a televisão. Analisando

²Função fática é a linguagem que consiste na verificação do funcionamento do canal de comunicação, através de expressões como “alô”, “oi”, “tudo bem?”.



Dina Sfat

a sociedade mundial da primeira metade da década de 60, John Kenneth Galbraith afirmava: “O sistema industrial, nas suas mais profundas raízes, é dependente da televisão comercial e não poderia existir na sua forma atual sem ela” (GALBRAITH, 1972, p. 208).

No entanto, a televisão é apenas parte de um extenso processo de reprodução em massa de produtos culturais e entretenimento. A obra de arte, no capitalismo, entra na época da reprodutibilidade técnica, deixa de ser única e passa a ser reproduzida em massa. O cinema é particularmente significativo dessa nova fase: não há mais original *strictu sensu*, um filme é sempre visto de uma forma razoavelmente padronizada – tratando-se, obviamente, de sua forma de exibição tradicional. Trata-se de uma mercadoria que se paga aos poucos: à medida que uma cópia é exibida e se cobra ingressos. Não há original, do ponto de vista comercial, quanto mais cópias, mais possibilidade de êxito.

O capitalismo cria um ramo da indústria, a chamada indústria cultural, que estabelece o princípio da mercadoria ao extremo. Os chamados bens culturais se estruturam a partir de elementos da personalidade, passando ser esta também produzida em escala industrial:

“Assim, por exemplo, o ar de obstinada reserva ou a postura elegante do indivíduo exibido numa cena determinada é algo que se produz em série exatamente como as fechaduras Yale, que só por frações de milímetros se distinguem umas das outras. As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural” (HORKEIMER e ADORNO, 1985, pp. 144-146).

Desaparece um tipo de transferência³ presente na cultura burguesa anterior à época da reprodutibilidade técnica. Que relação afetiva é possível entre espectador e bens

³Transferência, em psicanálise, é o processo pelo qual os desejos inconscientes se localizam em certos objetos, especialmente na relação analítica, assim o paciente estabelece uma relação afetiva especial com o médico.

culturais no capitalismo atual, em particular, na televisão? Na seção seguinte, sobre televisão, ideologia e comportamento, apresentaremos algumas pistas.

Na indústria cultural também desaparece a distinção entre trabalho e diversão. A necessidade de reposição da força de trabalho se torna consumo, passando a ser também produzida (HORKEIMER e ADORNO, 1985, p. 128).

Os primeiros passos dessa transformação foram dados com a invenção da imprensa por Gutenberg em torno de 1450. Isso foi radicalmente acelerado com o advento do modo de produção capitalista que instalou a possibilidade de reproduzir em série a obra de arte. Teve importância notável a invenção da fotografia em 1822 e seus desdobramentos que inclui o surgimento do cinema em 1895. A reprodutibilidade técnica é o que assegura o aparecimento da arte como mercadoria, em outras palavras, a indústria cultural.

A indústria cultural tem sido vista a partir de dois enfoques de valores distintos: uma indústria que cumpre as funções do fascismo, promovendo a alienação do homem, por outro lado, é vista como instrumento de combate a essa mesma alienação.

A cultura como mercadoria se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. A novela é uma repetição cada vez mais exaustiva de velhos *plots* e a canção popular apresenta formas melódicas degradadas para serem ouvidas no elevador ou no rádio que toca enquanto se prepara a mamadeira do bebê ou outra tarefa rotineira: “É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todo-poderosa ela se torna” (HORKEIMER e ADORNO, 1985, p. 151).

A televisão no Brasil se consolidou no período da ditadura militar. No período anterior ao golpe de 1964, a Escola Superior de Guerra incluía a comunicação social como prioridade e que deveria “esclarecer a opinião pública sobre assuntos relacionados aos problemas nacionais bem como sobre as ações realizadas pelo governo para resolvê-los” (MATTOS, 2002, p. 30). O modelo de televisão implantado contará com sólido apoio do Estado na montagem da infraestrutura que permitirá a expansão privada da TV, em especial, da rede Globo:

“Durante os governos militares (1964–1985), o Estado exerceu papel decisivo no desenvolvimento e regulamentação dos meios de massa e em particular dos meios de transmissão, estabelecendo leis e agências reguladoras e adotando novas tecnologias no sistema nacional de telecomunicações. Foram instaladas as estações terrestres de satélites, ampliado o sistema telefônico e implantadas as linhas de micro-ondas, possibilitando ótima transmissão de TV em todo o território nacional” (MATTOS, 2002, p. 90).

A formação de uma rede nacional era um passo decisivo em direção à conquista do mercado publicitário. Nos primeiros anos, os patrocinadores determinavam os programas que deveriam ser produzidos e veiculados, além de contratarem diretamente os artistas e produtores. Assim, os programas eram identificados pelo nome do patrocinador: *Repórter Esso*, *Gincana Kibon*, *Teatrinho Trol* e outros.

À medida que a televisão se expande, sua participação no total das verbas publicitárias cresce até chegar aos 62 % atuais (Exame.com.br). A abrangência da televisão é comprovada pelo dado que aponta sua presença em 84,3% dos domicílios brasileiros, suplantando a presença de geladeiras (78,2%) (MATTOS, 2002, p. 103).

A escolha de um canal de televisão é feita pelo anunciante, determinada pelo índice de audiência aferido pelo instituto de pesquisa. No Brasil e nos demais países do Terceiro Mundo, a publicidade se concentra em comida, remédio e bens de consumo duráveis, assim se forma uma cadeia de relações industriais formada pela produção de bens gerais, a indústria publicitária e os meios de comunicação. Os chamados *meios* também são produtores de um tipo de indústria cultural e de indústria publicitária, esta última funcionando como o elo entre os demais setores.

2. TV, comportamento e ideologia

A televisão é o meio audiovisual que exerce mais influência no comportamento humano. A sua quase universalização e presença invasiva no ambiente doméstico oferece um tipo diferente de espetáculo – aquele que vem à casa do espectador. As pesquisas sobre televisão e comportamento têm levado em consideração os aspectos particulares de sua linguagem, especialmente, a montagem ou edição acelerada e o conteúdo da programação que transmitem.

Os estudos têm se concentrado nas repercussões do hábito de ver televisão entre as crianças, pois nesta fase se estruturaria o fundamental da personalidade.

A média mundial de permanência frente ao televisor é grande: situa-se entre 15 e 30 horas semanais ou cerca de 4 horas por dia. Nos Estados Unidos, ver TV e Internet são atividades que rivalizam com o sono e do trabalho em quantidade de horas despendidas. A televisão fica ligada quase seis horas e meia por dia em cada família. É curioso notar que permanece cerca de 40% desse tempo sem que ninguém a assista (SARTORI, 1987, pp. 263-266).

Hoje o tempo em que se está conectado à Internet tende a ser cada vez maior: no Brasil, cerca de 85% dos jovens de 9 a 16 anos se conectam pelo menos uma vez por semana.

As pesquisas que procuram examinar a relação entre televisão e personalidade dão conta de uma influência televisiva importante na infância. Com base nos estudos psicológicos sobre identificação projetiva, projeção, introjeção e narcisismo⁴, e experiência clínica com crianças possuidoras de distúrbio de personalidade, Raquel Soifer fundamenta sua tese de que a assistência à televisão na infância hipertrofia o mecanismo de identificação projetiva, impedindo a utilização de outros mecanismos mentais como a introjeção, a sublimação e a reflexão, restringindo assim as possibilidades de crescimento intelectual (SOIFER, 1991, p. 24).

Que a imagem se vincula mais diretamente às emoções que a palavra é facilmente aceito, no entanto, há divergências quanto ao tipo de emoções desencadeadas. Para alguns, ver televisão ou qualquer espetáculo se assemelharia ao estado criado pelos sonhos. No entanto, esse estado não asseguraria a função do repouso, o que o privaria dos efeitos de proteção vital daqueles. É necessário dizer também que os sonhos formam-se a partir de situações reprimidas no inconsciente e que encontram expressão no estado de regressão criado (FREUD, 1978, pp. 213-218).

4 A identificação projetiva é o que nos permite imaginar que entramos no outro e sentimos o mesmo que ele, nos levando a crer que somos esse outro. Os mecanismos de projeção organizam-se junto com a identificação projetiva e a introjeção, mediante a qual se incorporam as experiências vividas. A identificação projetiva permite o estabelecido do narcisismo, que se caracteriza pelo amor a nós mesmos, o egoísmo e a possessividade. Cf. LAPLANCHE e J.-B. PONTALIS, *Vocabulaire de la psychanalyse*.

Herio Saboga e Virgínia Fontes sugerem que a linguagem da televisão não poderia ser análoga a dos sonhos, pois esta se articula como um compromisso entre *Id* e *Ego*⁵, não havendo na linguagem televisiva “contradição, negação ou impossíveis”, ela se localizaria fora desse âmbito de compromisso:

“Linguagem dos sonhos ou do inconsciente, o fato é que as descrições das crianças diante de uma tela de televisão projetam uma imagem homogênea: postura relaxada, quase passiva, olhar morto, indiferença na absorção do conteúdo da tela, etc., numa espécie de demonstração prática da inutilidade de reação diante da realização imediata de um desejo. O discurso da televisão substitui a formulação de desejos pelas crianças, o fluxo ininterrupto de imagens propondo-se como resposta, por antecipação, a todos os desejos da criança” (SABOGA e FONTES, 1994, pp. 44).

A televisão introduziria dois agravantes ao processo: o acesso imediato tende a prolongar o número de horas destinadas ao acompanhamento de sua programação, e por outro lado, a televisão leva-nos sobremaneira à reclusão junto a ela, pois se encontra ao nosso alcance a qualquer momento (SOIFER, 1991, p. 15).

Acrescente-se a isso que a permanência prolongada das crianças frente ao aparelho de TV afasta-as de outras atividades que lhes ofereceriam maiores possibilidades de crescimento físico e mental. Sabemos a importância do brinquedo como estímulo à aprendizagem, à medida que funciona como um intermediário entre a fantasia e a realidade, permitindo desenvolver toda uma série de funções intelectuais, como concentração, memória, criação, recriação e raciocínio lógico.

Raquel Soifer aponta ainda o conteúdo da programação televisiva como fator que impede ultrapassar o pensamento mágico:

“O irracionalismo governa as ações; tudo é possível e lícito: mortes, ressurreições, ‘golpes’, desabamentos, esmagamentos, explosões e torturas, o que constitui uma clara expressão do pensamento mágico, em suas variações mais aberrantes e sinistras. O sexo está sempre presente em manifestações que chegam até a impudência e o descaramento” (SOIFER, 1991, p. 37).

A estruturação do pensamento lógico é um passo importante na formação da personalidade e da capacidade de elaboração, criando as condições para a argumentação válida, especialmente da inferência dedutiva e dos métodos de prova e demonstração.

Para Soifer, a televisão seria responsável por neurose caracterizada, entre outros aspectos, pela persistência da utilização maciça da identificação projetiva, indo muito além dos primeiros meses de vida, tendência à regressão até as fases iniciais do desenvolvimento mental e atenção dispersiva e dificuldade de concentração:

“É importante salientar que estes elementos psicopatológicos constituem por sua vez a estrutura sobre a qual se estabeleceu a dependência ao televisor, além de ser sua consequência. A fascinação que exercem as luzes, as imagens e os sons emitidos pelo televisor, origina-se no mecanismo de identificação projetiva maciça, em um processo semelhante ao que produz em os sonhos, os quais, definitivamente, formam-se para manter o sujeito adormecido”.

⁵ *Id* é a parte mais antiga do aparelho psíquico, contendo tudo o que é herdado e se acha presente no nascimento, principalmente, os instintos, que aí encontram sua expressão psíquica. O *Ego* é o resultado do desenvolvimento de uma parte do *Id*, tem sob seu comando o movimento voluntário e sua principal tarefa é a autopreservação. Superego é resultado do longo período de influência dos pais e outros agentes externos e sua função principal é a limitação das satisfações. Cf. Sigmund FREUD, *op. cit.* pp. 199-201.



Brizola Fonte: <http://jornalggn.com.br/>

“Neste aspecto, a situação que se configura é semelhante à que estabelece o bebê com a chupeta: permite-lhe fantasiar que está se alimentando e chegar ao estado de alucinação. Em certa medida, também a contemplação prolongada de espetáculos televisivos leva a um estado parecido ao da alucinação” (SOIFER, 19991, p. 51).

A autora insiste que crianças até cinco anos não devem ver televisão, pois somente a partir dessa idade é possível diferenciar fantasia e realidade. Dos cinco anos em diante, deveriam vê-la de forma bastante restrita.⁶

Recentemente foi divulgada pesquisa da Universidade de Washington, Seattle, na qual se afirma que a rapidez da mudança de imagem na televisão é potencialmente danosa para o cérebro em formação das crianças. Elas experimentariam eventos de forma muito acelerada, contrastantes com a vida como ela se apresenta efetivamente.

2.1. TV e telerrealidade

Como meio técnico da realidade ou um tipo de espelho da realidade, a televisão inaugurou uma nova discussão sobre realidade e o que ela espelha – a chamada telerrealidade.

Sartori identifica duas formas essenciais de intervenção da televisão na criação da telerrealidade: os chamados *media events* (acontecimentos produzidos especialmente para a televisão), que passam a constituir o verdadeiro alimento da realidade e da história. O autor estabelece dois degraus da transformação da realidade em telerrealidade: o primeiro se dá quando a televisão se coloca a serviço da realidade, como no encontro de Sadat e Begin em Jerusalém, em 1978, combinado na televisão para acontecer em seguida, no segundo, a realidade se põe a serviço da televisão, como no

⁶Crianças entre 5 e 6 anos deveriam assistir meia hora por semana, crianças entre 7 e 8 anos duas vezes por semana, a partir dos 8 anos, três ou quatro vezes por semana, sem ultrapassar 1 hora, adolescentes não devem assistir mais de uma hora por dia, pp. 59-60.

casamento do príncipe Charles da Inglaterra com a Lady Diana, em agosto de 1981 (SARTORI, 1987, pp. 271-273).⁷

Daniel Boorstin compreendia em 1961 a essência do fenômeno ao discorrer sobre os chamados “pseudo-acontecimentos”: organização de um prêmio, celebração de um aniversário ou uma entrevista. Para o autor, os “pseudo-acontecimentos” tendem cada vez mais ocultar os eventos espontâneos, pois são mais “dramáticos”, fáceis de difundir de maneira vívida e espetacular, custam dinheiro e tem a capacidade de gerar outros “pseudo-acontecimentos” (SARTORI, 1987, p. 274). Percy Tannenbaum ilustrou esta capacidade de “criação da realidade” com a frase: “Se uma árvore cai na TV, quer dizer que ela *realmente* caiu” (SARTORI, 1987, p. 270). (grifo do autor).

Podemos concluir que a televisão instaura dois problemas sérios: inibe a expressão do pensamento em razão do ritmo veloz que adota, obrigando tanto aqueles que emitem mensagens a pensarem “mais rápido que sua sombra”, na expressão de Pierre Bourdieu (pp. 38-41), e dificulta a reflexão por parte dos receptores à medida que os absorvem como participantes do espetáculo. Como refletir se faço parte do show?

A televisão como aparelho ideológico de Estado incorpora elementos próprios de sua linguagem na estruturação da ideologia dominante, especialmente na eliminação do sentido crítico da história, estabelecida por essa impossibilidade de reflexão com a instauração do primado do “aqui e agora”.

3. Telejornalismo

O telejornalismo é a mais importante fonte de informação para a maioria da população brasileira, sendo o tipo de programação preferida de 87,4% dos homens e 71,3% das mulheres. Para dimensionar a importância desse dado, lembremos que o hábito da leitura de jornais atinge apenas 5% da população.

A prática da justaposição de informação é uma regra geral nos telejornais. Vejamos um exemplo de cobertura telejornalística: o presidente do Congresso solicitou licença de seu cargo; a seguir, ficamos sabendo que os presumidos atos de corrupção daquele parlamentar continuam a ser investigados; mais adiante, informa-se que o presidente da República está acompanhando o caso, mas não irá se manifestar por enquanto. Verificamos a ausência de quaisquer relações mais substantivas ou complexas entre os fatos (FISHER, 2003, p. 104).

Outro aspecto significativo é o registro dos índices de pouca atenção dos telespectadores que algumas pesquisas apontam – apenas 18% acompanham atentamente os programas jornalísticos. Pesquisa feita com pessoas de baixa renda e estudantes mostrou que aproximadamente 70% das informações do *Jornal Nacional (JN)* não são absorvidas, em virtude do ritmo acelerado da edição (TILBURG, 1990, pp. 88-91).

O *JN* foi ao ar pela primeira vez em setembro de 1969 e sua equipe inicial vinha da imprensa escrita, ao contrário de outras experiências de telejornalismo que eram oriundas do rádio. É o segundo programa em audiência da emissora e sua importância na formação da opinião é grande em razão do percentual pequeno de leitores de jornal, como já vimos.

No período da ditadura de 1964, a censura e a autocensura eram recorrentes: não se deveria mencionar que ex-presidente Juscelino Kubitschek tivera os direitos

⁷Anuar Sadat, presidente do Egito de 1970 a 1981, e Menachen Begin, primeiro-ministro de Israel eleito em 1977, assinaram os acordos de paz de Camp David em 1978/1979.

políticos cassados; nos funerais de Mao Tse-tung não se deveria mencionar a palavra “líder”. Nas palavras do ditador Emílio Médici (1969-1974), o *Jornal Nacional* era um tranquilizante após um dia de trabalho” (MATTOS, 2002, p. 104).

Em 1984, o *JN* boicotou o início da campanha das diretas, que visava pôr fim a ditadura. Outra ostensiva tomada de posição ocorreu na célebre edição do debate presidencial de 1989, quando houve um tratamento claramente favorável ao candidato Fernando Collor de Melo.

4. Teledramaturgia

No Brasil, a teledramaturgia inclui telenovelas, minisséries e telepeças. Essa última modalidade é hoje bastante rara e o que se faz ainda com alguma frequência são dramatizações de casos policiais célebres. Em razão de sua importância merece especial atenção a telenovela.

O termo telenovela permite alguma confusão. Ao contrário do conceito novela no plano literário não se trata de narrativa curta. O equívoco vem da palavra novela que em espanhol é sinônimo de romance e sabe-se que os primeiros espetáculos, ainda no rádio, eram adaptações de roteiros oriundos de países de língua espanhola. A narrativa longa aproxima a telenovela do romance, mais exatamente do romance-folhetim e do melodrama. Do folhetim ela adota a narrativa em capítulos e o hibridismo, com a presença das diferentes classes sociais e mudanças sociais impressionantes. A ênfase na divisão absoluta entre o Bem e o Mal é oriunda do melodrama⁸, onde as relações humanas são simplificadas ao extremo.

A telenovela é narrativa parcelada com universo pluriforme, onde se desenvolvem simultaneamente vários *plots* ou tramas, formando o *multiplot*. O *plot* principal será aquele que, num dado momento, se mostrar o favorito do público. Os *plots* mais usuais são os do amor, do sucesso, da cinderela, do triângulo amoroso, da volta, da vingança, da conversão; do sacrifício e da família.

A narrativa na telenovela tem duas características básicas: o culto à peripécia, onde os fatos não *ocorrem, acontecem*, isto é, estão prenhes de consequências, e a *sucessividade*, que implica na manipulação do suspense, necessário para a duração da série, para tal é necessário destacar o campo da emoção, afastando-se de âncoras como o tempo histórico no qual a narração se dá e onde vive o telespectador” (CAMPDELLI, 1985, pp. 20-23).

Os *plots* também podem ser vistos como mitos, como indica claramente o *plot* Cinderela; o *plot* sacrifício está diretamente associado aos mitos dos suplícios (Prometeu, Tântalo e Sísifo). Para Artur da Távola, as limitações do incurso ideológico abrem possibilidades para a emergência do conflito mitológico (TÁVOLA, 1996, pp. 28-29), que pode ser livremente abordado.

A telenovela surge no ano seguinte ao da televisão no Brasil e recebe grande estímulo com o uso do videoteipe, no início da década de 60. As primeiras telenovelas eram apresentadas ao vivo, em dois capítulos semanais. *Sua vida me pertence* inaugurou o ciclo em 1951. Em 1963, a apresentação em capítulos diários tem início

⁸ Folhetim é narrativa longa parcelada, desenvolvida segundo trançamentos dramáticos, apresentados gradualmente. Originalmente os folhetins eram publicados nos rodapés dos jornais. O melodrama é originário do teatro e o nome deve-se ao fato dos atores representarem cantando. Surgiu no século XVI em Florença e evoluiu até chegar ao cinema, ao radioteatro e às telenovelas.

com o drama *2.5499 Ocupado*. No entanto, o gênero só se consolida em 1965, com o sucesso de *O direito de nascer*, na sua primeira versão com Amilton Fernandes, Guy Loup e Nathalia Timberg.

A fase de amadurecimento do gênero pode ser caracterizada com o lançamento de *Beto Rockefeller*, de Bráulio Pedroso em 1968 e *Roque Santeiro*, de Dias Gomes e Aguinaldo Silva, em 1985. Bons atores, autores teatrais qualificados e diretores formados pela própria televisão asseguraram um padrão artístico que se conjugou com os padrões mercadológico e produtivo.

A teledramaturgia televisiva no Brasil é quase exclusivamente a telenovela. O gênero tem importância fundamental, tanto no envolvimento do público como na sustentação do negócio televisivo, sendo às vezes responsável por lucros 25 vezes o valor do investimento.

A telenovela se insere na larga tradição do melodrama tão enraizada no modo de ser dos povos da América Latina e alcança no seu período áureo um grau de criatividade e padrão de produção bastante elevados. A exportação do produto para diversos países confirma esse amadurecimento. Desde algum tempo, o modelo tem dado sinais de crise, mas o que temos pela frente é um quadro bastante incerto – e a sua solução certamente está ligada a possibilidade de camadas amplas da população se manifestarem de forma ativa sobre os rumos da produção da arte e da cultura.

Considerações finais

No caso da telenovela a estética da superficialidade não impede que desenvolva importante função de mobilização emocional: as cargas emocionais impedidas de ter seu curso no dia-a-dia de um trabalho cada vez mais desumanizado são exercitadas ainda que de modo indireto e projetivo (TÁVOLA, 1996, p. 114).

Como principal produto televisivo, a telenovela tem com a publicidade compromissos muito estreitos, no entanto, ao trabalhar com tramas e mitos, que lhe oferecem maior liberdade que o tratamento da notícia permite, especialmente no período de 1970 a meados da década de 1980, tem sido um produto de grande influência na programação social dos comportamentos naquilo que é lhe é específico: a mobilização emocional.

Quanto ao telejornalismo, se no tratamento das notícias a ideologia estaria desacompanhada do mito e da trama, o que faz sua mensagem parecer neutra? Ou essa busca por neutralidade encontra cada vez mais obstáculos na medida em que se intensifica a crise de transição do capitalismo?

No telejornalismo, como vimos a criação de uma telerrealidade cria tensões que a tentativa de não incorporar o início da campanha das diretas ao noticiário da maior rede de televisão é um exemplo, permitindo afirmar que ali o confronto entre realidade e telerrealidade se tornou visível.

Tais observações preliminares indicariam que a telenovela estaria cumprindo uma função integradora e o telejornalismo fonte de mal-estar? Estaria deixando de ser a “ilha de tranquilidade” e revelando posições de classe mais explícitas, como tem sido notado na cobertura das eleições presidenciais e outros fatos políticos recentes?

Observa-se com facilidade mudanças de hábito dos telespectadores frente à mídia televisiva e dos produtos-programas veiculados, mas não sabemos a direção destas tendências, historicamente não foram no sentido de afirmar ações e princípios que possam assegurar o controle democrático sobre tais produções, o que faz com que

pesquisas procurem identificar as contradições capazes de compreender os novos rumos da produção de telejornais e telenovelas.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BEVILAQUA, Aluisio. *A Crise do Capital em Marx e suas Implicações nos Paradigmas da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Inverta/Edições UFC, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ensaio racionalistas*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- CAMPDELLI, Samira Youssef. *A telenovela*. São Paulo, Ática, 1985 (Coleção Princípios).
- COELHO NETTO, José Teixeira Coelho. *O que é indústria cultural*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção Primeiros Passos).
- COMPARATO, Doc. *Roteiro. Arte e técnica de escrever para cinema e televisão*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1983.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 5ª ed. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, 1998.
- FERNANDES, Ismael. *Memória da telenovela brasileira*. São Paulo: Proposta Editorial, 1982.
- FISHER, Rosa Maria B. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.
- GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. Trad. Danilo Morales e Riccarda Ungar. São Paulo, Summus: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- GIANNOTTI, Vito. *Comunicação dos trabalhadores e hegemonia*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2014.
- HOINEFF, Nelson. *A nova televisão; desmassificação e o impasse das grandes redes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KEHL, Maria Rita. Imaginar e pensar. In NOVAES, Adauto (org.). *Rede imaginária: televisão e democracia*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 2001, pp.60-72.
- LEAL FILHO, Laurindo. *Atrás das câmeras; relações entre cultura, Estado e televisão*. São Paulo, Summus Editorial, 1988.
- MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- REY, Marcos. *O roteirista profissional: televisão e cinema*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- TÁVOLA, Artur. *A telenovela brasileira. História, análise e conteúdo*. São Paulo: Globo, 1996.
- TILBURG, João Luís van. *A televisão e o mundo do trabalho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- SABOGA, Herio e FONTES, Virgínia. Escola, televisão e cidadania. *À margem*, Rio de Janeiro, (4): 40-50, 1994.

SARTORI, Carlo. O olho universal. In GIOVANINI, Giovani (org.). *Evolução na comunicação; do sílex ao silício*. Trad. Wilma Freitas e Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, pp. 249-280.

SOIFER, Raquel. *A criança e a TV: uma visão psicanalítica*. Trad. Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Recebido em dezembro de 2014 e aprovado para publicação em janeiro de 2015.



Lotman, "Argo" e "Ghost Army": Guerra e Cinema Através do Conceito de Semiosfera

Wilson Roberto Vieira Ferreira

Wilson Roberto Vieira Ferreira – professor em Estudos da Semiótica e Linguagem Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi/SP. Jornalista e editor do blog "Cinema Secreto: Cinegnose". Pesquisador e autor dos livros "O Caos Semiótico" e "Cinegnose" pela Editora Livrus e coautor do "Dicionário da Comunicação" organizado por Ciro Marcondes Filho pela editora Paulus.

Resumo

Em espaços culturais atuais marcados por características como auto-referência, metalinguagem, recursividade e ressonância, torna-se urgente a compreensão do conceito de semiosfera tal como concebido por Yuri Lotman. O conceito pode ser útil na compreensão de um fenômeno verificado tanto nos sistemas culturais como o cinema e TV como nos sistemas "duros" como o político e o econômico: pela qualidade isomórfica que os equipararia seriam capazes de se inter-relacionar em atos de semioses. O artigo vai analisar dois exemplos onde procuraremos demonstrar as interações entre esses sistemas semióticos: o caso "Argo" que envolveu inter-relações entre o sistema semiótico cinematográfico e o complexo militar-diplomático norte-americano tanto na década de 1970 quanto na atualidade com a produção do filme "Argo"; e o segundo, a estratégia militar norte-americana conhecida como "Ghost Army" envolvendo mais uma vez a troca de informações entre os mesmos sistemas semióticos.

Palavras-chave: Cinema, Semiótica da Cultura, Lotman, McLuhan

Abstract

In current cultural spaces marked by characteristics such as self-reference, metalanguage, recursion and resonance, it is urgent to understand the concept of Semiosphere as conceived by Yuri Lotman. The concept can be useful in understanding a phenomenon observed in both cultural systems such as cinema and TV systems as "hard" as the political and economic: the quality isomorphic equate that would be able to inter-relate in acts of semiosis. The article will examine two examples which try to show the interactions between these semiotic systems: the case of "Argo" which involved inter-relationships between the semiotic system cinematic and military-diplomatic U.S. both in the 1970s as today with the production the film "Argo" and the second, the U.S. military strategy known as "Ghost Army" once again involving the exchange of information between the same semiotic systems.

Keywords: Cinema, Semiotics of Culture, Lotman, McLuhan

Resumen

En espacios culturales actuales marcados por características tales como la auto-referencia, meta, la recursividad y la resonancia, es imprescindible para entender el concepto de semiosfera como fue concebido por Yuri Lotman. El concepto puede ser útil en la comprensión de un fenómeno que está presente tanto en los sistemas culturales, como el cine y la televisión como los sistemas “duros” como político y económico: la calidad isomorfo que equivale sería capaz de interrelacionar en actos de semiosis. El artículo examina dos ejemplos en los que vamos a tratar de demostrar las interacciones entre estos sistemas semióticos: el caso “Argo” que implica interrelaciones entre el sistema semiótico película y el complejo militar-diplomática de Estados Unidos, tanto en 1970 como hoy con el la producción de la película “Argo”; y en segundo lugar, la estrategia militar de Estados Unidos conocido como “Ghost Army” de nuevo para el intercambio de información entre ellos sistemas semióticos.

Palabras llave: Cinema, Semiótica de la Cultura, Lotman, McLuhan

Introdução

O ator Jack Nicholson surpresa olha para trás onde está suspenso um enorme telão, no fundo do palco da 85^o cerimônia do Oscar 2013 em Hollywood. Nele aparece a imagem de Michelle Obama em um *link* ao vivo direto da Casa Branca. Ela tem em suas mãos o envelope com o vencedor da categoria Melhor Filme, abre o envelope e anuncia: “E agora o momento que todos aguardavam... e o Oscar vai para ‘Argo’”. A presença da imagem da primeira dama da maior potência bélico-militar do planeta no principal evento da indústria cinematográfica transmitido ao vivo para todo o mundo foi um acontecimento rico em significados – ainda mais quando Michelle Obama anunciou como vencedor o filme cujo tema foi uma bem sucedida ação da inteligência dos EUA durante a crise diplomática dos reféns norte-americanos no Irã em 1979, em uma operação de resgate que envolvia a criação de uma falsa produção cinematográfica que supostamente seria rodado naquele país.

Certamente, essa simbólica presença da Sra. Obama na cerimônia do Oscar representou o auge das intrincadas conexões entre o sistema audiovisual hollywoodiano com o complexo militar-diplomático norte-americano, uma história que inicia com a obscura estratégia militar colocada em prática na Segunda Guerra Mundial conhecida como “Ghost Army” – unidade tática de camuflagem do exército dos EUA cuja principal tática consistia em utilizar recursos cênico-teatrais e efeitos especiais cinematográficos com o objetivo de confundir o inimigo.

Estamos acostumados a pensar o cinema hollywoodiano como instrumento ideológico do complexo militar-diplomático dos EUA. Exemplos não faltam das evidências disso: desde os filmes patrióticos como aqueles que promoviam dos novos heróis pós-depressão econômica de um país revitalizado pela vitória na Segunda Guerra Mundial passando pela chamada “política de Boa Vizinhança” com personagens fílmicos como Carmem Miranda e Zé Carioca para agradar e cooptar os países da América do Sul na época da Guerra Fria e a ameaça comunista; até chegar aos filmes e minisséries dos anos 1960-70 que tornaram o *american way of life* desejável para todo planeta e os filmes de ação com personagens como Rambo ou Braddock,



Revolução iraniana, 1979.

na era do governo norte-americano de Ronald Reagan, produzidos para melhorar a autoimagem militar de um país derrotado no Vietnã.

Nesses exemplos temos a clássica situação submissão da produção cinematográfica às estratégias de dissimulação dos interesses do Estado. O cinema como veículo de propaganda política.

Mas ao longo da história das conexões entre Cinema e Estado também podemos encontrar uma situação inversa onde o complexo militar-diplomático se submete à lógica do sistema cinematográfico, procurando imitá-la através do artifício da *simulação*, como veremos adiante na análise do caso “Ghost Army”.

Essas complexas inter-relações entre o campo bélico e cinematográfico seriam possíveis por ocorrerem nos espaços culturais atuais marcados por fenômenos estéticos e linguísticos como auto-referência e metalinguagem (como veremos na representação cinematográfica feita pelo filme *Argo* dos incidentes no Irã); e recursividade e ressonância (como veremos no caso “Ghost Army”).

Por esse motivo torna-se urgente a compreensão do conceito de *semiosfera* tal como foi concebido pelo semioticista russo Yuri Lotman. Esse conceito pode ser uma ferramenta importante nas investigações atuais sobre como diferentes sistemas semióticos de natureza aparentemente tão diversa (audiovisuais, políticos, midiáticos, econômicos etc.) podem estabelecer encontros culturais que muitas vezes redirecionam o campo de forças em todos os níveis da conjuntura social. Encontros que produzem explosões, movimentos dialógicos e sistemas de signos novos.

O conceito de *semiosfera* pode ser útil na compreensão desse fenômeno verificado nos sistemas semióticos desde o pós-guerra, sejam nos sistemas culturais como o cinema e TV ou nos sistemas “duros” como o político e o econômico. Apesar de serem subsistemas sociais de naturezas diversas, porém imersos e integrados ao mundo

extra-semiótico (a semiosfera), estariam progressivamente se tornando isomórficos, permitindo a translação de informação e o desencadeamento de processos dinâmicos de semiose. Segue-se que eles se tornam sistemas autopoieticos e, por isso, capazes de transcodificar a realidade exterior proporcionando a manutenção do equilíbrio (homeostase) do seu próprio sistema. Por isso, seriam capazes de se inter-relacionar com outros sistemas autopoieticos, produzindo no ato de semiose um terceiro elemento em um nível mais elevado do sistema.

Assim como o geoquímico Vernadsky pensava o conceito de biosfera como a esfera da vida no planeta, da mesma forma Lotman queria pensar a cultura com o mesmo dinamismo dos sistemas ecológicos – vida gerando vida; assim como a cultura produz cultura através de modelizações, codificações e recodificações garantidas pela interação entre a diversidade dos sistemas semióticos no interior da semiosfera.

Através de um conceito tão amplo, Lotman procurava compreender como sistemas de signos tão diversos podem se inter-relacionar em um mesmo espaço cultural, estabelecendo-se entre si trocas de informações e a consequente produção de novos signos. Isso é fácil de compreender em situações onde se verificam o encontro de culturas e línguas como, por exemplo, no multiculturalismo; ou no encontro dos diferentes sistemas de comunicação através das diferentes mídias e redes. Ou ainda nas interações entre sistemas artísticos e comerciais de produção cultural.

Porém, o desafio aqui seria entender as inter-relações informacionais, estéticas e linguísticas entre subsistemas tão diferentes como o bélico-militar, o audiovisual, o econômico, o tecnocientífico etc.

Quando lidamos com um conceito tão amplo e abstrato como o de semiosfera, temos que evitar um erro frequente que é cometido na sua compreensão e aplicação. Por ser um conceito sedutor pela sua natureza abrangente e orgânica, ele começa a ser aplicado de forma generalizada como fosse aplicável a um sistema semiótico restrito a um espaço cultural: a “semiosfera da publicidade”, a “semiosfera do jornalismo”, a “semiosfera da Internet” e assim por diante. Dessa maneira a cultura seria composta por diversas semiosferas. Essa compreensão restrita esquece o que talvez seja a contribuição mais importante do conceito de Lotman: o estudo sobre o que ele denominava como “mundo extra-semiótico”, isto é, o “texto unitário” que descreveria o próprio conceito de semiosfera como um meio ambiente que conteria todos os subsistemas semióticos, permitindo uma inteligibilidade que possibilitaria a troca mútua de informações entre campos de natureza aparentemente tão distinta.

Dessa maneira, ironicamente o conceito de semiosfera cai vítima do próprio paradigma que ele tentava superar: o modelo atomístico onde o signo é isolado para depois ser analisado em uma cadeia causal. Se cada sistema cultural fosse uma “semiosfera”, perderíamos de vista não apenas o dinamismo do “texto unitário” como, e mais importante, a capacidade dos subsistemas criarem processos de semiose em inter-relações que criam signos novos, instabilidades e alterações no campo de forças sociais.

Portanto, o presente trabalho vai analisar dois conjuntos de exemplos onde procuraremos demonstrar as múltiplas correspondências entre sistemas semióticos que não podem ser analisados mais por um modelo de cadeias causais, mas por inter-relações mediadas pelo “texto unitário” da semiosfera: o primeiro, o caso *Argo* que envolveu inter-relações entre o sistema semiótico audiovisual hollywoodiano e o sistema do complexo militar-diplomático norte-americano tanto no passado (na década de 1970) quanto na atualidade com a produção do filme *Argo*; e o segundo, a estratégia militar

norte-americana colocada em prática na Segunda Guerra Mundial conhecida como “Ghost Army” envolvendo mais uma vez a troca de informações entre os mesmos sistemas semióticos.

Semiosfera: o desenvolvimento de um conceito

Para Lotman, a semiótica está fundamentada em duas tradições científicas. De um lado Peirce e Morris com a compreensão do signo como o primeiro elemento de todo e qualquer sistema semiótico. E do outro as teses de Saussure e a Escola de Praga cujo centro está localizado na antinomia entre a linguagem e a fala. Para além das diferenças entre essas vertentes, Lotman aponta para um ponto comum que as une: são baseadas em um modelo atômico simplificado. O signo isolado é analisado e todos os fenômenos subsequentes nada mais seriam do que uma sucessão de signos. Em decorrência, deveríamos considerar o simples ato comunicativo – como, por exemplo, emissor-receptor – como o primeiro modelo a ser pensado dentro de um sistema semiótico.

Tal enfoque adere a uma conveniência analítica cujo movimento vai do simples ao complexo. E o complexo poderia ser descrito apenas como uma totalidade resultante da soma das partes. Mas para Lotman, a emergência de novos enfoques na semiótica nas últimas décadas (ele afirmava isso nos anos 1980) permitiria afirmar que o funcionamento dos sistemas não existe em isolamento: seu funcionamento só pode existir imerso em um específico contínuo semiótico, o qual seria constituído por uma multivariante de modelos semióticos estruturados em níveis hierárquicos.

A esse contínuo Lotman deu o nome de *semiosfera* em analogia ao conceito de *biosfera* introduzido por V. I. Vernadsky (VERNADSKY, 1998). Assim como a biosfera é um mecanismo de transformação da energia recebida do Sol em uma energia bioquímica para a Terra (o que revelaria o primado dessa função cósmica sobre o organismo individual), da mesma maneira na semiosfera as fronteiras dos diversos subsistemas que a compõem filtram os “textos extra-semióticos” ou “não textos” (estímulos, informações, extra-códigos etc.) para serem codificados em linguagem binária. Em outras palavras, dados ou informações externas são “semiotizados”, isto é, decodificados, recodificados para posterior nova codificação.

Se visto do lado de fora o sistema parece trabalhar com unidades individuais, na verdade a semiosfera seria esse contínuo de autogeração de sentido a partir da semiose, multiplicidade e heterogeneidade de linguagens e códigos. Um campo unificado onde o todo não é a soma das partes.

Para Lotman o principal elemento da semiosfera é a “fronteira”, a camada limítrofe da semiosfera que funcionaria como um órgão sensorial de recepção ou uma unidade de translação através da qual são transferidos os estímulos externos para o interior da linguagem. Se a biosfera faz a mediação entre o orgânico e o não orgânico, a semiosfera faria essa mediação entre natureza e cultura, de tal maneira que a “realidade” torna-se semiotizável, isto é, capaz de se tornar o conteúdo de um texto semiótico.

Lotman exemplifica esse filtro da fronteira da semiosfera mostrando como o corpo é semiotizado e imerso no interior de um texto. A simetria corporal torna-se a base antropológica da sua própria significação pelo sistema semiótico: as oposições direito/esquerda, em cima/em baixo, alto/baixo, vivo/morto etc. Na verdade, a própria instância da fronteira definirá as diversas binariedades que marcarão as relações e os

diálogos linguísticos dentro da semiosfera: interno/externo, centro/periferia, organização interna/organização externa.

Ao mesmo tempo a semiosfera não apenas seria capaz de criar a organização interna, mas como também a própria desorganização externa. A cultura criaria constantemente seu “Outro” externo, desorganizado e ameaçador: “bárbaros”, “pagãos”, discursos sobre “inconsciente” ou “loucura”. Porém, essas fronteiras de contato com os “Outros” criariam historicamente uma cultura bilingual, assegurando contatos semióticos entre dois mundos, zonas de múltiplas significações culturais – cidades, rotas de comércio, tribos de nômades etc.

Ao contrário do que se poderia pressupor de que essas fronteiras filtrariam as informações externas produzindo homogeneidade interna, Lotman descreve exatamente ao contrário: o espaço semiótico como um todo é estruturalmente heterogêneo com diferentes velocidades, lugares e fronteiras internas. Temos diferentes espaços de linguagens, cada qual criando suas próprias fronteiras que entrarão em diálogo com outras estruturas mental-ideológicas. Teríamos aqui o fenômeno da modelização das linguagens onde cada espaço semiótico teria no seu interior um *bult-in mechanism* (processo modelizante). Sistemas semióticos decodificam e recodificam códigos anteriores provenientes de outros sistemas, criando uma multiplicidade de linguagens artísticas, tecnológicas etc.

Lotman dá o exemplo do cinema:

“Testemunhamos constantemente um crescimento quantitativo em linguagens artísticas. É assim na cultura do século XX e em outras culturas passadas tipologicamente semelhantes a ela. Nos primeiros anos desse século o cinema deixou de ser um local de diversão e se tornou uma forma de arte séria. Ele não fez isso sozinho, mas precedido de tradicionais e recentes peep-shows. Voltando ao século XIX, ninguém poderia seriamente considerar que o circo, peep-shows, brinquedos tradicionais, comerciais ou o grito dos vendedores ambulantes como formas artísticas. Quando se tornou arte, cinematograficamente de uma vez só se dividiu em filmes documentários e de entretenimento, filmes com câmera e animações, cada qual com a sua poética. E nos dias atuais temos nova oposição que é a existente entre Cinema e TV. Assim, não devemos nos surpreender com o fato de que a diversidade semiótica dos sistemas ser constante. Mas outra coisa é importante: o conjunto das linguagens em um campo de atividades culturais está em constante mudança e o valor axiológico e a posição hierárquica dos elementos são objetos de grandes mudanças” (LOTMAN, 1990, p.124).

O que torna a semiosfera um sistema onde todos os subsistemas semióticos estão imersos é esse duplo caráter de homogeneidade e heterogeneidade, regularidade e irregularidade. De um lado temos o jogo de estruturas e subestruturas, contínuas invasões semióticas de um território em outro dando a oportunidade do surgimento de significações que geram novas informações. E do outro, o atributo isonômico de todos os sistemas que permite esse jogo: o seu *bult-in*, ou seja, a natureza modelizante e metalinguística, o que torna a semiosfera culturalmente autogeradora. Assim como no conceito de “biosfera” de Vernadski onde temos um sistema biológico autorreferente em que vida desenvolve vida.

“Argo” e “Ghost Army”

Para tentar ilustrar e compreender essa dinâmica de invasões semióticas, diálogos e conflitos que fazem a heterogeneidade dos diversos espaços semióticos na semiosfera, este artigo vai explorar dois conjuntos de exemplos, onde procuraremos demonstrar as múltiplas correspondências entre sistemas semióticos.

No primeiro conjunto temos o caso “Argo” que envolve, de um lado, o sistema semiótico audiovisual do cinema hollywoodiano e, do outro, o sistema semiótico do complexo militar-diplomático norte-americano. No primeiro sistema temos a fronteira bilíngue entre o “real” externo ao sistema que é traduzido através de efeitos de realidade na narrativa clássica hollywoodiana (edição e montagem simulando a continuidade do olhar humano). Esse conjunto composto de signos indiciais tenta recriar a realidade dentro do espaço semiótico fílmico para depois ser “gramaticizado” através das convenções cinematográficas de gênero, de linguagem de câmera e de todas as convenções da linguagem fílmica, determinados pelas exigências de uma produção industrial.

Já no segundo sistema, temos a fronteira de um sistema que produz o seu caos externo (o “inimigo”, o “Outro” e o “eixo do mal”, tudo dependendo da retórica do governo que estiver no poder) para poder ser organizado a partir da binariedade do código que cria uma topologia do sistema semiótico: interno (união e defesa) /externo (caos e ameaça), centro (poder) /periferia (objeto do poder), etc.

No segundo conjunto temos o caso de uma estratégia de ação militar norte-americana ocorrido na Segunda Guerra Mundial conhecido como “Ghost Army” envolvendo novamente os dois sistemas descritos acima, somente que dessa vez com outra natureza de troca de informações.

O caso “Argo”: metalinguagem e auto-referência

Historicamente o caso “Argo” foi sobre uma crise diplomática envolvendo os EUA e o Irã em 1979 onde 52 norte-americanos foram mantidos reféns após um grupo de militantes islâmicos invadirem a embaixada americana em Teerã. No meio dessa crise, um grupo de seis funcionários consegue fugir da embaixada e se esconde na casa do embaixador canadense. Como retirá-los em meio à crise da Revolução Iraniana e ameaçados de execução pública se fossem localizados pelas milícias revolucionárias? A CIA cria um ardiloso plano: a criação de um falso filme (uma ficção científica chamada “Argo”) a partir de uma produtora *fake* criada pela CIA em Hollywood dirigida por veteranos produtores do meio cinematográfico que aceitaram participar da simulação. Como equipes de produção cinematográfica viajam pelo mundo em busca de locações, o grupo de diplomatas foragidos simularia ser técnicos da equipe de filmagem, conseguindo dessa forma sair do país.

Para Lotman a primeira condição para a semiosfera manter sua integridade é a sua diversidade interna por meio de repetidos movimentos de transversalidade entre as fronteiras internas dos sistemas. Isso seria possível através da existência de um “isomorfismo vertical” que permitiria a translação de informação por diferentes sistemas: a *dissimulação* é a dominante do sistema semiótico militar-diplomático. Porém temos aqui uma referência à *simulação*, característica dominante da sintaxe



Pintura do soldado Arthur Shilstone. <http://operamundi.uol.com.br>

do sistema cinematográfico. Se historicamente o sistema cinematográfico esteve em uma posição hierárquica inferior ao sistema militar-diplomático (Hollywood como instrumento de propaganda ideológica externa dos EUA), nesse caso temos uma inversão. O que permitiria essa semiose entre esses sistemas diferentes é uma qualidade isomórfica – ambos lidam com aparências e imagens, o primeiro ocultando existência de realidades e o segundo simulando a existência.

Temos uma decodificação pela CIA de todo o código cinematográfico (fases da produção de um filme, elaboração de roteiros, *storyboard* etc.) para uma posterior recodificação a partir dos estereótipos que os iranianos teriam sobre um filme norte-americano para dar verossimilhança à estratégia de simulação. Temos aqui uma metalinguagem sobre o próprio sistema cinematográfico.

No ano passado o próprio sistema cinematográfico vai construir uma narrativa fílmica dessa metalinguagem feita dela mesma pelo sistema militar-diplomático em 1979: o filme “Argo” (2012), premiado com o Oscar de melhor filme esse ano. Temos novamente um movimento de decodificação e recodificação, um movimento de retorno onde o sistema cinematográfico fará uma recodificação de outra recodificação feita dela mesma por outro sistema.

Lotman afirma que esse “isomorfismo vertical” amplifica as formas de troca de informações entre sistemas, “da mesma forma que um objeto, refletido em um espelho, gera centenas de reflexos em seus fragmentos que são introduzidos no interior de uma estrutura semiótica integral. O sistema facilita a conversão de um texto em uma avalanche de textos” (LOTMAN, 2005, p. 215).

Pois o filme “Argo” curiosamente fará, nessa recodificação de outra recodificação, uma auto-referência ao próprio sistema cinematográfico em uma passagem da narrativa bem significativa. Isso é ironicamente demonstrado no filme quando o agente Tony Mendez (Ben Affleck), travestido de produtor canadense com *storyboards* e o roteiro do filme “Argo” debaixo do braço, se apresenta a um funcionário do Ministério da Cultura iraniano e explica a necessidade de busca por locações históricas para rodar o filme: “lugares históricos, entendo! O oriente exótico... cobras encantadas, tapetes voadores... a função do nosso escritório é a purificação, mas também a promoção da arte. Vou levar isso ao ministro”.

Nessa passagem a narrativa remete à sua própria gramática fílmica que transcodifica a realidade exterior ao sistema semiótico cinematográfico norte-americano (características culturais, étnicas e sociais de outros países) em um sistema indexical que estereotipa e transforma em clichês de rápida identificação, cujas origens estão no *Studio System* da primeira fase industrial hollywoodiana onde mundos exóticos eram representados cenograficamente em gigantescos estúdios.

“Ghost Army”: simulação como texto unitário

Lotman argumenta que o diálogo entre as diversas fronteiras dos sistemas semióticos na semiosfera somente é possível sob uma condição: a existência de um “texto unitário” através do qual um texto separado tenha a potencialidade de ser traduzido por outro sistema, isto é, conservar dentro de si um elemento de transferência para outra linguagem.

A troca de informações entre os sistemas semióticos cinematográfico e militar-diplomático somente é possível pela existência de um texto único que parece unificar a semiosfera da cultura norte-americana: a categoria de simulação.

O caso histórico do “Ghost Army” parece ilustrar bem isso. Algumas semanas após o “Dia D”, uma unidade do exército norte-americano com pouco mais de mil homens desembarcou na França para pôr em movimento um verdadeiro *road show* em plena Segunda Guerra mundial usando tanques e caminhões infláveis, amplificadores com sons pré-gravados de movimentação de tropas e caminhões e diversas ações cênico-teatrais, incluindo efeitos especiais cenográficos. Munidos de compressores de ar e alguns soldados-atores eram capazes de criar em uma hora falsos comboios militares que aparentavam ter 30.000 homens. O objetivo era criar impacto psicológico nas tropas nazistas como apresenta o documentário *The Ghost Army*, dirigido por Rick Beyer.

Essa unidade de táticas de camuflagem do Exército norte-americano ficou conhecida como “Ghost Army” – oficialmente “23rd Headquarters Special Troops”.

Se os nazistas apresentaram a novidade da chamada “guerra total” (moderno conceito de conflito de alcance ilimitado com mobilização total tanto de civis como militares), os norte-americanos impuseram a novidade da estratégia da simulação.

Mais uma vez temos aqui a transposição do código do *Studio System* hollywoodiano no sistema militar-diplomático. Toda a indexicalidade explorada pelo “Ghost Army” fez uma curiosa metalinguagem dos índices que compõem o efeito de realidade e verossimilhança da cenografia e efeitos especiais cinematográficos.

Mas por que essa categoria de simulação foi recodificada no interior de um sistema aparentemente tão distante como o militar-diplomático? Para McLuhan (1999) a eletricidade é a informação no seu estado puro que trouxe uma mensagem totalmente radical, difusa e descentralizada eliminando os fatores de tempo e espaço da associação humana. Assim como fizeram mídias como o telégrafo, rádio, telefone e televisão:

“A luz elétrica é informação pura. É algo assim como um meio sem mensagem (...) Pouca diferença faz que seja usada para uma intervenção cirúrgica no cérebro ou para uma partida noturna de beisebol. (...) esse fato serve apenas para destacar o ponto de que ‘o meio é a mensagem’, porque é o meio que configura e controla a proporção e as formas de associação humanas. (...) A mensagem da luz elétrica é como a mensagem da energia elétrica na indústria: totalmente

radical, difusa e descentralizada. Embora desligadas de seus usos, tanto a luz quanto a energia elétrica eliminam os fatores de tempo e espaço da associação humana, exatamente como fazem o rádio, o telégrafo, o telefone e a televisão, criando participação em profundidade". (MCLUHAN, 1999, p. 22-23).

Principalmente essa última mídia citada por McLuhan, a televisão, onde a imagem formada a partir de raios catódicos que bombardeiam *pixels* cria uma imagem mais real que a própria realidade, mais limpa, vívida e brilhante: a simulação.

Esse processo modelizante cria uma operação cognitiva, o “diagrama de relações”: a simulação como “estesia”, isto é, uma dimensão sensível e sensorial dos objetos da percepção e da cognição. Autores distantes dessa discussão sobre semiótica da cultura como o crítico da cultura Neal Gabler (1999) ou o historiador Daniel Boorstin (1992) reconhecem que a categoria da simulação tornou-se uma categoria dominante em diferentes fenômenos sociais.

Diferentes sistemas semióticos como a Economia (a perda do lastro semiótico do valor com a financeirização), a Política (a crise da representação com a dominância da sintaxe midiática) e o Técnico-científico (a crise de representação com os sistemas recursivos e autorreferenciais das tecnologias computacionais, de informação e das ciências cognitivas) passam a ter a simulação como uma “moeda”¹ ou “texto unitário” para as trocas de informações.

Do crescimento de Hollywood como indústria cinematográfica no início do século, passando pelo crescimento de Las Vegas e toda a indústria de jogo e entretenimento nas décadas de 1930-40, a categoria de simulação se interpõe como metáfora, alegoria ou a própria “imagicidade” que dá sentido ou inteligibilidade ao extra-semiótico da semiosfera da cultura norte-americana.

Por isso é sintomática a estratégia do “Ghost Army” como arma de simulação. Enquanto os nazis davam sentido à realidade através da categoria de *guerra total* (talvez a *gestalt* de uma cultura onde o impresso, o fotográfico e o artístico ainda eram dominantes) os norte-americanos já figuravam uma estratégia militar baseada na simulação, texto unitário de trocas de uma semiosfera cuja ordem sensorial dominante já era marcada pela eletricidade e eletrônica.

Dessa maneira esse processo de semiose entre sistemas aparentemente tão diferentes requer uma condição que Lotman descreve para a criação de novos textos:

“No entanto, a transformação de textos requer fundamentalmente outros mecanismos. Aqui, o mecanismo de isomorfismo é construído numa maneira diferente. Uma vez que, aqui, não temos em mente um simples ato de transferir, mas sim uma troca, entre os participantes. Deve haver não apenas uma relação de semelhança, mas também uma diferença específica. A simples condição para esta forma de semiose poderia ser descrita da seguinte forma: subestruturas participantes do ato de semiose não devem ser isomorfos uns aos outros, mas separadamente isomorfo em relação a um terceiro elemento de operação a um nível mais elevado do sistema. (...) Mas cada um deles, em uma variedade de formas, é isomórfico no extra-semiótico mundo da realidade. Por um lado, isso permite uma troca de comunicação entre esses sistemas e, por outro, um não tão trivial processo de transferência e de comunicação” (LOTMAN, 2005, p. 215).

¹ Aqui poderia ser feita uma interessante analogia entre a noção de “texto unitário” ou “isomorfismo” na semiosfera de Lotman e o conceito de “moeda” da sociologia sistêmica de Talcott Parsons como mecanismo que unificaria as trocas entre os diversos subsistemas da sociedade.

Tanto no caso de “Argo” como no “Ghost Army” sistemas semióticos tão diferentes podem criar processos dinâmicos de semioses, diálogos e trocas de informações porque no mundo extra-semiótico eles estão isomorficamente “verticais”. Isto é, diante da categoria de simulação que dominaria a semiosfera da cultura norte-americana, todos esses sistemas tão diversos (sejam eles o Político, Cinematográfico, Militar-diplomático, Econômico etc.) são isomórficos em uma dada realidade e em determinado momento.

Considerações finais

A partir da aplicação do conceito de semiosfera nesses dois casos podemos traçar algumas considerações:

(a) O conceito de semiosfera jamais poder ser pensado como um sistema semiótico isolado e a cultura como um conjunto de sistemas semióticos ou esferas hierarquizadas. Partindo da analogia com a biosfera, se as informações que circulam no cosmos podem ser codificadas como signos, a oposição entre natureza e cultura perde o rigor: “a nossa natureza é cultura” ou, em outras palavras, a cultura é a própria semiosfera onde constantes processos de semiose (codificação e recodificação entre os diversos sistemas que o compõe) produzem signos novos ou nova cultura. Portanto, somente um raciocínio triádico próprio da semiose, e não mais binário, pode dar conta de fenômenos cuja natureza é metalinguística, autorreferencial e recursiva;

(b) Os processos modelizantes tal como descrito por Lotman para designar as operações cognitivas da semiosfera são importantes para compreender esse novo “texto único” que criaria o isomorfismo entre os diversos subsistemas semióticos: a *simulação*. Cinema e complexo militar-diplomático começam a dialogar não somente por aspectos “hipodérmicos” como propaganda, dissimulação ou necessidade de condicionamento da opinião pública. Para além desse aspecto instrumental, a guerra em si começa a ser encarada como um evento midiático. Como bem colocou certa vez Paul Virilio em seu livro sobre as conexões entre guerra e cinema (VIRILIO, 2005), as operações cognitivas exigidas pelo cinema em muito se assemelhavam às da guerra e, por outro lado, cada vez mais a guerra torna-se telemática e orientada por telas e tecnologias de simulação virtual.

(c) Pensando a semiosfera como o ambiente “extra-semiótico” dentro qual estão todos os subsistemas semióticos, as trocas de informações somente seriam possíveis entre os subsistemas por meio de uma inteligibilidade dada por uma ordem sensorial, uma “imagicidade” que permita uma “tradução” das informações e a recodificação. McLuhan conseguiu compreender esse espaço semiótico (ou em termos de Lotman, a semiosfera) onde ocorriam as interações e evoluções das diversas mídias: a operação cognitiva de ressonância trazida pela eletricidade e eletrônica criou na semiosfera um novo texto unificado. Uma experiência sensorial dominante não mais marcada pelo impresso, o fotográfico e o artístico (cuja gestalt foi tão bem personificada pelo conceito de guerra total pelos nazistas), mas, agora, pela eletricidade feérica dos neons de Las Vegas e as ondas eletromagnéticas do rádio e TV. A simulação como estratégia militar norte-americana, oposta à dissimulação como “imagicidade” da semiosfera europeia, era a prefiguração das atuais tecnologias de simulação virtual presentes simultaneamente em cada ação militar do império bélico norte-americano e em cada postagem em uma rede social.

Referências Bibliográficas

- BOORSTIN, Daniel. *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. Vintage Books, 1992.
- GABLER, Neal. *A Vida, O Filme – Como o entretenimento conquistou a realidade*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LOTMAN, Yuri. *Universe of Mind – A semiotic theory of culture*. Indiana University Press, 1990.
- _____. “On the Semiosphere” In: *Sign Systems Studies*, 33.1, Tartu University Press, 2005.
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, São Paulo: Cultrix, 2011.
- VERNADSKY, Vladimir I. *The Biosphere*. N. York: Copernicus, 1998.
- VIRILIO, Paul. *Guerra e Cinema – logística da percepção*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

Filmografia

- ARGO. Direção: Ben Affleck. Produção: Warner Bros. Pictures (EUA). Intérpretes: Ben Affleck, Brian Cranston, Alan Arkin, John Goodman, Clea DuVall, Victor Garber, Tate Donovan, Kerry Bishé, Scoot McNairy. Roteiro: Chris Terrior. Warner Home Video, 2012. DVD (130 min).
- THE GHOST ARMY. Direção: Rick Beyer. Produção: Plate of Peas Productions (EUA). Intérpretes: Peter Coyote (narração). Roteiro: Rick Beyer. Public Broadcasting Service (PBS), 2013 (68 min).

Recebido em dezembro de 2014 e aprovado para publicação em janeiro de 2015.

Entrevista com o cineasta Silvio Tandler



Silvio Tandler

Silvio Tandler nasceu em 1950 no Rio de Janeiro e já produziu cerca de 40 filmes, entre curtas, médias e longas-metragens. Os documentários *O mundo mágico dos trapalhões* (1 milhão e 800 mil espectadores), *Jango* (1 milhão e 100 mil) e *JK* (800 mil) detêm as maiores bilheterias desse gênero no Brasil.

Em 2005 recebeu o Prêmio Salvador Allende no Festival de Trieste, Itália, pelo conjunto da obra. Participou da entrevista de homenagem do Ceppes ao centenário de Oscar Niemeyer em 2007. Em 2007 recebeu a Medalha Imprescindível concedida pelo jornal INVERTA, no ano seguinte, foi homenageado no X Festival de Cinema Brasileiro em Paris, com uma retrospectiva de seus filmes. Ainda neste ano, foi condecorado com a Medalha Tiradentes, da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, por relevantes serviços prestados à causa pública do Estado.

Em fase de grande produtividade, o documentarista tem lançado obras sempre oportunas e comprometidas em despertar a consciência crítica por meios do audiovisual, como podemos exemplificar com *Utopia e barbárie* (2009), *O veneno está na mesa* (2011) e *Militares da democracia* (2014).

Silvio é também professor e desde 1979 leciona no Departamento de Comunicação Social da PUC/RJ.

Ciência & Luta de Classes - Como se deu sua opção para trabalhar com o cinema?

ST - A minha opção é política. Em 1964, eu era um garoto de Copacabana, classe média, veio o golpe de estado me pega no contrapé; eu sou de uma família liberal de esquerda, meus pais nunca foram militantes de nada, mas sempre votaram à esquerda e eu morava em um ambiente nitidamente udenista, de direita. Então a gente tinha que ficar meio calado na rua, não dar bandeira, porque havia tido o golpe militar, mas a gente lia, estudava, se informava. E aí eu comecei a acompanhar o golpe de 64, primeiro foram presos e caçados os sindicalistas, os estudantes, os parlamentares de esquerda, os militares que apoiavam o governo João Goulart, então todo mundo que tinha uma militância à esquerda foi senso perseguido. Foi fechada a UNE, foram fechados os sindicatos, muitos parlamentares caçados, militares expulsos das Forças Armadas, e aí eu percebi que o único espaço que havia sobrado para as pessoas agirem politicamente, com uma relativa liberdade, era o espaço da imprensa, das artes e da cultura.

Então, a partir de 64, o que é importante no Brasil em termo de militância? Era o Teatro de Opinião, é o Cinema Novo, são as músicas de vanguarda, as músicas que emigram da bossa nova para a música de protesto e os filmes. E então eu começo a entrar nessa maré, eu começo a frequentar esse movimento artístico cultural. Freqüento muito o Teatro Opinião, leio muito a revista *Civilização Brasileira* do Enio da Silveira, ouço as músicas daquela geração que estava começando: Chico Buarque, Edu Lobo, Caetano Veloso, Maria Bethânia. Começo a acompanhar esse movimento e o pessoal do Cinema Novo e a querer fazer coisas iguais as deles.

Tem o festival de cinema do Jornal do Brasil, que era um festival de cinema amador, que pessoas um pouco mais velhas que eu podiam encaminhar filmes e eu digo: é nisso que eu vou, eu também quero fazer isso! Entro para o movimento cineclubista. A minha grande escola de cinema foi o cineclubismo que era onde a gente se encontrava para ver filmes, discutir filmes e autores e também fazer política. E aí eu viro cineclubista, de cineclubista eu viro presidente da Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro em 1968 – que é um ano muito louco na história – e no mesmo ano eu sou pego nessa função de militante político. E a partir daí eu fui em frente. Primeiro fiz um filme – minha primeira tentativa de fazer um filme – foi quando conheci o marinheiro João Cândido e consegui entrevistá-lo, assim meu primeiro filme era sobre ele e a Revolta da Chibata. Como era uma conjuntura de muita repressão, a pessoa que estava guardando os negativos ficou com medo e queimou. Então esse filme ficou só na minha memória. Então a partir desse momento eu resolvi virar cineasta. Acabei abandonando o curso de direito e a barra aqui estava muito pesada, respondi a um processo por um sequestro de avião, do qual eu não participei, não sabia nada, mas se fosse pego eu ia entrar na porrada e morrer como herói; e não ia denunciar ninguém, não por coragem, mas por desconhecimento.

Quando eu consegui sair dessa, eu via meus amigos morrendo por aqui, como canta *Soy loco por ti América*: de tiro, bala ou vício! Quer dizer, ou pessoas estavam na luta armada, morrendo, ou as pessoas estavam sendo assassinadas ou as pessoas estavam se dedicando às drogas e eu não queria viver disso!

Salvador Allende ganha as eleições no Chile e digo: vou pra lá! E fui. Comecei a fazer cinema, virei cinegrafista, participei da Cinefilmes, participei da Editora Nacional Quimantú. Então eu tive uma grande atuação ali, isso em 70, 71. No começo de 72 eu digo: quero continuar estudando cinema, vou pra França. Na França, também não me

matriculei em nenhum grande curso de cinema – o grande curso de cinema na época era o Instituto de Altos Estudos Cinematográficos (IDHEC) ou a Escola Técnica de Fotografia e Cinema de Lumière (Vaugirard), que era mais pra técnicos – eu não entrei em nenhuma das duas, que aceitavam muito poucos alunos e fui trabalhar no cinema com cineastas de esquerda: trabalhei com Chris Marker, trabalhei com Joris Ivens, conheci e estudei com o Jean Rouch e eu fui na prática me tornando cineasta. E como eu precisava de um diploma universitário e precisava estar matriculado em uma escola, para poder ter minha permissão de residência, eu me matriculei no curso de História e aí eu me achei, vi que minha paixão era realmente por história e comecei a fazer história e cinema ao mesmo tempo depois veio o golpe no Chile, eu fiz um filme chamado Espiral, trabalhei no Coletivo e fui aprendendo cinema. Voltei ao Brasil em 76, o que tinha acontecido de mais importante em termos políticos, tinha sido o enterro do JK e aí decidi fazer um filme sobre Juscelino.

C&LC - Você pode falar um pouco sobre sua dissertação de mestrado, na qual você estudou o cineasta holandês Joris Ivens.

ST - Os meus dois gurus são o Joris Ivens e o Chris Marker, de maneiras diferentes. O Joris Ivens era um cara muito doce, muito paternalista, muito afetuoso, me autorizou a ver todos os filmes dele, me ensinava cinema e tinha uma paixão muito grande pelo Terceiro Mundo, então ele me ajudou muito. E o Chris Marker era um cara mais duro, era uma alma muito mais dura, mas também tão generoso quanto o Ivens. Então, com esses dois grandes gurus do cinema eu tive minha aula particular, eu fiz a minha escola com eles e me tornei cineasta graças a eles.

C&LC - Você tem um artigo chamado *Cinema, história e paixão*, onde você fala sobre esses três elementos: cinema, história e memória. Você pode desenvolver melhor essa relação?

ST - Sim. São minhas três grandes paixões! Eu acho que eu adoro cinema, adoro história e sou movido a memória. Mas sou movido a memória não como um refúgio no passado, mas como um refúgio para o futuro. Eu acho que a história serve para me balizar para o futuro, a memória me serve para balizar para o futuro. Eu não fico me alimentando de saudades, eu me alimento de vontades de mudar e transformar a vida. O meu cinema é uma tentativa de participar das lutas políticas por transformação. Isso é o cinema! O conhecimento da história me impulsiona ao futuro e a memória também. Essas são minhas grandes paixões na vida.

C&LC - Hoje há uma questão que tem chamado muito a atenção de quem acompanha essa questão do audiovisual e as novas mídias, é como ela altera o comportamento. O exemplo que eu registrei aqui e o caso recente de uma dona de casa em Santos, criaram um perfil falso na Internet e ela foi linchada brutalmente. Então, você pode iluminar um pouco a nossa cabeça sobre isso, você que tem uma experiência grande de trabalhar com a imagem, de trabalhar com história e cinema, como é que você vê isso?

ST - Na verdade, a grande mídia é voltada para construir esse tipo de eventos. Na verdade, ela vai criando pânicos na população e vai criando bandidos. E você tem hoje a mídia alternativa que pode ser usada de duas formas: de uma forma libertária como fazem grande parte dos usuários que divulgam, quando a grande mídia começa

a esconder as coisas, as pessoas começam a revelar pela internet, que são armas de informação e você tem também os canalhas que fazem esse tipo de coisa, quando promoveram o linchamento de uma mulher. Muitas vezes isso é feito como uma molecagem, uma brincadeira ou outras tantas como um ato perverso mesmo de vingança, com intenção de fazer mal. Mas isso é uma coisa que nós estamos acostumados ver na grande mídia, ela também deforma mais do que informa. Se você quiser informação, e é uma coisa que o Milton Santos me disse, e confesso a vocês que eu duvidei um pouco, mas que ele tinha razão era o seguinte: o povo não acredita na grande mídia, o povo quando quer saber procura a pequena mídia e eu acredito que a internet esta dentro dessa “pequena mídia”. Mas a internet do bem e não a do mal. Esse perfil que se criou dessa mulher foi algo canalha, assassino, mas existe a forma libertária de a utilizar também.

C&LC - Comente a relação dos seus filmes com o público.

ST - Olha, continuo tendo essa relação com o público. Só para vocês terem uma ideia, o que mudou foi o meio de circulação. Quando eu fiz esses filmes, o Brasil tinha 5 mil cinemas, hoje o Brasil tem dois mil oitocentos e poucos, apenas 7% do território nacional são cobertos por cinema, 93% não têm salas de cinema. Desses 7% a imensa maioria está dentro de shoppings. Então quem vai ver um filme político num shopping? Onde se vai comprar uma roupa de marca, comer num *fast food*? Mas do que o filme, hoje no cinema importa mais o refrigerante, a pipoca. Mudou a característica do cinema em uma estratégia perversa, premeditada, eles transformaram o cinema de arte em entretenimento. Os bons filmes a que nós assistimos, como Fellini, Rossellini, Bergman, o cinema italiano ou você vê na televisão ou não vê, porque no cinema você não assiste mais.

Um país que tem 200 milhões de habitantes, que tem um público potencial 4 vezes maior que o da França, fica feliz da vida quando diz que batemos o recorde, quando fazemos 20 milhões de espectadores, ou seja, 10% da população.

Acontece que vocês sabem que a pessoa que vai ao cinema não vai uma vez só, vai mais, duas, três vezes, então esses 10 % da população brasileira que vão ao cinema, na realidade se reduz a 3 ou 4 ou 5% porque o cinema está se esvaziando de povo. Aonde que o povo vê cinema hoje? O povo não tem dinheiro para ir ao shopping porque ir ao shopping significa pegar ônibus, sair de perto de casa, pagar caro no ingresso. Como o povo vê os filmes hoje? Ou é copia pirata mesmo, ou é televisão ou é YouTube. E aí os organismos de Estado, e a maior parte dos filmes brasileiros são feitos com recursos públicos, então esses recursos públicos deveriam contabilizar os espectadores. E eles transformaram os espectadores em consumidores; você hoje não é um cidadão, você é um código de barras. Se você compra um ingresso, tem um código de barras, o teu ingresso é contabilizado. Mas se você foi na laje, assistiu um filme debaixo de chuva, pegando frio, mas que você queria assistir, você não é contabilizado. Então nos estamos vivendo essa realidade. Meus filmes dão muito publico. A tirar por vocês mesmos a quantidade de cópias piratas que vocês têm dos filmes e que vocês passam nas escolas, passam para os estudantes, assistem, co-assistem, compram ou não compram no camelô, veem no YouTube.

Pergunta a essa menina [Nesse momento, Sílvio dirige-se a Beatriz Moraes, estudante de Geografia e admiradora de seus filmes, integrante da equipe de *Ciência*

[e *Luta de Classes*], quantos filmes ela já viu no YouTube?. Isso não é contabilizado e deveria ser. Ela não é criminosa, ela quer ver cinema brasileiro! Ela não pode ser criminalizada por querer ver um produto que não é oferecida a ela. Você entra no YouTube e visualiza *O veneno está na mesa 1* e vê que já estamos com mais de 300 mil espectadores, *O veneno está na mesa 2*, que foi lançado há 3 ou 4 meses, já tem mais de 52 mil espectadores, o *Milton Santos* tem mais de 300 mil espectadores, então se for contabilizar, todos os meus filmes no YouTube têm muitos espectadores, mas não contabilizam, e vêm me dizer que esse tipo de cinema é um fracasso, fracasso é a política deles, esse cinema existe, esse cinema tem público e minha luta é essa, que o público alternativo de cinema seja reconhecido.

C&LC - Há uma recente decisão do Governo de dirigir mais verbas para a produção audiovisual, gostaria de comentar sobre isso?

ST - Eu ainda não estou bem informado a respeito, mas o que posso adiantar é que dinheiro para fazer cinema existe, assim como existe um grande equívoco político na maneira como esse dinheiro é aplicado, as pessoas estão acreditando muito mais na política de um cinema voltado para o entretenimento do que para a cultura. Moral da história: os argentinos têm dois Oscar e nós nenhum. Na verdade, na Argentina, o cinema é tratado como um bem cultural e que além de tudo dá dinheiro, e que por isso eles têm o reconhecimento de premiações internacionais de grandes filmes. Nós queremos fazer filmes para agradar o público, e ficamos fazendo aquelas comediinhas de 30 anos atrás, acaba que ficamos sem público e sem cinema, esse é o drama.

C&LC - Você trabalhou também com ficção. Fale-nos um pouco sobre essa experiência:

ST - Meu trabalho de ficção é muito pequeno. Trabalhei nos *Anos Rebeldes*, à época na Globo, em 1992, em que fiz mais a parte documental; fiz o *Castro Alves*, que é um filme com atores; fiz o filme *Retrato em Preto e Branco*, sobre Hipólito da Costa, o primeiro jornalista brasileiro; fiz o *Oswaldo Cruz - o médico do Brasil*, que também tem atores, mas com encenações sempre muito diferenciadas, sempre com uma estética, com um estilo muito mais documental. Eu não sei fazer ficção. Minha marca é o documentário.

C&LC - Fale sobre uma de suas obras considerada a mais importante, que é *Utopia e Barbárie*, de 2005. Como foi a realização e sua repercussão?

ST - Depende do ponto de vista. A realização foi maravilhosa porque foram 19 anos viajando pelo mundo, montando caquinho por caquinho. Fui ao Vietnã entrevistar o General Giap, são pouquíssimos os jornalistas do mundo inteiro que conseguiram entrevistá-lo, e o amigo de vocês conseguiu, isso pra mim já é um trunfo, ele cumpre 94 anos completamente lúcido. Fui a Israel e à Palestina, fui em busca da paz. Acho que é muito fácil você ser a favor da guerra, é fácil você tomar partido em um dos lados, chamar os palestinos de terroristas ou os israelenses de assassinos. É muito mais difícil você dizer: "gente vamos parar com essa guerra que só interessa à indústria de armamentos, e vamos partir para a paz, vamos partir para uma convivência de povos irmãos". Então fui fazer isso. Fui para Israel, busquei pensadores israelenses que pensam assim, busquei palestinos que pensam assim, busquei um ator israelense que

é filho de mãe judia e pai árabe, e que tinha um teatro em Jenin e, posteriormente, foi assassinado. Eu havia conseguido entrevistá-lo. Fui buscar a paz.

Assim fui viajando pelo mundo, entrevistei Galeano, Susan Sontag. Onde havia algum pensador interessante filmei. Filmei a presidenta Dilma quando ela era ainda ministra, chefe da Casa Civil, não era ainda candidata à Presidência da República, posteriormente é que veio a ser. E tudo isso pra mim foi muito interessante, e as viagens muito divertidas. Aí entra o outro lado da coisa, teve muito sucesso, mas o fato da Dilma estar no filme, em 2010, levou a que a grande mídia boicotasse o filme, assim o filme foi inteiramente boicotado. Mas hoje, terminada as eleições, não impediram a eleição da Dilma, está aí eleita presidenta da República, e o filme continua também aí, circulando livremente, e os idiotas perceberam que haviam cometido uma gafe, porque o filme não era uma propaganda da Dilma, era um filme político, no qual a Dilma fazia parte por ter sido guerrilheira. É um filme que me deu muito prazer em fazê-lo.

C&LC - Falemos agora um pouco sobre a situação de Nossa América. Há vitórias importantes, onde a esquerda tem sido vitoriosa em vários países, há importantes lutas sociais em curso. Como o seu olhar de documentarista vê esses acontecimentos?

ST - Vejo que, se você olha para o mundo hoje, verá que a América Latina é o continente onde está acontecendo alguma coisa. A Europa está um marasmo só. Quando nós começamos, no início dos anos 2000, a viver as grandes crises por conta da globalização, a Europa vinha nos dar as lições, e compraram tudo por aqui, as telefonias foram privatizadas, os espanhóis compraram, os portugueses compraram, fizeram a festa, só que o receituário que eles fizeram com a gente eles não aplicaram pra eles, e não foram mais felizes. Hoje o continente europeu está em uma tremenda crise, o continente americano, América do Norte, está em uma tremenda crise, e a Nossa América, com todos os problemas, com todos os percalços que ela tem, está lutando para se transformar, tem governos que estão sobrevivendo com grandes dificuldades, mas estão sobrevivendo, estão fazendo em escala e não estão perdendo nada. Não entendem, por exemplo, a experiência cubana, como Cuba consegue sobreviver com tantas adversidades. Os cubanos são mestres na política. Certa vez entrevistei e conversei com Fidel, eu e um grupo de estrangeiros, eu era do Comitê de Cineastas da América Latina, que ele recebia regularmente. Em uma dessas conversas ele disse: “eu sou político, não me olhem diferente”, e ele é um político, e sabe fazer política. E a última grande tacada deles é que a Rússia, do Putin, acaba de anistiar Cuba de uma dívida de 90 bilhões. Aí os norte-americanos ficam malucos! Quando acham que Cuba vai para a forca, Cuba saca um ás, tira a forca do pescoço, pega uma figura de rodeio americano e puxa em uma laçada. Acho que a América está sobrevivendo graças ao nosso talento e grandiosidade. A Nossa América. América de José Martí, América de Tiradentes, essa América que a gente gosta, América de Marighela.

C&LC - Aproveitando este tema, gostaríamos que comentasse sobre Os Cinco Heróis Cubanos. Fernando Morais escreveu o livro “Os últimos heróis da Guerra Fria”. Entre os quais, um deles está condenado a duas prisões perpétuas, todos punidos por lutarem contra o terrorismo naquela virada de 1994, quando

as ameaças contra Cuba eram muito grandes. Você pode dedicar algumas palavras pela libertação dos Cinco?

ST - Claro! Sou solidário aos Cinco Heróis! Vejo que, a bem da verdade, são reféns da onipotência norte-americana. Os norte-americanos sabem que eles não fizeram mal nenhum a ninguém. Estavam lá para se infiltrar e monitorar as organizações terroristas dos exilados cubanos que estavam tentando sabotar Cuba. Os Cinco não estavam lá para fazer o mal, e um dia os Estados Unidos vão reconhecer isso. Um dia os EUA vão reconhecer a canalhice que fizeram com eles. É triste que talvez alguns paguem com a própria vida, pois já estão presos há muitos anos... Para eles, minha total solidariedade! [Em dezembro de 2014, Os Cinco Heróis voltaram para casa!].

C&LC - Há um trabalho seu mais recente *Militares da Democracia*, de 2014, é o primeiro filme após o problema de saúde, esse período difícil que você viveu. Fale um pouco sobre isso e os novos projetos.

ST - Eu adoeci gravemente em 2011, depois de *O veneno está na mesa* fiquei tetraplégico, assunto o qual não vou me estender, porque está indo ao ar hoje, no Canal Brasil, um filme que meu amigo Noilton Nunes fez sobre mim, chamado *A arte do renascimento*, e que conta esta história minha durante este período, vale a pena vocês assistirem, está indo ao ar hoje às 22 h, [a entrevista foi realizada a 13 de julho de 2014]. Depois que eu saí inteiro, quer dizer, após ter perdido totalmente os movimentos, estando tetraplégico, não me movia em uma cama, fui salvo pelo Dr. Paulo Niemeyer, quem me salvou e me operou a medula, e estou recuperando os movimentos; estou aqui conversando com vocês, gesticulo com as mãos, fico em pé, graças a ele eu recuperei um pouco da minha liberdade. Mas, falei: enquanto eu tiver a cabeça boa, ninguém me segura, e desandei a fazer filmes. Então, fiz alguns episódios para a televisão sobre *Os caçadores da alma*, fiz recentemente *Os advogados contra a ditadura*, *Os militares que disseram não*, fiz *O veneno está na mesa 2*; estou terminando um filme para a CONTAG sobre “Agricultura tamanho família”, porque quem bota comida na nossa mesa é o pequeno camponês, não é o agronegócio; estou terminando *O poema sujo*, do Ferreira Gullar; e estou indo agora para *A alma imoral* do rabino Nilton Bonder; e não parei mais de trabalhar e espero continuar assim por um bom tempo.

C&LC (Beatriz Morais) - Numa referência ao livro do Milton Santos *Por uma outra globalização*, ele se expressa como você ao afirmar que hoje “somos códigos de barra”, vistos enquanto produtos...

ST - O Milton faz essa observação sim, talvez não tenha usado essa expressão, exatamente dessa forma, mas, primeiramente ele goza, como por exemplo, ao observarmos ontem (final da Copa do Mundo entre Alemanha e Argentina), o Brasil quase inteiro torceu pela Alemanha... e o Milton Santos diz que isso é um complexo nosso, de querer ser europeu, ele afirma isso no documentário. E quanto a essa questão de sermos códigos de barra, é uma verdade, substituíram o eleitor pelo telespectador, assista um debate eleitoral e você verá se algum dos candidatos se dirige a você “cidadão”, todos eles se dirigem a você “telespectador”, então o espetáculo é mais importante que a política, e isso está acontecendo tanto no cinema, quanto em tudo, quer dizer, nós fomos transformados, ao invés de cidadãos em consumidores, e acho que está na hora de lutar contra isso.

C&LC - O que você pode dizer para os jovens que têm interesse em trabalhar com o audiovisual?

ST - Façam do cinema uma arma de luta, uma arma de reflexão, uma arma de pensamento, vejam muitos filmes, assistam grandes filmes, vejam os filmes de grandes autores do passado, que usavam o cinema como uma forma de fazer pensar, Pasolini, Rossellini, Felini, De Sica, Godard, Glauber, Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, peguem os bons cineastas norte-americanos, europeus, brasileiros, e façam desse coquetel cultural um ponto de partida para a vida de vocês. Tenho certeza que vocês serão muito mais felizes do que ficar fazendo essa bobagem que o Brasil está produzindo hoje.

C&LC - Deixe uma mensagem aos nossos leitores?

ST - Fico muito feliz de conceder essa entrevista a vocês, acho que abordamos muitos pontos importantes, e a presença aqui de jovens geógrafos, historiadores, e, sobretudo, com desejo de fazer cinema, é um alento para quem vive disso há muitos anos, eu tenho aqui nessa sala a prova concreta de que isso se renova e que novos cineastas estão surgindo nesse momento, fico muito feliz.



Recordando o verdadeiro dragão Entrevista com George Jackson

Tradução: Rafael Carduz Rocha



Xilografura de G. Jackson

Entrevista com George Jackson realizada por Karen Wald entre 16 de maio e 29 de junho de 1971.

Karen Wald é escritora, ativista e educadora com largo conhecimento sobre a educação em Cuba.

George Lester Jackson (1941-1971) foi membro do Partido dos Panteras Negras, participou das lutas sociais da década de 1960 nos Estados Unidos, preso por doze anos, foi assassinado em uma emboscada na prisão de San Quentin. O irmão de George, Jonathan, participou de uma tentativa de resgate de prisioneiros em Marin County, Califórnia em 1970. O caso ganhou repercussão nacional, entre outras razões, pela tentativa do governo estadunidense de envolver Angela Davis no caso. A prisão da ativista mobilizou campanha internacional, que termina vitoriosa com sua libertação. Jackson inspirou o cantor e compositor Bob Dylan, autor de uma canção em sua homenagem gravada em 1971. Os recentes acontecimentos em Nova Iorque fazem ver que continua vivo o contexto de repressão e abuso policial aos pobres e afrodescendentes nos EUA que deram origem aos Panteras Negras.

A entrevista foi publicada em 1991, na obra *Cages of Steel: The Politics of Imprisonment in America* (Jaulas de aço: A Política de encarceramento nos Estados Unidos) de Ward Churchill. A versão em inglês se encontra disponível em <http://historyisaweapon.com/defcon1/jacksoninterview.html>.

Karen Wald: George, você poderia falar sobre a sua concepção de revolução?

George Jackson: O princípio da contradição entre opressor e oprimido pode ser reduzido ao fato de que a única maneira do opressor manter a sua posição é fomentando, alimentando, promovendo o desprezo ao oprimido. De que, depois de um tempo, as coisas saem do controle. Isso leva a excessos que podemos observar e os excessos são crescentes aqui no interior do estado totalitário. Os excessos produzem resistência; a resistência está crescendo. A coisa cresce em uma espiral. Ela só pode terminar de uma maneira. Os excessos levam à resistência, a resistência leva à brutalidade, a brutalidade leva a mais resistência, e, finalmente, a questão será resolvida com a custosa destruição dos oprimidos, ou com o fim da opressão. Estas são as tarefas da revolução. Ela cresce em espirais, confrontos, quer dizer, em todos os níveis. As instituições da sociedade reforçaram o *establishment* por isso eu digo que todos os níveis têm que ser atacados.

Wald: Como o movimento de libertação da prisão se encaixa nisso? Sua importância é exagerada ou artificial?

Jackson: Nós não temos que exagerar nada... Veja, a tarefa particular na qual estou envolvido neste momento, o movimento da prisão foi iniciado por Huey P. Newton e pelo Partido dos Panteras Negras. Huey e o restante dos companheiros de todo o país. Estamos trabalhando com Ericka [Huggins] e Bobby [Seale, presidente do Partido dos Panteras Negras; naquele momento eles eram corréus em um julgamento por um assassinato em New Haven, Connecticut, após acusações que foram posteriormente derrubadas], o movimento dentro da prisão em geral, o movimento para provar ao *establishment* que a técnica de campo de concentração não funcionará conosco. Não temos que fantasiar qualquer importância para o nosso movimento em particular. É uma questão muito real, muito, muito real e eu sou da opinião de que, junto com o movimento estudantil, junto com o antigo Movimento dos Trabalhadores e das Famílias, o movimento de dentro da prisão é fundamental para o processo da revolução como um todo.

Wald: Muitos dos quadros das forças revolucionárias do lado de fora foram capturados e presos. Você está dizendo que mesmo que eles estejam na prisão, esses quadros ainda pode trabalhar de uma forma significativa pela revolução?

Jackson: Bem, estamos todos familiarizados com a função da prisão como uma instituição que serve às necessidades do estado totalitário. Nós temos que destruir essa função; ao final esta função não poderá mais ser viável. É uma das instituições mais fortes que apoiam o Estado totalitário. Temos que destruir a sua eficácia, e, é isso que representa o movimento de dentro da prisão. O que estou dizendo é que eles nos colocaram nestes campos de concentração, da mesma forma com a qual eles colocam as pessoas em jaulas de tigres ou “aldeias estratégicas” no Vietnã. A ideia é isolar, eliminar, liquidar as seções dinâmicas do movimento geral, os protagonistas do movimento. O que temos que fazer é provar que isso não vai funcionar. Temos que

organizar a nossa resistência, uma vez que estamos dentro, não lhes daremos paz, a prisão vira apenas mais uma frente de luta, derrubá-la a partir de dentro. Compreende?

Wald: Mas esta batalha pode ser ganha?

Jackson: Uma boa parte disso tem a ver com a nossa capacidade de nos comunicarmos com as pessoas que estão na rua. A natureza da função da prisão no Estado policesco tem que ser explicada de forma contínua, elucidada para as pessoas que estão na rua, porque nós não podemos lutar sozinhos aqui. Ah sim, podemos lutar, mas se estivermos isolados, se o Estado for bem sucedido na realização deste objetivo, os resultados não serão construtivos para provarmos nosso ponto. Lutamos e morremos, mas esse não é o ponto, embora possa ser admirável de um ponto de vista puramente moral. O ponto é, no entanto, diante do que enfrentamos, combater e vencer. Esse é o objetivo real: não apenas para fazermos declarações, não importa quão nobres sejam, mas para destruir o sistema que nos oprime. Através de todos os meios disponíveis para nós. E para fazer isso, temos que estar ligados, em contato e nos comunicando com aqueles que estão na luta do lado de fora. Devemos nos apoiar mutuamente porque estamos todos juntos nessa. Fundamentalmente é uma única luta.

Wald: A forma de luta da qual você está falando aqui é diferente daquelas com as quais estamos mais familiarizados, como as que vêm ocorrendo no terceiro mundo, por exemplo?

Jackson: Na verdade não. É claro que todas as lutas são diferentes, dependendo de toda uma variedade de fatores particulares envolvidos. Mas muitas dessas têm semelhanças fundamentais que são mais importantes do que as diferenças. Estamos falando de uma guerra de guerrilha no país. A guerrilha, o novo tipo de lutador que se desenvolve a partir de conflitos nos países do terceiro mundo, não luta necessariamente por glória. A guerrilha luta para vencer. A guerrilha luta o mesmo tipo de luta que lutamos, que é, às vezes, chamada de “guerra dos pobres.” Não é uma forma de guerra travada com armas de alta tecnologia, ou equipamentos de ponta. Eles lutam com as armas que podem ser capturadas, quando puderem ser, armas de fogo, muitas vezes antiquadas, bombas caseiras, facas, arcos e flechas, e até estilingues, mas principalmente através da força de vontade da guerrilha para lutar e vencer, não importa o que ocorrer. Huey [P. Newton] diz que “o poder do povo vai superar o poder da tecnologia do homem”, e já vimos essa verdade ser comprovado várias vezes na história recente.

Você sabe, guerra de guerrilha não é simplesmente uma questão de tática e técnica. Não são apenas questões de atacar e se esconder ou de terrorismo. É uma questão de provar à ordem estabelecida que ela simplesmente não pode se sustentar, que não há nenhuma maneira possível deles vencerem, utilizando os meios de força à sua disposição. Temos que provar que as guerras são vencidas por seres humanos, e não por dispositivos mecânicos. Temos de mostrar que no final eles não podem resistir a nós. E iremos! Nós o faremos. Não haverá um único momento de paz para qualquer um ligado ao *establishment* em qualquer lugar onde eu esteja, ou em qualquer lugar onde estejam meus companheiros. Mas nós vamos precisar de coordenação, nós vamos precisar de ajuda. E agora, a ajuda deve vir na forma de educação. É fundamental para ensinar as pessoas lá fora, como é importante para destruir a função da prisão dentro da sociedade. Isso, e mostrar-lhes em termos concretos que a guerra

está sendo travada - agora mesmo! - e que, nesse sentido, nós realmente não somos diferentes dos vietnamitas, ou dos cubanos ou dos argelinos, ou de qualquer um dos outros povos revolucionários do mundo.

Wald: Em uma entrevista que fiz com alguns presos Tupamaros, da guerrilha urbana do Uruguai, foi levantada a questão sobre a dizimação das fileiras dos Tupamaros; camaradas mortos ou presos pelo Estado. Os entrevistados asseguraram-me que havia muito mais pessoas que se juntam às fileiras do que as que são perdidas para a repressão do Estado, e que o movimento continua a crescer. Você tem a mesma confiança sobre o Partido dos Panteras Negras, sobre o movimento revolucionário como um todo neste país?

Jackson: Nós estamos estruturados de uma forma que nos permite existir e continuar a resistir, apesar das perdas que absorvemos. Foi preparado dessa forma. Sabemos que o inimigo opera sob o conceito de “matar a cabeça e o corpo vai morrer.” Eles têm como alvo aqueles que eles enxergam como os principais líderes. Sabemos disso, e nós tomamos medidas para impedir que essa estratégia funcione contra nós. Eu sei que eu poderia ser morto amanhã, mas a luta vai continuar, haverá duzentas ou trezentas pessoas para ocupar meu lugar. Como Fred Hampton disse, “Você pode matar o revolucionário, mas você não pode matar a revolução.” Hampton, como você sabe, era chefe do partido em Chicago, e foi assassinado enquanto dormia pela polícia de Chicago, juntamente com Mark Clark, o líder do partido de Peoria, Illinois. Sua perda é enorme, mas a luta continua. Certo?

Não é apenas uma questão militar. É também uma questão educativa. As duas andam de mãos dadas. E também é uma coisa cíclica. Agora, estamos em um ciclo de pico. Há uma tremenda energia lá fora, dirigida contra o Estado. Não está toda focada, mas está lá, e se acumulando. Talvez isso seja suficiente para realizarmos e tudo o que temos que realizar a curto prazo. Vamos ver, e certamente esperamos que este seja o caso. Mas talvez não. Devemos estar preparados para travar uma longa luta. Se este for o caso, então nós provavelmente veremos um ciclo diferente, no qual a energia revolucionária do povo parecerá ter se dispersado, perderá pressão. Mas - e isso é importante - tais ciclos são enganosos. As coisas parecem estar na maré baixa, mas na verdade o que está acontecendo é um período de reagrupamento, um período em que damos um passo para trás e aprendemos com os erros cometidos durante o ciclo anterior. Nos educamos a partir de nossa experiência, e educamos aqueles que nos rodeiam. E o tempo todo, nós desenvolvemos e aperfeiçoamos o núcleo da nossa organização. Então da próxima vez que entrarmos em um ciclo de pico, estaremos muito mais prontos do que da vez anterior. É uma combinação do fator militar e do fator educativo, sempre. No final venceremos. Compreende?

Wald: Você vê sinais de progresso no interior, na prisão?

Jackson: Sim, eu vejo. O progresso certamente foi feito em termos de elevarmos a consciência de, pelo menos, alguns setores da população carcerária. Em parte, isso se deve às vitórias limitadas que alcançamos ao longo dos últimos anos. São talvez vitórias simbólicas, mas que podemos e devemos aproveitar. Por exemplo, temos lutado duro em torno da ideia de sermos capazes de nos comunicarmos diretamente com as pessoas do lado de fora. Neste ponto, qualquer pessoa na rua pode trocar cartas com qualquer indivíduo dentro da prisão. Minha sugestão é, agora que temos os canais

para a educação garantidos, pelo menos temporariamente, as pessoas do lado de fora devem começar a bombardear as prisões com jornais, livros, revistas, recortes, qualquer coisa de valor educativo, para ajudar a politizar os companheiros que ainda não atingiram uma compreensão. E nós, é claro, devemos retribuir, de forma consistente através do envio de informações sobre o que está realmente acontecendo aqui. Aliás, as entrevistas como estas percorrerem um longo caminho nessa direção. Devem haver outras iniciativas como essa.

Wald: Você revelou a meses que é, já há algum tempo, membro do Partido dos Panteras Negras. Certamente, o trabalho do Partido no estado e em outros locais, o trabalho de libertar presos políticos e, claro, o trabalho do partido dentro da comunidade negra foram fatores que influenciaram essa sua decisão. Mas o internacionalismo do Partido foi um dos aspectos-chave que o atraiu para ele? E, se este for o caso, o internacionalismo tem algum significado para as pessoas presas, e é, portanto, uma razão pela qual essas pessoas se relacionam com o Partido?

Jackson: Bem, vamos dar um passo de cada vez. Huey veio à prisão há cerca de um ano atrás, porque ele havia ouvido falar das pequenas ações que já estávamos realizando. Ele conversou conosco, e nos checou, e então decidiu nos absorver. Depois, ele me enviou uma mensagem. Ele me disse que eu era parte do Partido agora, e que o nosso pequeno grupo fazia parte do Partido também. E ele me disse que o meu trabalho atual é construir, ou ajudar a construir, o movimento dentro da prisão. Apenas isso. Como eu disse, o objetivo do nosso movimento é provar que o Estado não pode nos isolar em um campo de concentração, então eu aceitei. O que mais eu poderia fazer? Foi a coisa certa. Agora, quanto ao seu segundo ponto, as pessoas dentro da prisão, à classe dos condenados, assumiu a ideologia do partido 100%. E nós transitamos de ... Bem, não nós, eu sempre fui um internacionalista. E um materialista. Acho que eu era um materialista antes de eu nascer. Estou atualmente estudando Swahili para que eu possa ser capaz de conversar com os companheiros na África em seus próprios termos, sem ter que depender de uma língua colonial. E eu tenho estudado espanhol, que é, naturalmente, uma língua colonial, mas que é falada por milhões e milhões de camaradas na América Latina e em outros locais. Eu pretendo estudar chinês depois disso, e possivelmente árabe. Quando eu concluir esta tarefa, eu serei capaz de falar para cerca de setenta e cinco por cento das pessoas do mundo em sua própria língua, ou algo próximo a sua própria língua. Eu acho que isso é importante.

Os outros irmãos aqui estão também progredindo. E há alguns, especialmente aqueles que já eram politizados antes de virem aqui para dentro, que estão na frente. Mas como eu disse, é de extrema importância que as pessoas de fora bombardeiem este lugar com o material que irá ajudar os presos a compreender a importância do internacionalismo em sua luta. Estão chegando, mas ainda tem um caminho a ser percorrido antes que o processo educacional seja completado. A ignorância é uma coisa terrível, ser cortado do fluxo do movimento é realmente danoso. Temos que corrigir essa situação, como primeira prioridade.

Wald: Você pode receber cartas e publicações de outros países?

Jackson: Podemos receber cartas de qualquer lugar do planeta. Recebo agora coisas da Alemanha, da Inglaterra e da França, como resultado do livro ter sido publicado nesses países. E algumas cópias da *Tricontinental* começaram a chegar. Elas



Marcha sobre Washington, 1963.

já ajudaram a ampliar a visão, e explicar aos companheiros algumas coisas que eles não entendem. Isso é algo que realmente perturba os tiras. Nos últimos anos, cada vez que um prisioneiro negro avançasse intelectualmente e começasse a relacionar a nossa situação com a situação dos cubanos, por exemplo, ou dos vietnamitas ou dos chineses, ou em qualquer outro lugar no Terceiro Mundo, bem esses prisioneiros seriam rapidamente assassinados. Agora se tornou um pouco mais difícil para eles fazerem isso. Então, eu acredito que as pessoas que estão na rua devem começar a inundar as prisões com coisas como a *Tricontinental*.

Wald: Apesar de algumas vitórias tranquilas na América Latina, como a de Salvador Allende no Chile, muitas pessoas ainda acreditam que a luta armada é o único caminho através do qual a maioria dos países latino-americanos se libertará. Além disso, houve algumas vitórias recentes nos tribunais para os membros do Partido dos Panteras Negras, o caso dos Siete de la Raza [sete ativistas latinos de São Francisco absolvidos da acusação de assassinato, em 1969], e assim por diante. Você acredita que as vitórias no Chile e nos tribunais...

Jackson: Foram apaziguamentos. Allende... A única coisa que aconteceu com Allende... Olha, não foi uma “revolução pacífica”. Isso é um erro. Allende é um bom homem, mas o que está acontecendo no Chile é apenas um reflexo das aspirações nacionais da classe dominante. Você nunca vai encontrar uma revolução pacífica. Ninguém entrega seu poder sem resistência. E até que a classe dominante no Chile seja esmagada, Allende pode a qualquer momento ser derrotado. Nenhuma revolução pode ser consolidada nas condições que prevalecem no Chile. O sangue correrá por lá. Ou Allende vai derramá-lo ao liquidar a classe dominante, ou a classe dominante

vai derramar seu sangue, na hora que julgar certa. De qualquer forma, não há revolução pacífica.¹

O mesmo pode ser dito para os processos judiciais aos quais você se refere. Eles são uma ilusão. De vez em quando o *establishment* relaxa em um caso, geralmente um que, para começar, era tão ultrajante que não poderia vencê-lo sem expor de alguma forma todo o seu sistema de injustiça, e então eles desatam a tagarelar sobre “a prova de que o sistema funciona”, como ele é justo e correto. Eles nunca mencionam o fato de que as pessoas que deveriam ter recebido a justiça do sistema, muitas vezes passaram meses e meses encarceradas, e foram forçados a gastar milhares de milhares de dólares, buscando evitar passar anos e anos na prisão, antes de serem declaradas inocentes. Tudo isso para se defender contra acusações que não tinham nem base para serem apresentadas, e o estado sabia que não havia nenhuma base nelas. Em certos sistemas você começa a sua punição antes de seu julgamento, neste país se você for preto ou mulato ou político. Mas eles usam essas coisas para dizer que o sistema funciona, o que eu acho verdadeiro a partir da perspectiva deles, e para construir credibilidade para os casos que realmente contam, quando eles realmente querem despejar alguém em uma cela de prisão. A solução não é aprender a jogar com o sistema para ocasionais “vitórias” deste tipo, embora eu concorde que nestes casos, às vezes, representam uma vantagem tática. A vitória virá apenas com a destruição do próprio sistema. Nós nunca podemos nos enganar neste ponto.

Wald: Mas as alternativas, algumas vezes, têm consequências terríveis. Isso levanta a difícil questão da morte de seu irmão, Jonathan, e se sua vida pode, até certo ponto ter sido desperdiçada.

Jackson: Bem, isso é, obviamente, uma pergunta difícil para mim, porque, emocionalmente, eu gostaria muito de que meu irmão estivesse vivo e bem. Mas, se eu penso que a vida de Jonathan pode ter sido desperdiçada? Não, não creio. Acho que o único erro que ele fez foi pensar que todos os 200 porcos que estavam lá teriam algum tipo de preocupação com a vida do juiz. É claro que eles escolheram matar o juiz, e assumir o risco de matar o promotor distrital e os jurados, a fim de chegarem a Jonathan e aos outros. Pode ter sido um erro técnico. Mas eu duvido, porque eu sei que Jonathan estava muito familiarizado com as ideias militares, e eu tenho certeza de que ocorreu a ele que havia uma possibilidade de que pelo menos um porco fosse atirar, e que, se um atira, todos atiram, e que seria um massacre. Com juiz ou sem juiz. Era tudo um blefe gigantesco, sabe? Jonathan assumiu um risco calculado. Algumas pessoas dizem que isso faz dele um tolo. Eu digo que esse tipo de coragem é o que faz com que homens de sua idade sejam, em outras circunstâncias, agraciados com a Medalha de Honra do Congresso. A diferença é que Jonathan entendia de forma muito clara quem era o seu verdadeiro inimigo; enquanto que quem recebe a medalha do Congresso normalmente não. Agora, quem é o tolo?

¹ Nota da edição em inglês: De acordo com a predição de Jackson, os militares chilenos - em conjunto com a CIA, Departamento de Estado de Kissinger, e com as corporações transnacionais (nomeadamente ITT e Anaconda) - derrubaram o governo Allende, em setembro de 1973. Mais de 30.000 progressistas e Allende foram mortos durante o golpe e nos três anos seguintes. Muitos outros milhares foram levados para o exílio permanente. Os chilenos foram confrontados com o regime neofascista do coronel Augusto Pinochet desde então. Embora as eleições “para inglês ver” ocorressem em 1989, Pinochet continua no comando dos militares.

Pessoalmente, eu sinto muito essa perda. É um grande fardo sobre a minha alma. Mas eu acho que é imperativo - devemos isso a ele - nunca esquecer por que ele fez o que fez. Era para permanecer como um símbolo na frente das pessoas - na minha frente - e dizer de fato que temos tanto a capacidade quanto a obrigação de ficarmos em pé, independentemente das consequências. Ele estava dizendo que se todos nós nos levantarmos, o nosso poder coletivo vai destruir as forças que se opõem a nós. Jonathan viveu por estes princípios, ele foi fiel a eles, ele morreu por eles. Esta é a coisa mais honrosa que se possa imaginar. Ele alcançou uma certa imortalidade merecida na medida em que ele realmente teve a coragem de morrer de pé, em vez de viver por um momento de joelhos. Ele ficou como um exemplo, um farol para todos nós, e eu tenho reverência por ele, mesmo que ele fosse meu irmão mais novo.

Wald: O noticiário disse hoje que Tom Hayden² declarou em frente ao Congresso da Associação Nacional de Estudantes que ocorrerão mais ações como a tentativa de Jonathan. Você concorda?

Jackson: Eu tenho pensado muito sobre a situação. Eu não estou dizendo que essas táticas em particular, até mesmo quando executadas com sucesso, constituam a única forma revolucionária válida neste momento. Obviamente, elas não o são. Também deve haver atividades de organização de massas, incluindo grandes manifestações não violentas, a educação dos setores sociais menos desenvolvidos, e assim por diante. Estas coisas são essenciais. A revolução deve continuar em todos os níveis. Mas isso é precisamente o que faz com que essas táticas sejam necessárias, e demasiados autoproclamados revolucionários se equivocaram sobre este ponto. Tais táticas como as empregadas por Jonathan representam todo um nível - toda uma dimensão - da luta que tem permanecido quase sempre ausente do cenário estadunidense. E se é verdade que a luta armada em si e a partir de si, não basta para levar à revolução, tampouco bastam as várias outras formas de atividade. A dimensão guerrilheira do movimento, encoberta, armada, se encaixa como uma luva com a dimensão ostensiva; as duas dimensões podem e devem ser vistas como aspectos inseparáveis do mesmo fenômeno; nenhuma dimensão pode ser bem sucedida sem a outra.

Vendo as coisas objetivamente, podemos facilmente determinar que a dimensão aberta do movimento está relativamente bem desenvolvida neste momento. Ao longo dos últimos doze anos, temos visto a criação de um vasto movimento de massas em oposição ao *establishment* neste país. Eu não vou me aprofundar neste tema, porque eu tenho certeza de que todo mundo já sabe do que eu estou falando. Deve ser suficiente observar que nos últimos dois anos, o movimento tem repetidamente se mostrado capaz de colocar até um milhão de pessoas nas ruas em qualquer momento para expressar sua oposição à guerra imperialista na Indochina [esta parece ser uma referência ao Ato pelo Fim da Guerra no Vietnã, organizado em novembro de 1969 em Washington, DC]. A dimensão secreta do movimento está, comparativamente, muito atrasada neste momento atual. Em parte, isto se deve à própria natureza da atividade em questão: guerrilhas começam sempre com um pequeno número de pessoas. Mas, mais sobre este ponto, eu acho que a situação é resultado de ter havido uma forte resistência à ideia da luta armada por grande parte da suposta liderança, especialmente da liderança branca do movimento. Eu os ouço argumentando de forma

²Nota da edição em inglês: Isto ocorreu no período anterior a Hayden ter abandonado a luta revolucionária.

contrária à história, à lógica, ao simples senso comum, e tudo o mais que luta armada é desnecessária, mesmo “contraproducente”. Eu os ouço discutirem da forma mais estupidamente falaciosa que se possa imaginar que a dimensão aberta do movimento pode levar à revolução por conta própria. Esta é a mais pura bobagem, e “líderes” que se envolvem em tal murmúrio devem ser descartados sem hesitação.

Podemos apresentar uma regra simples: a probabilidade de mudanças sociais significativas nos Estados Unidos podem ser medidas pelo grau em que o fator guerrilheiro da luta, secreto, armado, é desenvolvido e consolidado. Se os contrarrevolucionários e os tolos que se arvoram como líderes, enquanto resistem ao desenvolvimento da capacidade armada do movimento forem suplantados, e a luta for, portanto, capaz de avançar em uma direção adequada, acho que vamos ver uma mudança revolucionária no país, em breve. Se, por outro lado, essa liderança for bem sucedida em fazer o trabalho do Estado, ou seja, convencer a maioria das pessoas a se apartarem da luta armada, e isolar aqueles que se comprometem a atuar como guerrilheiros do apoio das massas, que justamente deve ser deles - então a revolução será atrasada. Teremos aqui uma situação muito semelhante a do Chile, aonde o *establishment* permite que uma certa quantidade de conquistas sociais aparentes sejam obtidas, mas está pronta para retirar essas “conquistas” sempre que for conveniente. Você pode guardar as minhas palavras sobre isso: a não ser que uma verdadeira revolução ocorra, tudo o que foi adquirido durante as lutas da última década será perdido durante os próximos dez anos. Pode até não levar tanto tempo.³

No momento atual, vejo uma série de sinais muito esperançosos – indicações – muito positivas de que uma verdadeira força revolucionária está emergindo. Mais destacadamente, é claro, o caminho tomado pelo Partido dos Panteras Negras está correto. Mas há muitos outros exemplos que eu poderia citar. Mesmo na comunidade branca, temos visto o desenvolvimento, ou, pelo menos, o início do desenvolvimento, do que é necessário, com a criação da organização Weatherman. Temos claramente um longo caminho a percorrer, mas estamos caminhando, e isso é o que é importante no momento. O próprio fato de que Tom Hayden, que certamente é um revolucionário branco, esteja disposto a fazer a declaração que ele fez, e diante da audiência para a qual ele o fez, indica a verdade disto. Então, sim, eu tendo a concordar com ele e espero que estejamos ambos corretos. Pude ser claro?

Wald: Sim. Você vê uma relação entre o que aconteceu no Marin County Civic Center, entre o que Jonathan e os outros irmãos fizeram, e os tipos de coisas que acontecem no Terceiro Mundo, por exemplo, na América Latina?

Jackson: Bem, com certeza. Jonathan era um estudioso... Ele era um irmão com pensamento militar. Ele era um estudioso de Che Guevara e Ho Chi Minh, de Giap e Mao, e muitos outros. Tupamaros, Carlos Marighella. Ele prestava muita atenção aos outros guerrilheiros existentes, outras organizações revolucionárias, culturas revolucionárias em todo o mundo. Ele estava muito consciente do que estava acontecendo na América do Sul e, bem, vamos apenas dizer que cerca de noventa e nove por cento da nossa conversa foi centrada em coisas militares. Eu o conhecia bem. Ele compreendeu.

³ Nota da edição em inglês: Na verdade, levou um pouco mais de tempo; a administração Reagan da década de 80 foi necessária para validar a previsão de Jackson.

Wald: Eu ia perguntar se os revolucionários cubanos tiveram um significado de forma concreta para você e Jonathan.

Jackson: Hmmmm... Eu creio que não para o Jonathan. Mas para mim sim, porque eu estava na prisão. Eu estava apenas começando o meu tempo aqui quando Castro, Che e o restante encaminharam a revolução lá para um desfecho bem sucedido. E o alarme que se espalhou por todo o país, especialmente, você sabe, dentro do *establishment* e da polícia... Bem, vamos apenas dizer que eu, como um recém-feito prisioneiro, gostei muito disso. A libertação de outros, à custa do *establishment*, foi um impulso vicário no momento em que eu mais precisava. E, como resultado, eu sempre senti muito carinho pela Revolução Cubana.

Wald: Então você não era um anticomunista, quando você veio para a prisão?

Jackson: Ah, eu nunca fui um anticomunista. Eu suponho que você poderia dizer que eu não tinha muito conhecimento do comunismo, quando eu entrei, e assim eu não era pró-comunista de forma significativa. Mas eu nunca fui “anti”.

Wald: Mas inicialmente você não achou terrível que Cuba tinha “se tornado comunista”?

Jackson: Não, não, não! Isso é o que eu estou tentando lhe dizer. Eu estou tentando explicar que eu sempre fui fundamentalmente antiautoritário. O comunismo veio mais tarde. E quando a revolução cubana aconteceu, o simples fato dela ter perturbado tanto as autoridades daqui me fez admirá-la imediatamente e me fez querer pesquisá-la muito mais. A ideia era que, se eles não gostam disso, é porque deve ser bom. Compreende? E é isso que me levou a estudar seriamente o socialismo. Devo muito da minha própria consciência para a revolução cubana. Mas isso sou eu. Isso não significa que necessariamente foi assim com o Jonathan. Ok?

Wald: O fato de um país minúsculo e tão perto de Florida ter realizado uma revolução bem sucedida deu-lhe a sensação de que: “Se eles podem fazê-lo, nós podemos fazê-lo”?

Jackson: Sim, tanto naquela época quanto agora. Isso me levou a considerar o mito da invencibilidade. Você sabe, a ideia de invencibilidade militar dos EUA foi completamente destruído pela revolução cubana. Os EUA apoiaram Batista com mísseis e aviões, todo o necessário, e mesmo assim ele foi derrotado. Ele foi destruído por uma guerra de guerrilhas, a mesma coisa que está acontecendo no Vietnã agora. E os EUA estão perdendo novamente. O Viet Cong, eles pegam esses aparelhos sofisticados - as melhores coisas que as melhores mentes militares do mundo ocidental podem produzir - eles as pegam, as empacotam e atiram-nas de volta na cara desses idiotas imperialistas. Cuba e agora o Vietnã; esses episódios capturaram minha atenção. Tento aprender as lições de sucessos de outros povos. Agora, nesse sentido, eu tenho certeza de que a revolução cubana tinha significado para Jonathan, também.

Wald: Eu vejo que o nosso tempo está quase esgotado. Você tem alguma última observação que gostaria de fazer?

Jackson: Sim, eu gostaria de dizer PODER AO POVO! E eu gostaria de dizer que, com isso, quero dizer todo o poder, e não apenas o tipo de poder simbólico que o *establishment* está preparado para nos conceder em benefício de seus próprios fins.

Eu gostaria de dizer que a única maneira de experimentarmos mudanças é tendo o verdadeiro poder necessário para fazer tornar realidade as mudanças que queremos. Eu gostaria de dizer que o *establishment* nunca vai ser persuadido a nos dar o poder real, ele nunca vai ser enganado, ele nunca vai se sentir culpado e mudar sua forma. A única maneira de nós obtermos o poder que precisamos para mudar as coisas é conquistando-o, através da oposição aberta, brutal, física ao *establishment*. Eu gostaria de dizer que temos que usar, como dizia Malcolm X, todos os meios necessários para tomar o poder. Eu gostaria de dizer que não temos alternativas reais neste temo, e que isso é ridículo ou pior para pensar que temos. Isso é o que eu gostaria de dizer.

Resenha

SANTOS, Roberto Santana. *Coronéis e Empresários: Da Esperança da Transição Democrática à Catástrofe Neoliberal (1985-2002)*. Rio de Janeiro: Luminária Academia/Editora Multifoco, 2014.

O autor, coerente com sua opção metodológica, analisa o período final da ditadura de 1964 no Brasil a partir de referencial marxista que tem como eixo a teoria da dependência. Trata-se de um estudo sobre o Brasil em que o contexto latino-americano e a posição dos países da região na Divisão Internacional do Trabalho aparecem como elementos compreensivos de amplo espectro. Caracterizar a inserção da região no modo de produção capitalista permitirá compreender o papel das classes dominantes na crise da ditadura brasileira:

“A industrialização na América Latina surge dentro do cenário criado pela dependência, ou seja, com a separação entre produção e circulação, a superexploração do trabalho, baixa produtividade do trabalho e a formação de duas esferas de consumo, completamente apartadas do processo produtivo vigente nesses países. A baixa esfera de consumo, compressada pela produção voltada ao mercado internacional, e a alta esfera de consumo que somente se satisfaz com as importações” (p. 73).

Para compreender o papel que determinadas lideranças vão assumir nos embates a cerca dos dois projetos em disputa, o autor é enfático: “A industrialização não romperá com a dependência muito pelo contrário, a aprofunda, assim como intensifica a superexploração do trabalho” (p. 73).

Os dois projetos em debate na transição, colocava de um lado PDT e PT, de outro a direita organizada em torno de partidos claramente de direita e agrupamentos considerados de esquerda, que se alinhavam pela saída pactuada com a ditadura. O trabalho de Santos destaca as amplas mobilizações da década de 1980, especialmente a campanha das Diretas Já, que colocou milhões de manifestantes nas ruas das principais cidades brasileiras. A campanha, mesma derrotada no Congresso, influenciou os debates na Constituinte, sendo a mobilização popular responsável pelo aspecto progressista da Carta. No capítulo sobre neoliberalismo, o adiamento de sua aplicação, entre outros fatores, se deve a esta mobilização:

“A defesa dos preceito neoliberais já estava presente nos meios de comunicação pertencentes à classe dominante, além de suas agremiações partidárias e institucionais. O governo Sarney muitas vezes recebeu críticas por parte da burguesia por não diminuir a participação do Estado na economia. Porém, o grau de volatilidade política da década de 1980 não permitia uma ação governamental para implementar o ideário neoliberal” (p. 283).

“Dois projetos de reforma se enfrentaram para definir os rumos do país: um popular, de aprofundamento da democracia e de diminuição das desigualdades, o outros elitista,

que prometia uma ‘modernização’ que se baseava no consumismo e no desmonte do patrimônio público. Esses dois projetos se enfrentaram durante todos os momentos decisivos do processo de Transição na década de 1980” (p. 289).

Salta aos olhos a linha de continuidade entre a ditadura e os governos eleitos até 1998, no entanto, Santos recupera em detalhes a luta de classes que se expressou nos dois projetos acima. Com fundamentação empírica e teórica, o autor desfaz a versão oficial de história sem traumas e sem antagonismos que o pensamento dominante tenta impor, de forma cada vez mais inconsistente. Na obra, aparecem com toda sua força, a campanha das diretas, as greves operárias e o embate das forças de esquerda na Constituinte. Essa vitalidade, sem dúvida se expressa no discurso de Taiguara, no comício das diretas no Rio de Janeiro. O nome que deveria representar os comunistas revolucionários seria Luiz Carlos Prestes, para os organizadores do comício tal fala não ajudaria nos seus objetivos de transição pactuada, daí chegar-se ao nome do cantor e compositor, que ao discursar lembra os mortos da ditadura e surpreende ao dizer que estava ali, mas não gostava de política, “mas sim de revolução”.

Em boa hora chega o livro *Coronéis e Empresários*, lembrar os passos da transição no momento em que a campanha das diretas fez 30 anos é lembrar os esforços da classe trabalhadora e do povo pobre para reafirmar sua independência frente aos interesses da classe dominante.